

FLAVIANE DE OLIVEIRA PIRES PINHEIRO

**A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MODOS DE VIDA RURAL NA
MÚSICA CAIPIRA E SERTANEJA AO LONGO DO PROCESSO DE
MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para a obtenção do título de Magister Scientiae.

VIÇOSA
MINAS GERAIS - BRASIL
2018

Ficha catalográfica preparada pela Biblioteca Central da Universidade Federal de Viçosa - Campus Viçosa

T

P654r
2018
Pinheiro, Flaviane de Oliveira Pires, 1976-
A representação do espaço e dos modos de vida rural na música caipira e sertaneja ao longo do processo de modernização da sociedade brasileira / Flaviane de Oliveira Pires Pinheiro. - Viçosa, MG, 2018. xiv, 91 f. : il. (algumas color.) ; 29 cm.

Inclui apêndices.

Orientador: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Viçosa.

Inclui bibliografia.

1. Representações sociais - Viçosa (MG : Microrregião). 2. Rádio no desenvolvimento rural - Viçosa (MG : Microrregião). 3. Música sertaneja. 4. Interação rural-urbana. I. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Economia Rural. Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. II. Título.

CDD 22. ed. 302.23

FLAVIANE DE OLIVEIRA PIRES PINHEIRO

**A REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO E DOS MODOS DE VIDA RURAL
NA MÚSICA CAIPIRA E SERTANEJA AO LONGO DO PROCESSO DE
MODERNIZAÇÃO DA SOCIEDADE BRASILEIRA**

Dissertação apresentada à Universidade Federal de Viçosa, como parte das exigências do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, para obtenção do título de *Magister Scientiae*.

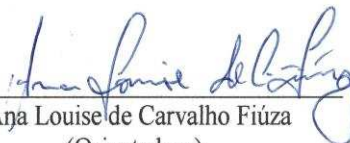
APROVADA: 12 de dezembro de 2018.



Rennan Lanna Martins Mafra



Lidiane Nunes da Silveira



Ana Louise de Carvalho Fiúza
(Orientadora)

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação aos meus pais, Jorge Antônio Pires e Terezinha Augusto de Oliveira Pires, pela razão da minha existência, às minhas queridas filhas Isabela Pires e Sara Beatriz Pinheiro, ao meu amor Carlos Alberto de Andrade Pinheiro, o Beto do Posto do Beto e a toda a minha família.

Ao meu pai que sempre incentivou os cinco filhos a estudar e sonhava que todos pudessem fazer a Pós-graduação e se tornassem mestres e doutores. À minha mãe, pelo acalento, consolo e aquela força que a gente só encontra no colinho de mãe. Às minhas filhas e ao Beto, pela paciência, compreensão, pelo amor e incentivo e a todos da minha família, irmãos, sogro, sogra, enteados, que torceram por mim o tempo todo.

Na minha infância, o meu pai sempre escutava as músicas caipiras e sertanejas de Tônico e Tinoco, Milionário e José Rico, João Mineiro e Marciano e outros artistas, numa vitrola que tinha na nossa casa, próximo a um fogão de lenha vermelhinho, brilhante, que refletia a imagem da gente nele. Aos meus nove anos de idade, meu pai levou-me, com a minha irmã Silvia, para participar de um Show nos Bairros, patrocinado pela Prefeitura. Era um show de calouros. Cantamos músicas de igreja e apenas uma música sertaneja, o que nos rendeu outras apresentações, em outros bairros e na microrregião de Viçosa-MG. Formamos a dupla sertaneja Silvia e Flaviane: “As moreninhas” e, até os dias de hoje, continuamos com a nossa dupla.

“É de sonho e de pó. O destino de um só. Feito eu perdido em pensamento sobre o meu cavalo. É de laço e de nó, de gibeira o jiló. Dessa vida cumprida a sol. Sou caipira, Pirapora, Nossa Senhora de Aparecida. Ilumina a mina escura e funda, o trem da minha vida”. (Romaria – Renato Teixeira)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida. Pelas forças que me deu para prosseguir, principalmente, depois de um Acidente Vascular Cerebral que tive, no início desta caminhada. Por ter colocado pessoas especiais como anjos ao meu redor. Por ter me recuperado totalmente. Obrigada Senhor!

À Professora Ana Louise de Carvalho Fiúza, minha orientadora, um dos meus anjos, pela presteza, dedicação, pelo amor e incentivo sempre, a mim e a todos os seus orientandos. Sem seus cuidados, não sei se teria condições de prosseguir. Foi quem me deu a mão e me conduziu por esta estrada. Foi quem, no momento em que eu mais precisei, estava ao meu lado, orientando-me e desempenhando com maestria o papel de mãe. Enfim, ensinou-me a crescer em sabedoria e a tornar-me uma pesquisadora. Muito obrigada, Professora Ana Louise, pelo seu profissionalismo e humanidade. Que Deus a abençoe e continue iluminando sua brilhante inteligência!

Gratidão aos coordenadores e professores da Pós-Graduação em Extensão Rural do DER/UFV, especialmente ao Professor Marcelo Leles Romarco de Oliveira, Professor José Ambrósio Ferreira Neto, Professora Sheila Maria Doula e todos que me apoiaram, juntamente com a Professora Ana Louise, providenciando os trâmites burocráticos do meu afastamento enquanto eu me encontrava em recuperação.

Gratidão aos colegas do Grupo de Estudos Rurais: Agriculturas e Ruralidades (GERAR) pelo companheirismo, ajuda mútua, amizade, com especial carinho por aquele(a)s que participaram da minha trajetória de vida mais de perto: Nayhara Martins, Lidiane Nunes, Kátia Fraga, Rodrigo Barros, Marcelino Mendes, Janaína Avelar, Edna Miranda, Vanessa Barros, Eliane Dutra e Bárbara Luiza. Um agradecimento especial à Nayhara Martins Gomes, que foi a responsável por me apresentar o grupo de pesquisa GERAR e ter a oportunidade de me tornar uma pesquisadora, com o sim da Professora Ana Louise, coordenadora deste grupo de pesquisa. Obrigada, também, à Professora Neide Maria Pinto, pelas contribuições na minha pesquisa no GERAR e pelo voto de confiança. A partir da minha participação no grupo GERAR, comecei a perceber a importância da representação do ‘campo’ e do ‘rural’ manifestado nas letras de música caipira e sertaneja diante as transformações da sociedade brasileira, me instigando a estudar a forma que os termos “campo” e ‘rural’ apareciam retratados na música caipira e sertaneja e eram interpretados pelos ouvintes que moram no campo e em pequenas

idades ruralizadas. A minha origem rural foi impulsionadora da minha escolha pela área de Ciências Agrárias, tanto na graduação em Administração de Cooperativas, quanto ao propor essa pesquisa nesse programa de Pós-graduação em Extensão Rural.

Gratidão aos funcionários do DER/UFV e principalmente aos funcionários da secretaria da Pós-Graduação em Extensão Rural, em especial, ao Romildo. O que seria de nós estudantes, pesquisadores, sem você, Romildo? Meu muito obrigada por tudo!

Gratidão aos professores que participaram, gentilmente, das etapas desse processo de formação. Vocês foram fundamentais para a realização de um sonho, a oportunidade de concluir o mestrado e com um tema que tem tudo a ver comigo. Obrigada pelos conhecimentos e experiências de vocês, os quais abrilhantaram ainda mais a minha, ou melhor, a nossa dissertação.

Foram presentes, poder contar com estes nomes tão especiais nesse processo acadêmico: Banca de Projeto: Gustavo Alonso, Ivonete da Silva Lopes; Debatedor do Seminário: Rodrigo Barros; e Banca de Defesa da Dissertação: Lidiane Nunes da Silveira e Rennan Lanna Mafra.

À minha ajudante do lar, Ana Cristina Apolinário, a Tuquinha, que sempre me apoiou com o seu sorriso e bom-humor, pelo cuidado e carinho com as minhas filhas.

A todos os meus amigos que, mesmo de longe, incentivam, confortam e nos encorajam. Não há como deixar de mencionar vocês, Karine Iria, Gilberto Iria, Professor Bruno Tavares e Weliton Rodrigues. Que Deus os abençoe!

Gratidão à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa concedida a esta pesquisa, a qual foi de muito valia.

Gratidão aos radialistas da Microrregião de Viçosa-MG, que se dispuseram a participar desta pesquisa, demonstrando o amor pela profissão e, sobretudo, pela música caipira e sertaneja. O meu muito obrigada!

Para finalizar, gratidão pela minha família, a minha base, o meu porto seguro. Obrigada, pai, pelo incentivo e por acreditar em mim. Obrigada, mãe, pelas orações e pelo colo quentinho e recheado de amor, carinho e dedicação. Obrigada a meus irmãos Cláudia Pires, Silvia Pires, Fernando Pires e Fernanda Pires e suas famílias. Obrigada a meus sobrinhos, cunhados, primos, tios e à minha querida sogra, dona Maria de Andrade Pinheiro e ao senhor Osvaldo Pinheiro, pela força e pelas orações.

Gratidão pelas minhas filhas Isabela Pires e Sara Beatriz Pires Pinheiro que souberam compreender minha ausência me apoiando, e aos meus queridos enteados

Diego Alberto Pinheiro e Felipe Alberto Pinheiro e suas esposas Juliana e Kamila Pinheiro, respectivamente, e a Júlia Pinheiro, minha netinha querida. Com todo o meu amor e dedicação, ao meu querido marido Beto Pinheiro, pela paciência e compreensão, sempre me apoiando e me dando forças para continuar a minha jornada. Amo todos vocês!

Graças a Deus, consegui!

BIOGRAFIA DA AUTORA

Natural de Viçosa, Minas Gerais, Flaviane de Oliveira Pires Pinheiro, filha de Jorge Antônio Pires e Terezinha Augusto de Oliveira Pires, casada com Carlos Alberto de Andrade Pinheiro, mãe de Isabela Pires Fialho e Sara Beatriz Pires Pinheiro e madrasta de Diego Alberto e Felipe Alberto Pinheiro.

Possui graduação em Administração – com habilitação em Administração de Cooperativas pela Universidade Federal de Viçosa, concluída em 2002 e Pós-Graduação Lato Sensu em MBA – Gestão de Pessoas, pela Faculdade de Viçosa, em 2009. Possui experiência na área administrativa, com ênfase em Gestão de Convênios e Gestão de Pessoas. Trabalhou na Fundação Arthur Bernardes (FUNARBE), no período de 2001 a 2011, exercendo as atividades acima. Pesquisadora do Grupo de Estudos Rurais: Agriculturas e Ruralidades (GERAR), no Departamento de Economia Rural. Bolsista Capes.

SUMÁRIO

LISTA DE ILUSTRAÇÕES	x
LISTA DE SIGLAS	xiii
RESUMO	xiv
ABSTRACT	xv
INTRODUÇÃO GERAL.....	1
ARTIGO 1 - TRANSMUTAÇÕES DA REPRESENTAÇÃO DE ‘CAMPO’ E ‘RURAL’ NA LITERATURA CIENTÍFICA E NAS ARTES	4
1 INTRODUÇÃO.....	5
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	6
3 CONCEITOS EM TORNO DAS CATEGORIAS “CAMPO” E “RURAL”, NA LITERATURA CIENTÍFICA	6
4 A REPRESENTAÇÃO DO CAMPO E DO RURAL NAS ARTES E NA PRODUÇÃO LITERÁRIA	14
4.1 A representação da ‘ruralidade’ no rádio, na televisão, no cinema e na pintura	14
4.2 A representação da ruralidade na música caipira e sertaneja.....	16
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	25
ARTIGO 2 - O OCULTAMENTO DO RURAL NA MÚSICA SERTANEJA.....	29
1 INTRODUÇÃO.....	30
2 A representação de campo e rural nas letras de músicaS caipiraS e sertanejaS .	35
3 METODOLOGIA	37
4 ANÁLISE E RESULTADOS	38
4.1 Letras de Música de Pena Branca e Xavantinho	38
4 ANÁLISE E RESULTADOS	44
4.2 Letras de Música de Chitãozinho e Xororó	44

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
ARTIGO 3 - Os radialistas e o sentido da ruralidade NOS PEQUENOS MUNICÍPIOS MINEIROS	54
1 INTRODUÇÃO	55
2 Estilos de Pensamento Karl Mannheim	61
3 METODOLOGIA	62
4 Análise de conteúdo dos radialistas da microrregião de Viçosa-MG.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	118
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAL	121
APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)	124
APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	126
APÊNDICE C – LISTA DE MÚSICAS ESCOLHIDAS PELOS RADIALISTAS DA MICRORREGIÃO DE VIÇOSA-MG.	127

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

ARTIGO 1

Figura 1 – Fotos Leo Canhoto e Robertinho e caminhoneiros.....	22
Figura 2 – Representação do ‘campo’ e ‘rural’ na música caipira e sertaneja.....	24
Quadro 1 – Características constitutivas do perfil relativo ao “Modo de vida rural” e ao “Modo de vida Urbano”	13
Quadro 2 – Letra da música “Cabocla Tereza” de João Pacífico, 1940	18
Quadro 3 – Letra da música Canção de carreteiro, 1980	21
Quadro 4 – Letra da música “Nesta longa estrada da vida”, 1977.....	22

ARTIGO 2

Figura 1 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente: Pena Branca e Xavantinho.....	40
Figura 2 – Dendrograma com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) - Chitãozinho e Xororó.....	46
Quadro 1 – Características das músicas de Pena Branca e Xavantinho: 1960-2010	41
Quadro 2 – Letras de músicas com as características marcantes do repertório de Pena Branca e Xavantinho, com base nos Segmentos de Textos (ST).....	42
Quadro 3 – Características das músicas de Chitãozinho e Xororó da década de 1960-2016	47
Quadro 4 – Letras de músicas com as características marcantes do repertório de Chitãozinho e Xororó, com base nos Segmentos de Textos (ST).....	48

ARTIGO 3

Figura 1 – Foto do Município de Viçosa-MG.....	59
Figura 2 – Mapa dos municípios pertencentes à Microrregião de Viçosa-MG.....	63
Figura 3 – Igreja de São José, do Município de Alto do Rio Doce-MG.....	66
Figura 4 – Rádio Alto Rio Doce FM 87,9, Alto Rio Doce-MG.....	67
Figura 5 - Rádio Muriqui FM e a praça do município de Araponga-MG.....	68
Figura 6 – Município de Cajuri-MG.....	70
Figura 7 – Rádio Terra Feliz FM, Canaã-MG.....	71

Figura 8 – Município de Ervália-MG.....	72
Figura 9 – Rádio Xopotó FM 87,9, Cipotânea-MG.....	73
Figura 10 – Rádio Pioneira 104,9 FM, Coimbra-MG.....	74
Figura 11 – Rádio POP FM 98,7, Lamim-MG.....	76
Figura 12 – Rádio Master 87,9 FM, Paula Cândido-MG.....	78
Figura 13 – Rádio Piranga FM, Piranga-MG.....	80
Figura 14 – Município de Porto Firme-MG.....	81
Figura 15 – Município de Presidente Bernardes-MG.....	82
Figura 16 – Rádio Rio Espera FM 98,7, Rio Espera-MG.....	84
Figura 17 – Rádio Comunitária FM 87,9, São Miguel do Anta-MG.....	85
Figura 18 – Município de Senhora de Oliveira.....	87
Figura 19 – Município de Teixeiras-MG.....	89
Figura 20 – Rádio 95 FM, Viçosa-MG.....	90
Figura 21 – Rádio Montanhesa 106,5 FM, Viçosa-MG.....	92
Figura 22 – Rádio Universitária 100,7 FM, Viçosa-MG.....	93
Figura 23 – Rádio Montanhesa 106,5 FM, Viçosa-MG.....	95
Figura 24 – Rádio Quintal FM 106,3, Viçosa-MG.....	96
Figura 25 – Dendrograma com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) – entrevistas com os radialistas da microrregião de Viçosa-MG, a respeito da ruralidade nas músicas caipiras e sertanejas.....	106
Figura 26 – Dendrograma com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) - sobre as representações que os radialistas da microrregião de Viçosa-MG, têm a respeito da ruralidade nas letras das músicas caipiras e sertanejas mencionadas por eles nas entrevistas.....	111
Quadro 1 – Radialistas e seus respectivos programas sertanejos.....	59
Quadro 2 – Relação das rádios identificadas por município.....	64
Quadro 3 – Radialistas e Estilo de Pensamento.....	96
Quadro 4 – Ranking das músicas escolhidas pelos radialistas da microrregião de Viçosa.....	98
Quadro 5 – Categorias relativas às entrevistas com os radialistas da microrregião de Viçosa-MG.....	107

Quadro 6 – Características das músicas caipiras e sertanejas mencionadas pelos radialistas da microrregião de Viçosa-MG.....	112
Quadro 7 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 1 “A música caipira tem essência, conteúdo e lição de vida”.....	113
Quadro 8 - Letras de músicas que exemplificam a categoria 2 “Relacionamento afetivo do caipira”.....	114
Quadro 9 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 3 “Desilusão amorosa”...	115
Quadro 10 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 4 “A religiosidade e fé caipira”.....	115
Quadro 11 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 5 “Contrastes entre o campo e a cidade”.....	116
Quadro 12 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 6 “A vida no campo”.....	117

LISTA DE SIGLAS

ABCAR	Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural
CHD	Classificação Hierárquica Descendente
DER	Departamento de Economia Rural
EPTV	Emissoras Pioneiras de Televisão, afiliada à Rede Globo
EUA	Estados Unidos da América
GERAR	Grupos de Estudos Rurais: Agricultura e Ruralidades
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IRAMUTEQ	Interface de R pour les Analyses. Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires
MG	Minas Gerais
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
ST	Segmentos de texto
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFV	Universidade Federal de Viçosa
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
ORNAS	Organizações não-agrícolas

RESUMO

PIRES, Flaviane de Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, dezembro de 2018. **A representação do espaço e dos modos de vida rural na música caipira e sertaneja ao longo do processo de modernização da sociedade brasileira.** Orientadora: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

Nesta pesquisa, objetivou-se analisar a forma como foram retratadas a representação de ‘campo’, como espaço físico e ‘rural’ enquanto modos de vida nas letras das músicas caipira e sertaneja, diante das transformações pelas quais a sociedade brasileira passou ao longo do seu processo de modernização. Buscou-se entender, historicamente, essas transformações onde o campo era visto apenas como agrícola, rural, e foi se modificando para um rural valorizado, espetacularizado e estilizado, numa sociedade urbano-industrial. Nessa perspectiva, esta dissertação foi estruturada em artigos, para alcançar os seguintes objetivos específicos: identificar nas letras das músicas caipiras e sertanejas, cantadas por Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó, os temas cantados, entre o período dos anos de 1920 a 1960, em que o Brasil ainda era um país com população predominantemente rural, e no período compreendido entre os anos de 1970 até os dias atuais, quando o Brasil se tornou um país industrializado, urbanizado e interconectado pelos meios de comunicação e transporte; analisar as representações que os radialistas dos pequenos municípios que compõem a microrregião de Viçosa, possuem acerca do rural na música caipira e sertaneja e identificar dentre as músicas caipiras e sertanejas mencionadas por eles, os estilos de pensamento: conservador, tradicional ou progressista. Para atingir estes objetivos, utilizou-se como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica que permitiu realizar uma revisão teórica sobre a representação de ‘campo’ e ‘rural’ e de música caipira e sertaneja, para a escolha da perspectiva trabalhada neste estudo. Também se utilizou a pesquisa documental, através das letras das músicas caipiras e sertanejas mencionadas acima, coleta de dados secundários do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e entrevistas semiestruturadas com os radialistas da microrregião de Viçosa-MG. Os resultados da pesquisa mostraram que, embora houvesse conflitos e resistências, houve mudanças, rupturas na representação do ‘campo’ e do ‘rural’ nas letras das músicas caipiras e sertanejas, expressando estilos de pensamento conservador para a música sertaneja e o estilo de pensamento tradicional para a música caipira.

ABSTRACT

PIRES, Flaviane de Oliveira, M.Sc., Universidade Federal de Viçosa, December, 2018. **The Representation of rural space and modes of life in Caipira and Sertaneja Music Along the Process of Modernization of the Brazilian Society**. Advisor: Ana Louise de Carvalho Fiúza.

This In this research, the objective was to analyze the representation of 'field', as a physical and 'rural' space as lifestyles in the lyrics of the caipira and sertaneja songs, in view of the transformations through which Brazilian society has gone through modernization process. We sought to understand, historically, these transformations where the countryside was seen only as agricultural, rural, and was changing to a valorized, spectacular and stylized rural in an urban-industrial society. In this perspective, this dissertation was structured in articles, in order to achieve the following specific objectives: to identify in the lyrics of the country music and country music, sung by Pena Branca and Xavantinho and Chitãozinho and Xororó, songs sung, between 1920 and 1960 , in which Brazil was still a country with a predominantly rural population, and in the period from the 1970s to the present, when Brazil became an industrialized, urbanized and interconnected country through the means of communication and transportation; to analyze the representations that the radioistas of the small municipalities that compose the microregion of Viçosa, possess about rural in the country music and hill country and to identify among the songs caipiras and sertanejas mentioned by them, the styles of thought: conservative, traditional or progressive. In order to reach these objectives, a bibliographical research was used as a methodological procedure that allowed to carry out a theoretical revision on the representation of 'field' and 'rural' and of caipira and sertaneja music, to choose the perspective worked on in this study. Documentary research was also used, through the lyrics of the country and backwoods songs mentioned above, secondary data collection from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) and semi-structured interviews with the radiographers of the micro-region of Viçosa-MG. The results of the research showed that, although there were conflicts and resistances, there were changes, ruptures in the representation of the 'field' and 'rural' in the lyrics of the country and backwoods songs, expressing styles of conservative thinking for the country music and the style of thought traditional music for country music.

INTRODUÇÃO GERAL

Buscou-se, nesta pesquisa, analisar as representações de ‘campo’ e ‘rural’ nas letras das músicas caipiras e sertanejas ao longo do processo de modernização da sociedade brasileira. Segundo Alonso (2015), a passagem da música caipira para a sertaneja se fez mediante disputas e confrontações com outros estilos musicais como o Rock e a Música Popular Brasileira (MPB). Oliveira (2009) defende a música caipira como a autêntica música de raiz, tradicional, representando a identidade do povo brasileiro, e a música sertaneja vinculada ao surgimento do capitalismo, com suas tecnificações e mercantilizações. Para Oliveira (2009), há uma coexistência entre a música caipira e sertaneja; entretanto, há disputas por legitimidade entre os dois universos que ora se divergem, ora se aproximam. Ainda para este autor, estudar a música sertaneja é perceber os ecos de Casa Grande e Senzala, de Gilberto Freyre, a partir das características híbridas da sociedade brasileira. Vilela (2017), em seu artigo “Caipira: cultura, resistência e enraizamento”, destaca que a música caipira possuía um papel de cronista, assumindo uma função de guardião da história para aqueles que vivem na cidade. Segundo o autor, o tempo e a racionalização dos modos de agir e pensar da sociedade urbano-industrial provocou confrontos entre o saber tradicional e o saber erudito, que a música caipira, involuntariamente, amortecia com as suas crônicas rurais.

Oliveira (2009), em sua tese de doutorado “Miguilim foi pra cidade ser cantor: uma antropologia da música sertaneja”, analisa como a música sertaneja foi desprezada, marginalizada, assim como o campo foi marginalizado pelas elites brasileiras como algo invisível na sociedade. O preconceito em relação à música sertaneja a excluiu, segundo o autor, dos interesses de estudo na academia. O autor ainda acrescenta que a partir dos anos 1990, os acadêmicos e pesquisadores da música popular apontam para a pobreza intelectual das elites brasileiras devido à ascensão mercadológica da música sertaneja em relação a outros gêneros musicais como por exemplo, o rock.

Analisando a cultura brasileira, Ortiz (1991) destaca que a cultura popular de massa, a partir dos anos 1940 e 1950, passa a revelar em termos das suas instituições de comunicações, uma diversidade: rádio, cinema, imprensa, publicidade e televisão. Contudo, para este autor, o modernismo ocorreu no Brasil, sem a modernização. Nos anos 1960 e 1970, se consolidou o mercado de bens culturais, período de organização da economia, internacionalização do capital e crescimento industrial. Mas foi também o

período do Estado autoritário, responsável pela política cultural e a expansão de um mercado de bens simbólicos tendo como influência a televisão, publicidade e jornais. Para Ortiz (1991), nos anos 1980 e 1990, discutiu-se a exaustão sobre a crise do Estado-nação e a modernidade. Mas Ortiz (1991) defende que não existe um vetor determinante do “avanço” ou do “atraso” da modernidade. O objetivo desta pesquisa foi compreender a trajetória da ruralidade na música caipira e sertaneja, buscando perceber de que forma as mesmas absorvem as transformações históricas, reconfigurando-se ao longo desse processo de modernização da sociedade brasileira. De que forma o ‘campo’ e o ‘modo de vida rural’ estão sendo retratados na música ‘caipira’ e ‘sertaneja’, ao longo do processo de modernização da sociedade brasileira? Como cantora de uma dupla sertaneja, “Silvia e Flaviane: as moreninhas”, deparei-me de forma corriqueira com as representações relativas ao ‘campo’ e ao ‘modo de vida rural’ nas músicas que canto.

Esta dissertação foi estruturada na forma de artigos e está organizada como se segue: O artigo 1, “Transmutações da representação de ‘campo’ e ‘rural’ na literatura científica e nas artes”, teve como proposta analisar como a ruralidade foi retratada na literatura científica, nas artes (poesia, pintura, cinema e, sobretudo, na música caipira e sertaneja). Dessa forma, foi possível realizar uma síntese sobre os estudos que se tornaram clássicos na literatura, analisando-se as representações de “campo” e de “rural” em tais manifestações artísticas e midiáticas.

O artigo 2, “Ocultamento do rural na música sertaneja”, teve como objetivo compreender a trajetória da ruralidade na música caipira e sertaneja a partir das letras das canções da dupla Pena Branca e Xavantinho e de Chitãozinho e Xororó. Embora esses artistas alcançassem o sucesso em contextos históricos comuns, percebeu-se características diferentes entre eles. A dupla Pena Branca e Xavantinho se manteve ligada à ruralidade, e a dupla Chitãozinho e Xororó apresentou um deslocamento temático voltado para o individualismo romântico na música sertaneja. O rural manifesta-se subsumido diante do sentimento do indivíduo que ama e sofre, voltado para um self desprendido de uma sociedade rural que o absorve e o aprisiona.

Para finalizar a dissertação, o artigo 3 “Os radialistas e o sentido da ruralidade”, teve como objetivo verificar a representação de ruralidade e os estilos de pensamento ‘conservador’, ‘tradicional’ ou ‘progressista’, dos radialistas da microrregião de Viçosa, nas letras das músicas caipiras e sertanejas. A partir das entrevistas, os radialistas tiveram

a oportunidade de escolher, dez músicas ‘caipiras’ e ‘sertanejas’ mais significativas do rural para eles.

ARTIGO 1 - TRANSMUTAÇÕES DA REPRESENTAÇÃO DE ‘CAMPO’ E ‘RURAL’ NA LITERATURA CIENTÍFICA E NAS ARTES

RESUMO

Neste artigo, o objetivo foi analisar as representações de ‘campo’ e de ‘rural’ no âmbito das artes e da mídia, dando especial atenção à música caipira e sertaneja, analisando tais representações em momentos distintos da sociedade brasileira. Como metodologia, utilizou-se a pesquisa bibliográfica dos textos que analisaram a representação da ruralidade no âmbito das artes e da mídia, empregando-se a revisão bibliográfica das concepções de “campo” e de “rural” retratadas em diferentes contextos históricos do Brasil. Foi feita uma síntese dos estudos que se tornaram clássicos na literatura e, como resultados, percebeu-se que o campo era retratado como um lugar de atraso e ignorância, e a cidade como um lugar de instrução, ambição e realização. Quanto às músicas sertanejas, acompanharam as transformações, estilizando o rural e se aproximando do modo de vida urbano.

Palavras-chave: representação social, campo e rural, música caipira e sertaneja.

ABSTRACT

In this article, the objective was to analyze the representations of 'countryside' and 'rural' in the arts and media, paying special attention to country and country music, analyzing these representations in different moments of Brazilian society. As a methodology, we used the bibliographic research of the texts that analyzed the representation of rurality in the arts and media, using the bibliographical revision of the concepts of "field" and "rural" portrayed in different historical contexts of Brazil. A synthesis of the studies that became classic in the literature was made and, as a result, it was realized that the field was portrayed as a place of backwardness and ignorance, and the city as a place of instruction, ambition and accomplishment. As for the sertanejas songs, they accompanied the transformations, styling the rural and approaching the urban way of life.

Keywords: social representation, field and rural, country music and sertaneja.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira, no período Pós-Segunda Guerra Mundial, passou por intensas transformações. A predominância da população rural deu lugar, nos anos 1970, à população urbana. A industrialização e a urbanização se alastraram, ainda que de forma diferenciada, por todo o Brasil. Entretanto, de que forma tais transformações se fizeram notar no ‘campo’ e no ‘modo de vida rural’? Como a arte imita a vida, não é de se desprezar como fonte de análise e de investigação dos impactos destas transformações na sociedade brasileira, a forma como todo este processo de mudança foi retratado na literatura, no cinema, na pintura, na música, dentre tantas outras manifestações culturais. O objetivo deste trabalho é realizar uma síntese sobre os estudos que se tornaram clássicos na literatura científica, analisando as representações de “campo” e de “rural” em tais manifestações artísticas e midiáticas. Contudo, antes de adentrar este campo de análise, o artigo se debruça sobre as discussões acadêmicas que veem se estabelecendo acerca de tais conceitos.

Este estudo se inspirou em algo semelhante ao realizado por Williams (2011), na Inglaterra, o qual estudou a representação da cidade e do campo nas poesias e na literatura inglesa, entre os séculos XVI e XX, porém, trabalharei mais especificamente com a representação de ‘campo’ e ‘rural’ na música caipira e sertaneja, conforme Oliveira (2009); Alonso (2015) e Vilela (2017). Em seu estudo, Williams chama a atenção para o fato de que as representações de “campo” e “cidade” nunca foram unívocas, havendo mesmo a coexistência de representações nostálgicas do campo convivendo com a apologia ao progresso em um mesmo período histórico, ainda que com tendência a hegemonia da referência da cidade sobre o campo, a partir do Séc. XIX. Assim, apresenta-se na primeira parte do artigo, subsequente a esta introdução, os procedimentos metodológicos utilizados para elaborar a síntese analítica tanto das concepções acadêmicas de “campo” e de “rural”, como para analisar os estudos que se voltaram para verificar as representações destas categorias na literatura e nas artes, assim como na mídia e nos eventos culturais de massa, em geral.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A fim de realizar a revisão bibliográfica das categorias ‘campo’ e ‘rural’ na literatura científica optou-se pelos autores clássicos que defendem a perspectiva teórica da distinção entre ‘campo’ e ‘rural’, ciente que há outras perspectivas teóricas entre estes termos, mas que não é o objetivo desta pesquisa. Atribuiu-se a condição de ‘clássico’ àqueles autores, internacionais e nacionais, que eram repetidamente citados ao longo dos anos, em dissertações, teses e artigos científicos. Em um segundo momento analisou-se, de forma particular, os estudos realizados por autores nacionais e internacionais, acerca da representação de ‘campo’ e ‘rural’ na literatura, no cinema, na música, na mídia e nos eventos culturais, em geral. Assim buscou-se apreender as transformações acerca destas representações ao longo dos processos de transformação histórica ocorridos a partir da passagem das sociedades pré-capitalistas para as sociedades capitalistas.

A seleção dos autores considerados como clássicos na discussão envolvendo as categorias ‘campo’ e ‘rural’, se deu mediante a identificação da sua repetição na literatura corrente sobre o tema. Assim, a repetição da citação de determinados autores em textos que discutiam tanto a conceituação das referidas categorias, como, também, aqueles estudos que se dedicaram a estudar a representação que delas se fazia no âmbito das artes, da mídia e da cultura, serviram de parâmetro para se estabelecer quais autores se tornaram referência para outros autores ao longo do tempo.

Após a junção destes autores considerados como referência para outros trabalhos científicos de menor impacto, se realizou a análise crítica das definições conceituais de ‘campo’ e de ‘rural’, agrupando-se definições que se aproximavam. A partir deste agrupamento do conteúdo por critérios de divergência, buscou-se identificar o teor explicativo que aglutinava tal concepção. Por fim, após identificar a categoria explicativa, buscou-se nomear tal perspectiva teórica, como a distinção entre as categorias ‘campo’ e ‘rural’.

3 CONCEITOS EM TORNO DAS CATEGORIAS “CAMPO” E “RURAL”, NA LITERATURA CIENTÍFICA

Dentre os autores que trabalharam com a temática campo-cidade, rural-urbano pode-se citar os estudos de Louis Wirth, Henri Lefebvre, Williams, Placide Rambaud,

como alguns dos principais clássicos da literatura acadêmica internacional. Na literatura nacional, destacam-se entre os principais autores, Antônio Cândido, com a sua obra, *Parceiros do Rio Bonito*, Maria Isaura Pereira de Queiroz, com os seus estudos sobre os bairros rurais do interior paulista, Milton Santos, com a conceituação de regiões agrícolas e regiões urbanas. Mais recentemente, destacam-se os estudos dos geógrafos lefebrianos, como, Maria Encarnação Beltrão Sposito, Ângela Endlich, Maria Lúcia Falconi Bernadelli, Marcos Saquet, Oscar Sorbazo, dentre outros, que se situam em uma vertente mais afim ao reconhecimento da força expansiva da Cultura Urbana sobre as sociedades rurais.

Esta concepção, revela uma compreensão dialética da relação entre o espaço físico (campo) e o tempo histórico (rural), por meio da qual o espaço não se encontraria definitivamente determinado, em termos da sua vinculação com marcas identitárias típicas de um tempo histórico específico. Antes, o espaço expressaria as marcas da relação dialética com o devir histórico. Nesta concepção, portanto, ‘campo’ e ‘rural’ não coincidiriam.

Nessa perspectiva, espaço e tempo são percebidos como estando em relação dialética entre si. Daí o espaço não ser percebido como algo em si, pronto e acabado, mas como estando em relação com as características socioculturais específicas de cada período histórico específico. Assim, para os autores desta perspectiva analítica, o ‘campo’ é percebido como espaço e o ‘rural’, bem como o ‘urbano’, como modos de vida, permeados pelas características socioculturais de tempos históricos muito distintos entre si. Pode-se, portanto, admitir que o ‘campo’ poderia manifestar características tanto de ‘ruralidade’, quanto de ‘urbanidade’, segundo as relações econômicas e sociais típicas em um determinado período histórico. Santos (1997) utilizou o conceito de ‘segunda natureza’, justamente, para defender a perspectiva de que as relações sociais estabelecidas em alguma porção espacial reorganizam os espaços através do trabalho. Assim, o espaço passa a assumir novas modelagens, se transformando em espaços impregnados das forças produtivas típicas de cada período histórico e em cada sociedade.

Ao se caracterizar o ‘campo’ como ruralizado, se perceberia nele o predomínio de atividades econômicas ligadas à agropecuária, à alta dependência da terra como fator de produção, à produção voltada para o autoconsumo familiar, ao uso de técnicas passadas de pai para filho, ao uso de ferramentas e implementos produtivos artesanais, à cooperação entre a vizinhança, aos casamentos realizados entre parentes, dentre tantas

outras características, como retratado por Woortmann e Woortmann (1997). Ao contrário, um campo urbanizado traria as marcas da incorporação de hábitos de consumo, o acesso às tecnologias da comunicação e da informação, expressões do potencial expansivo da “civilização urbana” e do “urbanismo como um modo de vida”. Neste sentido, Harris (1971) apud Castro (2001), chamou a atenção para a presença de um “perfil urbano” em um pequeno município brasileiro do interior da Bahia, na década de 1960, mostrando como neste pequeno lugarejo podia-se notar a absorção de padrões de urbanização no modo de vida dos seus moradores.

Autores como Sposito (2010), Endlich (2010), Lefebvre (2008), Santos (1996), Wirth (1979), dentre tantos outros, defendem a perspectiva de que o “modo de vida urbano”, embora tenha nascido na cidade, mas sem se restringir a ela, ganhando contornos expansivos, vem atingindo espaços diferenciados, ainda que em ritmos e intensidades próprias a cada contexto. Dessa forma, o acesso a bens e serviços materiais e culturais se refletiria no estilo de vida, nas condições materiais de existência, se materializando no padrão de moradia, no tempo gasto para as pessoas realizarem as suas atividades domésticas e “produtivas”, bem como nas suas formas e possibilidades de lazer.

Ao chamar a atenção para as novas atividades econômicas e de lazer desenvolvidas no campo, Endlich (2010) indaga se o modo de vida das pessoas que vivenciam estas mudanças nas suas condições materiais e imateriais de existência poderia se caracterizar, realmente, como um modo de vida rural. A autora argumenta que a resposta para esta pergunta dependeria da concepção que se assume de rural e de urbano. Segundo a autora, “rural” e “urbano” se constituiriam em formas de qualificar os espaços segundo os seus traços históricos, que marcariam as “condições de vida” em determinados períodos.

Para Sanchez-Casas (2009), “Campo” e “Cidade” não teriam conteúdo exclusivamente ou predominantemente espacial. Segundo o autor, os espaços concretizam as características do modo de assentamento, as quais refletiriam os efeitos das estratégias de satisfação das necessidades sociais. Assim, o “modo de vida rural” e o “modo de vida urbano” expressar-se-iam em modos de assentamento, marcados pelas características materiais e imateriais adotadas por determinada sociedade, as quais modelariam o espaço. Desta forma, o espaço traduziria os modos de assentamentos de um grupamento social, o que nos permitiria distinguir características socioespaciais típicas de um “campo

ruralizado”, de um “campo urbanizado”, de uma “cidade urbanizada” ou de uma “cidade ruralizada”, visto que para além dos critérios territoriais, referentes ao tamanho da população e a densidade demográfica, considerariamos os modos de assentamentos característicos de um modo de vida urbano ou rural.

Segundo Sanchez-Casas (2009), o aparecimento do excedente na agricultura marcaria o processo inicial de diferenciação entre a “cidade” e o “campo”. Entretanto, esta contradição entre “campo” e “cidade” ficaria subsumida na contradição entre “centro e periferia”, que se consolidaria com o surgimento do “Estado Moderno”. A cidade teria mudado, segundo ele, qualitativamente incorporando o campo como sua periferia, constituindo uma relação que unificaria a ambos, campo e cidade, no território nacional, o qual se tornaria a base sobre a qual se estabeleceria o Estado Moderno. Posteriormente, com a consolidação da globalização ocorreria a perda de capacidade do Estado de territorializar o suporte da formação social. Teria ocorrido, então, um novo salto qualitativo: a dialética “centro-periferia” típica do Estado Moderno teria subsumido na dialética “global-local”. Assim, o global passaria a absorver a autonomia local das diferentes formações sociais. O processo de urbanização não significaria a perda das especificidades locais, marcada pela cultura enraizada em cada localidade e dos modos de vida que sobre ela foram se tecendo. Este tecido cultural constituiria um filtro atuante no processo de interação entre campo e cidade, determinando o ritmo e a intensidade das transformações advindas do estreitamento das relações campo/cidade.

Dessa forma, quando se utiliza a categoria “Campo Urbanizado” caracteriza-se um espaço com características físicas específicas, como: pequena densidade demográfica, natureza com pequeno grau de artificialização, mas com a presença de características materiais e imateriais típicas do “modo de vida urbano”. Assim, um “campo urbanizado” poderia absorver os padrões urbanos a partir dos filtros estabelecidos pelas especificidades culturais enraizadas na sua história, na sua forma de assentamento. É neste sentido que Rambaud (1969) entende o processo de aculturação. A relação entre “campo” e “cidade” seria uma relação marcada por um ativo processo de aculturação por parte dos diferentes segmentos sociais presentes no campo. Como destaca Rambaud (1969) os rurais absorveriam a Cultura urbana na sua própria cultura, selecionando o conteúdo a ser absorvido, bem como dando forma e ritmo próprio a este processo de aculturação, o qual ainda seria de caráter individual e não coletivo. O autor aponta para o

fato de que este processo levaria a constituição do “*Canevas*” particular de cada indivíduo.

Neste estudo, o processo de urbanização do campo na França Pós-Segunda Guerra Mundial, Rambaud (1969) ressalta a atitude ativa dos rurais ao avaliarem os pontos positivos e negativos do campo e da cidade, a fim de procederem à filtragem dos aspectos que lhes convinha em ambos. Assim, destaca o autor, que os rurais associavam a cidade com o dinheiro e a descontração. Por outro lado, a cidade era vista como local que exigia das pessoas o pagamento por tudo. Todavia, a vida na cidade era vista como sendo mais fácil, com a pessoa tendo tudo à mão. Na cidade, a pessoa era percebida como capaz de se tornar mais independente da natureza, tendo mais tempo livre. Por outro lado, percebia-se a maior dependência que os trabalhadores tinham em relação ao chefe que comandava o seu trabalho, enquanto no campo, cada um sabia o que fazer e fazia como queria. Pesava-se, também, o fato de que o trabalho mais livre do campo não contava com os mesmos benefícios e garantias sociais que se tinha na cidade, como salário e garantias trabalhistas.

A educação também se constituiria em outro ponto destacado como positivo pelos rurais, principalmente, por permitir às crianças um ensino de melhor qualidade, segundo Rambaud (1969). A cidade era desejada por jovens e mulheres por ser vista como oferecendo maiores oportunidades de diversão. Em contrapartida, acreditava-se que na cidade faltava humanidade, havendo pouco convívio com a família – as pessoas eram vistas como se conhecendo, mas não se mostrando, vivendo o anonimato e a solidão. Tais representações dos rurais acerca do campo e da cidade mostram o caráter relacional que os mesmos fazem de ambas, mas, acima de tudo, destacam a forma como avaliam, de forma consciente, os “prós” e os “contras”, como se estivessem diante de uma vitrine em que pudessem escolher o melhor dos dois mundos, segundo o seu julgamento de valor. Saindo, agora, da esfera das representações dos rurais acerca do “Campo” e da “Cidade”, Rambaud passa a apresentar os contrastes que observa entre os modos de vida que se estabelecem entre um “Campo Urbanizado” e outro “Ruralizado”.

Enfim, o processo de urbanização tornaria possível perceber que no campo pode haver criança, sem haver infância; pode haver jovem, sem haver juventude; pode haver velho, sem haver Terceira Idade; pode haver mulher rural, sem haver mulher com individualidade própria; principalmente, pode haver pessoa sem haver indivíduo. Sendo assim, processo de “urbanização” seria marcado por algumas características próprias, tais

como: a diferenciação do tecido social, a crescente divisão social do trabalho, com o seu processo de especialização das funções produtivas, a diversificação dos espaços e das identidades, bem como, ainda, pela presença do Estado, em termos de aplicação das leis e prestação de serviços.

O “Campo Ruralizado” segundo Rambaud (1969) estaria caracterizado pelo falar pouco em virtude de se trabalhar muito. Preponderaria, assim, a economia de palavras, em função da supremacia do fazer face ao falar. O trabalho no campo seria solitário ou com a família, a pessoa voltar-se-ia para si mesma. Os rurais utilizariam de línguas de caráter local - os “patoás”, que seriam uma espécie de dialeto, que se caracterizam pela economia de palavras. O “patoá” pode ser visto como uma expressão da tradição de um campo ruralizado. Já a urbanização propiciaria ao indivíduo fluxos contínuos de interação, levando-as a utilizarem a fala e dentro de parâmetros normativos mais universais. Assim, a linguagem urbana propiciaria ao indivíduo o acúmulo de experiências e troca de informações com uma gama muito maior de pessoas.

Mas, se de um lado há um processo consciente de escolha e seleção por parte dos rurais acerca da formação do seu próprio “Canevas”, do seu estilo, a partir das influências da cultura urbana, por outro lado, há uma vivência inconsciente da absorção deste processo de urbanização. Ao utilizar as transformações absorvidas a partir da forma como o tempo e o trabalho passam a ser vivenciados pelos rurais, evidencia-se a sua perspectiva de englobamento universal de todos os indivíduos em um mesmo tempo histórico, ainda que ressaltando que as influências culturais trazidas com a urbanização não sejam absorvidas de forma homogênea pelos indivíduos e pelas diferentes localidades.

Na sociedade rural o tempo não teria muitas repartições, a natureza ditava o ritmo da vida, não sendo este ainda medido e tomado como mercadoria, tendo um preço e sendo pago em dinheiro. O dinheiro traria uma perspectiva de certeza porque estaria associado ao pagamento recebido pelo emprego com carteira assinada, enquanto no campo o ganho seria percebido como incerto, por depender dos caprichos da natureza: seca, enchente, pragas etc., bem como da maior inobservância dos direitos trabalhistas. Assim, a perspectiva do salário introduziria no campo uma reviravolta, sendo interpretado como um símbolo de segurança de ganho, o dinheiro tornaria presente a liberdade no campo, em virtude de diminuir o medo do risco em investimentos futuros, propiciando ao indivíduo pensar em termos de futuro, conforme destaca Rambaud (1969).

Frente a este processo de urbanização, os jovens rurais se sentiriam atraídos pela cidade, em virtude de a perceberem, antes de tudo, como lugar de trabalho com ganho seguro. Essa percepção indicaria uma noção de trabalho como emprego diferente da concepção de trabalho agrícola. A cidade por ter se tornado polo de atividades secundárias e terciárias oferece possibilidades de trabalho mais numerosos que o campo, exercendo por este fato uma atração profissional. Assim, quando o campo urbanizado passa a oferecer a ampliação de trabalhos não agrícolas e que exigem uma formação profissional, este passaria a exercer um maior atrativo para a fixação deste grupo.

O processo de urbanização no campo viria, assim, mexer com a noção tradicional de ocupação profissional. Segundo destaca Rambaud (1969), o trabalho representa uma função essencial de toda a sociedade, e caso a sociedade não possa suprir estas expectativas do grupo, este a repudia. Certamente, os rurais não percebem a falta de emprego no campo em termos de desemprego, pois essa noção é de origem urbana. “Estar desempregado” supõe que se tenha exercido uma profissão assalariada. Em contraste, o “estar sem emprego” para os rurais significa que se está procurando um tipo específico de ocupação, aquela que lhe exige estar apto a ter um lugar na esfera da produção ou da prestação de serviço qualificado.

Assim, a falta de trabalho, típica dos períodos de sazonalidade no campo ruralizado, é vista de forma diferenciada do estar desempregado em um campo urbanizado. No campo ruralizado “não estar trabalhando” significa apenas seguir o ritmo da natureza que estabelece períodos sazonais de trabalho e não trabalho. Contudo, no campo urbanizado o indivíduo vivencia o desemprego, julgando o espaço propício para construir a sua vida a partir da suficiência ou insuficiência permanente de trabalho. O mundo do trabalho constitui-se, assim, para os rurais, em mais uma fonte de confrontação entre campo e cidade, ou entre um campo ruralizado e outro urbanizado.

No Quadro 1, apresentado a seguir, estão sintetizadas algumas das características já apresentadas.

Quadro 1 – Características constitutivas do perfil relativo ao “Modo de vida rural” e ao “Modo de vida Urbano”

MODO DE VIDA	RURAL	URBANO
1 Padrões de consumo		
1.1 Alimentação	Presença significativa do autoconsumo	Gastos com alimentação (alimentos comprados e locais de alimentação)
1.2 Vestuário	Gasto restrito com vestuário (ocasiões especiais)	Gastos casuais com vestuário
1.3 Lazer	Gasto restrito com lazer	Gastos casuais com lazer
1.2 Modos de Morar		
1.2.1 Móvel	Predomínio de móvel que passa de geração para geração	Predomínio de móvel adquirida anualmente.
1.2.2 Eletrodomésticos	Básicos	Diversificados
1.2.3 Meios de comunicação	Básicos	Diversificados
1.2.4 Meios de transporte	Coletivo	Próprio
1.2.5 Estrutura física da casa (número de cômodos, existência ou não de saneamento básico, de eletricidade).	Pouco alterada ao longo dos anos	Alterada com constância ao longo dos anos
1.3 Tempo gasto		
1.3.1 No trabalho	Sem demarcações para descanso e lazer	Com demarcações para descanso e lazer
1.3.2 Para o lazer	Pequena importância	Grande importância
1.4 Capital Econômico		
Renda	Predominantemente agrícola	Predominantemente não-agrícola
Pensão, aposentadoria	Utilizada nas atividades agrícolas	Utilizada nas atividades não agrícolas
Auxílio do governo	Acessado por homens	Acessado constantemente por mulheres
1.5 Frequência de deslocamento para a cidade.	Esporádica	Semanal
2 Trabalho		
2.1 Tipo de vínculo de trabalho	Sem contrato/sem carteira assinada	Com contrato/carteira assinada
2.2 Realização do trabalho	Pela família	Com mão de obra contratada esporádica e, ou permanentemente
2.2.3 Assistência técnica	Ocasional	Frequente
2.3 Forma de gerir a propriedade.	Sem utilizar planilha de custo	Utilizando planilhas de custos
2.4 Aparato tecnológico produtivo		
2.4.1 Máquinas	Antigas	Novas
2.4.2 Insumos	Pouco usados	Muito usados
2.4.3 Mudanças nas práticas produtivas	Passadas de pai para filho	Adquiridas através de capacitação profissional
3 Acesso a Serviços		
Escola (Graus)	Ensino básico e fundamental	Ensino Médio e Superior
Hospitais, postos de saúde	Uso Municipal	Uso regional
Atendimento jurídico	Inexistente	Presente

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

4 A REPRESENTAÇÃO DO CAMPO E DO RURAL NAS ARTES E NA PRODUÇÃO LITERÁRIA

No Brasil, a valorização do campo e do rural também podem ser notadas no âmbito das artes. Euclides da Cunha, em 1902, escreve ‘Os sertões’, descrevendo a realidade do nordeste do país. Na semana de Arte Moderna de 1922, a identidade brasileira é celebrada na figura de Macunaíma e as nossas raízes são reverenciadas. Mário de Andrade, Manuel Bandeira, o maestro Villa Lobos e o Trem Caipira, dentre outros, renovam as artes e a forma de pensar o Brasil, valorizando o que era verdadeiro, nativo e original. Em 1932, o escritor José Lins do Rego retrata em ‘Menino de Engenho’, o ciclo da cana de açúcar. Já em 1956 Guimarães Rosa publica ‘Grande sertão: veredas’, dando vida a desventuras amorosas de Diadorim e Riobaldo na travessia do sertão.

Outros artistas e intelectuais destacaram a ruralidade brasileira em suas obras, na primeira metade do Século XX, no período pré-industrialização. Oswald de Andrade, com a sua poesia antropofágica, não deixou de reconhecer a contribuição da cultura europeia, mas construiu a sua obra em torno das nossas origens e do reconhecimento da identidade brasileira. Mário de Andrade, foi outro que com o seu Macunaíma, fez o elogio a um herói “preguiçoso”, autenticamente brasileiro. Para além deles, Anita Malfatti e Di Cavalcanti com as suas pinturas do cotidiano brasileiro, e os quadros dos personagens caipiras de Almeida Júnior, além de Tarsila do Amaral, com o seu brasileiríssimo Abaporu, são alguns dos marcos da Semana de Arte Moderna de 1922, que expressou o mergulho dos nossos artistas na cultura brasileira (FARACO; MOURA, 1989).

A seguir, se apresenta um recorte mais delimitado deste encontro do Brasil com a sua própria cultura, analisando, para tanto, a representação da ‘ruralidade’ no âmbito da música caipira e sertaneja, das artes, da televisão e de eventos culturais, como os rodeios.

4.1 A representação da ‘ruralidade’ no rádio, na televisão, no cinema e na pintura

Por meio do rádio, os cantadores caipiras se apresentavam, contavam os seus “causos” de forma cômica, acentuando sempre a esperteza do roceiro para pregar peça na gente instruída da cidade. Mazzaropi popularizou este traço ambíguo do caipira: ele demonstrava ser bobo, inocente, mas, também era malicioso. Face ao jogo de forças estabelecido entre a cultura urbana e a caipira, o roceiro não se vestia de submisso, mas, antes, de alguém original, com traços identitários próprios, típicos. Mazzaropi

representava o “Jeca Tatu”, de Monteiro Lobato, um ser maltrapilho, rústico, simples, de bom coração, mas que se fazia de bobo, se passava por uma pessoa inocente, mas, no fundo, mais esperta que todos, acabava levando vantagem face aqueles que dele riam.

Entre as décadas de 1960 e 1980, o cinema novo, a partir da direção de Nelson Pereira dos Santos, populariza a cultura sertanejo-caipira ao dirigir filmes como “Vidas secas”, que conta a saga de uma família de sertanejos buscando sobreviver à seca no nordeste e, mais tarde, “Estrada da vida”, que conta a trajetória dos cantores sertanejos Milionário e José Rico. Mais recentemente, em 2005, foi a vez do diretor Breno Silveira trazer para o cinema “2 filhos de Francisco”, contando a história de um pai que sonhou e batalhou para que seus filhos Zezé de Camargo e Luciano, se tornassem uma dupla sertaneja de sucesso, em um Brasil no qual a indústria cultural já indica a crescente industrialização da sociedade e do interior do país. Na televisão, programas como o “Globo Rural” mostram este crescimento do agronegócio e a forma como a figura do homem do campo é reconstruída como um herói, que em nada lembra o Jeca Tatu atrasado, mas, antes o campeão de rodeio, o produtor aberto à inovação tecnológica e ao cuidado da natureza.

Para Alem (1996), o rural “reaparece” no Brasil urbano-industrial com novos tipos sociais: o empresário agrícola capitalizado e tecnificado; o pecuarista de recorte texano, com vacas e touros de griffe; o criador de cavalos de raça; o político lobista dos interesses ruralistas; o empresário que investe em fazendas e sítios; os agro-boys; os cowboys, os peões de boiadeiro; as duplas de música pop neo-sertaneja e outros tipos sociais expressivos de novas representações do ruralismo, que ritualizam em exposições, festas do peão e eventos assemelhados e seriados uma nova construção simbólica da ruralidade, agora denominada country no Brasil. Alem (1996) analisa esse fenômeno da estilização do rural em concomitância com a expansão das formas produtivas capitalistas no campo e o avanço do progresso técnico, conjuntamente a ação política do Estado face às lutas sociais entre latifundiários e sem-terra.

Também Éboli (2007), destaca em seu estudo sobre o “Globo Rural” a forma como o programa construiu a imagem do homem do campo como “herói”, idealizando um empresário rural empreendedor, respeitador da natureza e dos direitos trabalhistas, além de aberto à inovação tecnológica. Para além de idealizar um tipo social empreendedor e trabalhador, ligado ao agrobusiness, o referido programa estiliza um modo de vida que absorve a influência do conforto urbano, domesticando a natureza em

sua relação com a cidade. A autora mostra na sua pesquisa, a importância dos meios de comunicação (televisão, internet, telefonia) como difusores de valores e padrões urbanos que influenciam a vida do homem do campo, ou seja, a presença cada vez mais forte dos elementos do “urbano” no “rural”.

No âmbito do mercado, Silveira (2015) em sua tese de doutorado “Roça: uma marca registrada”, aponta para o fenômeno do crescimento a partir dos anos de 1990, do termo roça como marca de produtos alimentícios registrados, pontos de comércio, eventos gastronômicos etc. A autora conclui, em sua pesquisa, que há uma clara valorização do termo “roça” no Brasil a partir de anos recentes, sugerindo que este fenômeno não é apenas brasileiro, mas está relacionado, dentre outros fatores, principalmente, com a valorização do que é natural, tradicional e autêntico. Assim, Silveira (2015) destaca a diversificação de programas televisivos de diferentes gêneros, os quais não estão voltados apenas para os produtores rurais: Caminhos da roça, realizado pela EPTV, afiliada à Rede Globo de Televisão, que traz receitas de prato em meio a singeleza e o acolhimento do modo de vida rural; a TV Cultura Vale do Aço, em Minas Gerais, com o programa Mineirinhos na Roça; o Programa Café na Roça produzidos na TV Band Minas; Festa na Roça, no canal regional TV Poços, da Rede Minas e TV Cultura e o programa Cozinha da Roça, veiculado por uma afiliada ao SBT. Silveira (2015) identificou, também, alguns festivais contemporâneos com a marca da ruralidade, tais como: o Roça ‘in’ Roll e também o Roça in Rio. A autora conclui, chamando a atenção para o fato de estar em curso no Brasil, um processo de ressignificação estilizada da representação de “roça” na sociedade brasileira, em termos semelhantes aos destacados por Alem (1996), em sua análise dos rodeios e do consumo da moda country.

Na sequência, analisou-se de modo mais detalhado a forma como a ruralidade é retratada na “música caipira” pré-período de industrialização, bem como na “música sertaneja” pós-período de industrialização da sociedade brasileira.

4.2 A representação da ruralidade na música caipira e sertaneja

Para Vilela (2004), a música se constitui em uma forma de intermediação entre a língua falada e o universo material e cultural dos grupos humanos, constituindo-se em um mediador para os mesmos. Nas sociedades caipiras, por exemplo, a música está presente nos ritos sagrados, como na Folia-de-Reis, na dança de São Gonçalo, na folia do Divino,

na folia de São Sebastião, na dança de Santa Cruz, dentre tantas outras manifestações religiosas. Elas também acompanham o trabalho agrícola, os mutirões, o trabalho doméstico, como o das lavadeiras que as cantam dando ritmo ao seu trabalho.

No tocante às representações de ruralidade na música “caipira” e “sertaneja” seria importante, segundo Martins (1975), percebê-las consoante aos distintos momentos em que se configuram. Segundo o autor, a entrada das gravadoras no circuito das músicas dos caipiras descaracteriza a sua função religiosa, sagrada, profanando-as. Ao se voltarem para o mercado de consumidores de massa, a música caipira passaria, portanto, a se revestir com a roupagem mercadológica da música sertaneja, ligada à indústria cultural. Adota-se, nesta pesquisa, esta distinção estabelecida por Martins (1975) entre a “música caipira” como sendo aquela que acompanha, de certa forma, o fluxo demográfico que em fins dos anos de 1970 inverteu a relação entre a população rural e urbana no Brasil. Já a “música sertaneja” se delinea com a estruturação da indústria cultural, a partir dos anos de 1980. Nos interessa, fundamentalmente, neste tópico, analisar as letras de música, embora não desconheçamos que um grande contraste existente entre a música caipira e a sertaneja se manifeste através da sua execução. Enquanto a “música caipira” é executada com viola e violão, a sertaneja já utiliza instrumentos como guitarra elétrica, teclados, bateria, incorporando gêneros estrangeiros próprios da presença da indústria cultural na sociedade brasileira (OLIVEIRA, 2009).

Nos interessa neste tópico analisar as letras de músicas dando continuidade a estudos como o de Martins (1975), para quem a música “caipira” se voltava para retratar o ciclo cotidiano das relações com a natureza e o ciclo das comemorações litúrgicas do catolicismo, enquanto na música “sertaneja” estes elementos desapareciam. Contudo, esta análise de Martins foi realizada há cerca de quatro décadas. Mas como ao longo destes mais de quarenta anos a música sertaneja vem absorvendo as transformações sociais pelas quais a sociedade brasileira vem passando? No plano estético percebe-se que a música sertaneja foi se estilizando, vestindo o campo de cidade. Mas como isso se materializa nas letras das músicas caipiras e sertanejas?

Antes, todavia, de nos fixarmos na análise das representações de ruralidade expressas nas letras das músicas sertanejas, sintetizaremos alguns traços culturais marcantes da música caipira. Nela se fazem notar as festas religiosas, como as Folias do Divino e Folia de Reis, as danças do cururu, do cateretê, se constituíam em elementos da vida cultural do roceiro. Rosa Nepomuceno (1999), descreve em seu livro “Música

caipira: ou da roça ao rodeio”, a história dos primeiros cantores e compositores deste gênero musical. A autora destaca em seu livro a trajetória de João Pacífico, que compôs, em 1944, com o apoio do escritor Guilherme de Almeida e Mário de Andrade a música “Cabocla Tereza”, que pode ser considerada um marco da ruralidade brasileira, no período pré-industrial e de urbanização ainda incipiente (QUADRO 2).

Quadro 2 – Letra da música “Cabocla Tereza” de João Pacífico, 1940

Lá no alto da montanha Numa casa bem estranha Toda feita de sapé Parei uma noite o cavalo Pra mordi de dois estalos Que ouvi lá dentro batê Apeei com muito jeito Ouvi um gemido perfeito E uma voz cheia de dô: "vancê, Tereza, descansa Jurei de fazer vingança Pra mordi de nosso amor" Pela réstia da janela Por uma luzinha amarela De um lampião apagando Eu vi uma caboca no chão E o cabra tina na mão Uma arma alumando Virei meu cavalo a galope E risque de espora e chicote	Sangrei a anca do tar Desci a montanha abaixo Galopendo meu macho O seu dotô fui chamar Vortemo lá pra montanha Naquela casinha estranha Eu e mais seu dotô Topemo um cabra assustado Que chamando nós prum lado A sua história contou: Há tempos eu fiz um ranchinho pra minha cabocla morar Pois era ali nosso ninho Bem longe desse lugar No alto lá da montanha Perto da luz do luar Vivi um ano feliz Sem nunca isso esperar	E muito tempo passou Pensando em ser tão feliz Mas a Tereza, dotô Felicidade não quis Os meus sonhos nesse olhar Paguei caro meu amor Por mordi de outro caboclo Meu rancho ela abandonou Senti meu sangue ferver Jurei a Tereza matar O meu alazão arriei E ela fui procurar Agora já me vinguei É esse o fim de um amor Essa cabocla eu matei É a minha história dotô
--	--	--

Fonte: <https://www.letras.com/joao-pacifico/389187/>

A canção destaca os traços de uma sociedade rural rústica em termos dos seus meios de vida, marcada pela precariedade dos modos de morar e pelo isolamento das casas. Uma sociedade baseada na honra do “macho”, que defende a sua “dignidade” derramando o sangue. Uma sociedade sem a presença do Estado e de laços de sociabilidade muito precários.

Segundo Alonso (2015), João Pacífico morreu sem nenhum prestígio, nem reconhecimento nacional, embora tenha sido o compositor das famosas canções: “Chico Mulato” (1937); “Cabocla Tereza” (1940); “Pingo d’água” (1944) e “Mourão da Porteira” (1952), reconhecidas como clássicos da música caipira. Seis meses antes, no mesmo ano da morte de João Pacífico, em 1998, morre aos 37 anos, Luís José Costa, o Leandro da dupla sertaneja “Leandro e Leonardo”. Em contrapartida ao esquecimento e anonimato em que morreu Pacífico, a morte do cantor sertanejo, Leandro, teve grande cobertura da

televisão, dos jornais, da mídia em geral. Compareceram ao velório artistas famosos como Chitãozinho e Xororó, Zezé Di Camargo e Luciano, dentre outros, como, também, celebridades e figuras políticas, inclusive, o presidente da República do Brasil, Fernando Henrique Cardoso. Tal fato mostra, sem dúvida, a força da indústria cultural na sociedade brasileira.

Já a sociedade caipira encontra-se muito distante deste ambiente midiático da indústria cultural. Ela se estrutura com os deslocamentos dos bandeirantes paulistas para o interior do Brasil. Estes podem ser caracterizados como verdadeiros exploradores nômades, de caráter aventureiro. Como não eram proprietários, não constituíram povoados propriamente ditos, mas povoados dispersos. A base da economia era o trabalho familiar e os “mutirões”, por meio dos quais os vizinhos se ajudavam mutuamente. A dieta do caipira era pobre e mal equilibrada, à base de feijão, arroz e milho (Candido, 1954). Em “Vida e morte do Bandeirante”, escrito em 1929 por José de Alcântara Machado, o bandeirante é retratado como sendo pobre, grosseiro e analfabeto, mas, também, um herói. Percebe-se, portanto, que os contrastes desta sociedade caipira com a sociedade urbano-industrial sertaneja são imensos.

Lippi (2003) afirma que uma das melhores formas para se conhecer a sociedade dos roceiros é por meio da música caipira. O mundo caipira cantado por João Pacífico é, também, um mundo que carrega as tradições dos migrantes, com os cateretês, os cururus, as modas de viola, as toadas, os lundus e as congadas que aprenderam com seus pais, avós e bisavós, assim como as suas crenças e religiosidade. Segundo De Paula (1998), os versos da música caipira contam as aventuras dos tropeiros, aquela gente que tocava gado, fazendo a ligação entre povoados isolados. No rastro dos tropeiros surgiu Sorocaba, no interior do Estado de São Paulo, dando lugar ao longo do Século XVIII, à maior feira de muares da região. Daí ter se tornado, Sorocaba, uma das cidades precursoras dos rodeios. De Paula (1998) e Lippi (2003) também destacam como berço desta sociedade caipira, as sociedades marcadas pelo rastro do café, pois nelas se observava a presença de dinheiro, emprego para os imigrantes, a presença de lavradores, tropeiros, boiadeiros, aventureiros, entre outros.

Mas esta sociedade rural não permanece fechada sobre si mesma e isolada do mundo, conforme defendia Candido (1954), a respeito da decomposição da vida caipira na sociedade paulista. O caipira tinha a opção de se modernizar mediante o processo de modernização ou permanecer resistente às tradições e costumes ou ainda se aculturar,

assumindo um modo de vida urbano. Neste sentido, González (2017), em seu artigo “Ô de casa!: gramofones na roça e caipiras na fonografia (1929)”, mostra como o ventríloquo paulista Batista Júnior, em fins da década de 1920, no seu programa de rádio no estúdio Columbia, coloca a roça dentro da cidade ao recriar com sua voz, sons que ilustravam a paisagem em que se passava a cena, o latido de cachorros, dando ambiência aos costumes e ao modo de vida caipira do povo da roça. Segundo González (2017), Batista Júnior retratava a simplicidade e a tranquilidade dos habitantes da roça, estabelecendo uma crítica negativa à modernização urbana.

Para Vilela (2017), a música caipira contou histórias e transmitiu valores não apenas às populações de caipiras migrantes. Por exemplo, a marcha para o Oeste empreendida por Getúlio Vargas, ficou registrada nas narrativas da música caipira, ao retratar a mudança da economia agrícola para a pastoril, em suas temáticas, como pode-se perceber nas músicas Pingo d’água, Boi soberano e Rei do gado. Com o avanço para o oeste, houve, também, a aproximação das culturas paraguaia e brasileira. Com esta aproximação, os ritmos paraguaios como a guarânia e a polca, conhecida como rasqueado ou chamané, passaram a fazer parte da música caipira. A música Índia, gravada por Cascatinha e Inhana, que vendeu em 1952 dois milhões e meio de cópias, refletiu este momento da marcha para o Oeste. Assim, na década de 1950, Miguel Aceves Mejia também difundia ritmos como a rancheira, o huapango para a música caipira.

Mas não apenas a marcha para o Oeste ficou registrada nas letras das músicas caipiras, dos anos 1950. Este foi um período de grandes transformações tecnológicas, culturais e ideológicas, marcado pelo início da Guerra Fria entre EUA e URSS, pela abertura de mercado, pelo início da TV no Brasil, mas, sobretudo, por uma inflexão rumo à industrialização e urbanização do país. Neste ambiente da Guerra-Fria, os Estados Unidos expandem a sua influência sobre o Brasil, que se abre econômica e culturalmente. Vários ritmos caribenhos como o bolero, o cha-cha-cha, a rumba, o calipso e o mambo foram absorvidos pela música caipira. Segundo Vilela (2017), nos anos 1960, os filhos de migrantes nascidos na cidade, recebiam uma educação tradicional e caipira em casa, mas, “moderna” na rua, no trabalho e na escola. Com a intensificação do movimento migratório em direção aos grandes centros urbanos, o mercado fonográfico passa a investir na figura dos “caubóis da cidade”. É neste contexto, que Léo Canhoto e Robertinho vão dar vida à canção country Apartamento 37, mergulhados no amor romântico, do mundo interior, sendo as poucas referências externas, o pó da estrada e a

solidão vivida no apartamento: “Meu endereço vou deixar esclarecido. Porque, talvez, alguém a possa encontrar. Moro na rua da amargura vinte e cinco. Apartamento 37, quinto andar”. A seguir a letra completa da Canção de Carreiro de Léo Canhoto e Robertinho, no QUADRO 3.

Quadro 3 – Letra da música Canção de carreiro, 1980

<p>Eu sou carreiro, eu sou brasileiro Não sou desordeiro, não sou valentão E é bom que eu diga não gosto de intriga Mas tendo uma briga eu não fujo não.</p> <p>Arrasto o progresso, a Deus eu só peço Amor com excesso a todos meus irmãos Enfrento a dureza, não quero riqueza Trabalho sorrindo, disfarço a tristeza Pra ver a grandeza da nossa nação.</p> <p>Com a carga pesada eu vivo na estrada Mas em minha amada estou a pensar Sigo meu caminho, tropeço em espinhos Lembro dos barrigudinhos, me ponho a chora</p>	<p>Às vezes ferido, mal compreendido De queixo erguido eu sigo a rodar Em minha jornada não penso em mais nada Mundo sem porteira, ô vida dana...da</p> <p>A carga pesada, preciso entregar Eu sou carreiro, sou bom brasileiro Pra ver o progresso minha luta é febril Jesus eu lhe peço meu bom companheiro Olhe os caminhoneiros do nosso Brasil.</p>
--	---

Fonte: <https://www.letras.com/leo-canhoto-e-robertinho/974802/>

Segundo Vilela (2017), passam então a conviver neste período histórico dos anos 1960 dois estilos musicais: o “caipira”, com as modas de viola, com o seu canto duetado; e o “sertanejo” com as guitarras eletrificadas, órgãos, bateria, temáticas urbanas, que incorporam a balada romântica, o country e o rock. Léo Canhoto e Robertinho, nos anos 1970 e início de 1980, podem ser considerados uma transição entre estes dois mundos: o rural e o urbano. O estilo country começa a se fazer notar na referência estilizada ao rural que os cantores caipira-sertanejos vão adotando em seu modo de vestir: calça jeans apertadas, óculos escuros, cinto com revólver, bota de couro (FIGURA 1). A música caipira começa, assim, a incorporar o universo urbano, especialmente, a estrada, que guarda a sina errante e sedentária do caipira desbravador do sertão.

Figura 1 – Fotos Leo Canhoto e Robertinho e caminhoneiros.



Fonte: Arquivo da autora.

Doravante, a música sertaneja vai ser ouvida, também, por caminhoneiros, empregadas domésticas, pedreiros e uma diversidade de outros trabalhadores manuais oriundos da zona rural dos mais recônditos municípios do interior do Brasil. E para eles a música sertaneja vai falar, como nos versos de Milionário e José Rico, de 1977, “Nesta longa estrada da vida” (QUADRO 4), na qual a esperança de ser campeão no mundo competitivo capitalista, vai amalgamar a sina aventureira do “roceiro errante do sertão” ao “cowboy dos rodeios e dos asfaltos”.

Quadro 4 – Letra da música “Nesta longa estrada da vida”, 1977

Nesta longa estrada da vida Vou correndo e não posso parar Na esperança de ser campeão Alcançando o primeiro lugar Na esperança de ser campeão Alcançando o primeiro lugar	Este é o exemplo da vida Para quem não quer compreender Nós devemos ser o que somos Ter aquilo que bem merecer Nós devemos ser o que somos Ter aquilo que bem merecer
Mas o tempo cercou minha estrada E o cansaço me dominou Minhas vistas se escureceram E o final da corrida chegou	Mas o tempo cercou minha estrada E o cansaço me dominou Minhas vistas se escureceram E o final desta vida chegou

Fonte: <https://www.letras.com/milionario-e-jose-rico/47389/>

A partir dos anos de 1980, o romântico sertanejo ganha a cidade com duplas como Chitãozinho e Xororó, enquanto a música caipira vai se encolhendo e sendo revisitada de forma nostálgica, esporadicamente. A descrição da natureza, dos animais, especialmente o boi, do modo de vida do roceiro, com a sua religiosidade, vai se subsumindo em um Brasil industrializado. Reduz-se o espaço da música caipira voltado para se contar a história dos fracos, dos vencidos, dos que se sujeitaram, mas não tombaram, como afirma Vilela (2017). Já Oliveira (2009), Garcia (2017), relatam a mudança das modas de viola

em relação ao sertanejo instrumentalizado, com as temáticas urbanas. As modas de viola com suas “lições de vida”, cantadas de terças ou sextas vozes vão se obscurecendo com o avanço da sociedade urbano-industrial, mas o cantar em duplas permanece.

Alonso (2015), em seu livro “Cowboys do Asfalto”, afirma que a passagem da música caipira para a sertaneja se fez mediante disputas e confrontações, as quais se manifestaram também em âmbito mais amplo, em relação ao Rock e a Música Popular Brasileira (MPB). As músicas sertanejas eram classificadas em relação a estes outros gêneros musicais como cafonas, de mau gosto, sendo taxadas de “breganeja” e “sertanejo”, apontando para a inferiorização da música caipira e sertaneja em relação a outros gêneros musicais. Reproduzia-se, na música a inferiorização social e econômica do “campo” em relação à “cidade”, que colocava socialmente o campo como o lugar do atrasado, do rústico, do simples, do precário, enquanto a cidade era representada como o lugar do progresso, da riqueza, da prosperidade, do conhecimento. Os intelectuais e jornalistas da cidade comparavam os sertanejos com o Jeca Tatu de Monteiro Lobato, – um ser preguiçoso, sujo, ignorante – em função de muitos dos cantores caipiras e sertanejos terem trabalhado na lavoura e em plantações, ou como pedreiros e pintores, em circos itinerantes etc.

De acordo com Alonso (2015), só a partir de 1990 é que de fato ocorre a cristalização da música sertaneja com o sucesso generalizado alcançado pela música “Entre tapas e beijos” de Leandro e Leonardo. A partir de então, os sertanejos saíram do submundo para a casa da Dinda. Tornaram-se amigos de presidentes, como Collor. Segundo Alonso (2015), rotula-se os “sertanejos fabricados pela indústria cultural” como apoiadores da direita e, os “caipiras-raiz”, juntamente com os cantores da MPB, como artistas da esquerda. Para tal oposição contribuiu, ainda, o jeito de vestir dos sertanejos, o corte dos cabelos, que foi sedimentando uma imagem folclórica do caipira. Em 2005, de acordo com Alonso (2015), o sertanejo universitário ganha as paradas de sucesso, revestindo a música sertaneja com o status de artistas oriundos do mundo urbano-universitário, ao incorporar cantores que cursavam faculdade. Artistas como João Bosco e Vinícius, Jorge e Mateus, Victor e Léo, Michel Teló, Luan Santana, Gustavo Lima dentre outros, alcançaram grande expressividade no “sertanejo-universitário”. A grandiosidade dos palcos nos quais se apresentam os cantores do sertanejo-universitário marca este novo estilo. As suas apresentações são realizadas em palcos montados em grandes festas de rodeio, ou em grandiosos palcos internacionais. As músicas destes

cantores ganham o mundo, como o grande sucesso da música “Ai se eu te pego”, de Michel Teló. Alem (1996) e Éboli (2007), chamam a atenção para a estilização do rural incorporado à moda country: vestuário de cowboy, chapéus, botas texanas, cintos com fivelas personalizadas etc. Nesse período, segundo Alonso (2015), não somente as “fronteiras” entre o campo e a cidade vão se desfazendo, também vai acontecendo uma maior aproximação entre os artistas sertanejos daqueles da MPB. Mas não somente as fronteiras entre o campo e a cidade se atenuam na música, como também aquelas relativas ao gênero. A partir dos anos de 2015, o sucesso das cantoras sertanejas, como Paula Fernandes, Marília Mendonça, Nayara Azevedo, Maiara e Maraisa, Simone e Simaria, parece atenuar a longa desigualdade de gênero que marcou a presença em segundo plano de cantoras como Roberta Miranda. A Figura 2 apresenta uma linha do tempo, indicando a trajetória da representação do ‘campo’ e ‘rural’ na música caipira e sertaneja ao longo dos anos, frente à modernização da sociedade brasileira.

Figura 2 – Representação do ‘campo’ e ‘rural’ na música caipira e sertaneja



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo procurou evidenciar a forma como as transformações socialmente vividas no Brasil, ao longo do Século XX e XXI, foram retratadas na música caipira, na música sertaneja e no sertanejo universitário. A pesquisa evidenciou que a música caipira trouxe as marcas da sociabilidade do roceiro, o seu mundo material, permeado pela presença do boi, da boiada, do sertão, da vida rústica. A música sertaneja, por sua vez, apresentou as marcas da vida errante e desgarrada no asfalto, da solidão da vida, também, nos apartamentos, do ideário de ser um vencedor em um mundo competitivo. Os rodeios, as guitarras eletrônicas e o country marcaram esse novo estilo de um rural estilizado, em que o sertanejo-universitário selou de vez a subjugação do rural ao urbano-universitário. Assim, não apenas o caipira foi rendido, como, também, o cowboy do asfalto, viram os meninos e meninas da universidade estilizarem o rural e o campo a um ‘vago’ detalhe subsumido no palco preparado para multidões que já não estão mais sedentas de um mundo bucólico, mas, antes, do mundo subjetivo do encontro amoroso do ‘eu’ com o seu par romântico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALEM, João Marcos. **Caipira e Country: A nova ruralidade brasileira**. Tese de Doutorado. São Paulo, 1996.
- ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto: Música sertaneja e modernização brasileira**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- AMARAL, Aracy A. **Tarsila: sua obra e seu tempo**. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- ANDRADE, Mário de. **Macunaíma: o herói sem nenhum caráter**. 33. ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Livraria Garnier, 2004.
- ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago e outros textos**. São Paulo: Penguin & Companhia das Letras, 1928.
- BANDEIRA, Manuel. **O amigo do rei**. Rio de Janeiro: Biblioteca, 1986. 45 p.
- BERNADELLI, M. L. Falconi da Hora. **Contribuição ao debate sobre o urbano e o rural**. SPOSITO, M. E. B et al (Org.). In: Cidade e Campo relações e contradições entre urbano e rural. 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da Colonização**. São Pulo: Editora Companhia das Artes, 1992

CALDAS, Waldemyr. **O que é música sertaneja?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALDAS, Waldemyr. **Acorde na aurora:** música sertaneja e indústria cultural. 2. ed. São Paulo: Companhia Editora nacional, 1979.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito.** Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1964.336p.

CHIAPPINI, Lúcia. Do Beco ao Belo: Dez Teses sobre o Regionalismo na Literatura. **Estudos Históricos**, v. 8, n. 15, p. 153-9, 1995.

CUNHA, Euclides. **Os sertões.** Cidade: Editora Nova Cultura Ltda., 2003.

DE PAULA, Silvana Gonçalves. O country no Brasil contemporâneo. **História, Ciências, Saúde.** Manguinhos, Rio de Janeiro, p. 273-286, 1998.

ÉBOLI, Renata do Lago. **Globo Rural:** Mito e Realidade do homem do campo. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2007. 144p.

ENDLICH, Ângela Maria. **Perspectivas sobre o urbano e o rural.** SPOSITO, M. E. B et al (Org.). In: Cidade e Campo relações e contradições entre urbano e rural. 2.ed. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

FARACO & MOURA. **Língua e Literatura.** São Paulo: Ática, 1998.

FRESSATO, Soleni Biscouto. **Caipira sim, trouxa não:** representações da cultura popular no cinema de Mazzaropi e a leitura crítica do conceito pelas Ciências Sociais. Tese (Doutorado). Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2009. 282 f.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala:** formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51 ed. rev. São Paulo: Global, 2006.

GARCIA, Rafael Marin da Silva. Um paradoxo entre o existir e o resistir: a moda de viola através dos tempos. **Estudos avançados.** v. 31, n. 90, 2017. Disponível em:

GONZÁLEZ, Juliana Pérez. “Ô de casa!”: gramophones na roça e caipiras na fonografia (1929). **ArtCultura**, Uberlândia, v. 19, n. 34, p. 39-56, jan.-jun. 2017.

GULLAR, Ferreira. Disponível em: <http://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-ferreira-gullar/> Acesso em: 2 set. 2017.

CASTRO, E. G. Estudos de comunidade: reflexividade e etnografia em Marvin Harris. **Rev. Universidade Rural** (Série Ciências Humanas). Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 195-210, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **Problemas de sociologia rural.** In: MARTINS, José de Souza (org.). Introdução crítica a sociologia rural. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

LEITÃO, Jóyce Oliveira. The relationship between caipiras and the urbanization process expressed in the sertaneja music produced from 1920 to 1980. **Revue Franco-Brésilienne de Géographie**. v. 30, 017. Disponível em:
LOBATO, Monteiro, 1882-1948. **Urupês**. 2 ed. São Paulo: Globo, 2009.

LOPES, Ivonete da Silva. A representação do rural na televisão pública brasileira. **Dinámica de la cultura de la ciudadanía y de la inclusión social**. v. 20. n. 495. Oct. – Dic.), 2016.

MACHADO, José Alcântara. **Vida e morte do Bandeirante**. Cidade: Editora, 1929.

MARTINS, José de Sousa. **A linguagem dos humilhados**. In: Capitalismo e Tradicionalismo: Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo. Pioneira, 1975.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música Caipira: da roça ao rodeio**. Goiás: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Allan de Paula. **Miguilim foi pra cidade ser cantor: uma antropologia da música sertaneja**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina. 2009.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Do caipira picando fumo a Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio. **Revista USP**, São Paulo, n.59, p. 232-257, 2003.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. **O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1973.

RAMBAUD, Placide. **Société Rurale et Urbanisation**. 1ª ed. Paris: Ed. du Seuil, 1969.

ROSA, João Guimarães. **Grande sertão: Veredas**. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SANCHEZ-CASAS, Carlos. **La centralidad de el modo de asentamiento durante el predominio de la contradicción campo-ciudad**. In: Sociedad, sistema y habitat. Madri: Los libros de la Catarata, 2009. p. 198-266.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1997.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no Sudeste paranaense**. SPOSITO, M. E. B et al (Org.). In: Cidade e Campo relações e contradições entre urbano e rural. 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SILVEIRA, Lidiane Nunes. **Roça, uma marca registrada: o processo de valorização do rural na sociedade brasileira**. Tese (Doutorado). Universidade Federal de Viçosa, 2015.

SOBARZO, Oscar. **O urbano e o rural em Henri Lefebvre**. SPOSITO, M. E. B et al (Org.). In: Cidade e Campo relações e contradições entre urbano e rural. 2.ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2010.

SPOSITO, M. Encarnação Beltrão, et al. Cidade e campo. Relações e contradições entre urbano e rural. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2010. 11-80 p.

TELÓ, Michel; PIUNTI, André. **Bem sertanejo**: a história que conquistou o Brasil. 1. ed. São Paulo: Planeta, 2015.

VEIGA, J. E. da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores associados, 2002. 304p.

VILELA, Ivan. 2004. **Na toada da viola**. Revista USP no 64. São Paulo, Edusp.

VILELA, Ivan. Caipira: cultura, resistência e enraizamento. **Estudos avançados**. v. 31, n. 90, 2017.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura; tradução Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

WIRTH, L. **O urbanismo como modo de vida**. In. VELHO, G. O. O fenômeno urbano. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. 133 p.

WOORTMANN, Ellen; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra**: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1997.

ARTIGO 2 - O OCULTAMENTO DO RURAL NA MÚSICA SERTANEJA

RESUMO

A ruralidade no Brasil tem sido valorizada positivamente a partir da década de 1990, com a diversificação econômica das sociedades rurais, que crescentemente têm deixado de ser exclusivamente agrícola. Esta valorização do campo e do modo de vida rural pode ser observada nas telenovelas, em programas jornalísticos voltados para o rural e dentre tantas outras esferas da cultura, também na música. Este artigo tem o objetivo de analisar na música caipira e na música sertaneja representadas respectivamente por Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó, os temas nelas expressos, observando ainda de forma mais específica a intensidade com que o modo de vida rural nelas aparecem. Como metodologia, analisou-se por meio do software IRAMUTEQ, as letras de 562 músicas destes artistas. Os resultados mostraram que apesar de ambas as duplas cantarem entre as décadas de 1970 e 2000, a dupla Pena Branca e Xavantinho revelaram nas letras de música por ela cantada, uma representação da ruralidade de caráter mais tradicional. Em contrapartida, as letras de música de Chitãozinho e Xororó apresentaram no seu repertório uma perda de centralidade da temática rural a qual foi substituída por sentimentos do indivíduo que ama e sofre. Conclui-se, portanto, que a presença do rural se atenua na passagem da música caipira de Pena Branca e Xavantinho para a música sertaneja de Chitãozinho e Xororó, notando-se uma maior presença do subjetivismo e do individualismo romântico em detrimento dos aspectos envolvendo o modo de vida rural.

Palavras-chave: Representação de campo e rural, modos de vida, música caipira, música sertaneja, Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó.

ABSTRACT

Rurality in Brazil has been positively valued since the 1990s, with the economic diversification of rural societies, which have increasingly ceased to be exclusively agricultural. This appreciation of the countryside and the rural way of life can be observed in soap operas, in journalistic programs aimed at the rural and among many other spheres of culture, also in music. This article aims to analyze in the country music and country music represented respectively by Pena Branca and Xavantinho and Chitãozinho and Xororó, the themes expressed in them, observing even more specifically the intensity with which the rural way of life appears in them. As methodology, it was analyzed through the software IRAMUTEQ, the lyrics of 562 songs of these artists. The results showed that although both pairs sing between the 1970s and 2000s, the duo Pena Branca and Xavantinho revealed in the lyrics they sang, a representation of the more traditional rurality. In contrast, the lyrics of Chitãozinho and Xororó presented in their repertoire a loss of centrality of the rural theme which was replaced by feelings of the individual who loves and suffers. It is concluded, therefore, that the presence of the rural is attenuated in the passage from the country music of Pena Branca and Xavantinho to the country music of Chitãozinho and Xororó, noting a greater presence of subjectivism and romantic individualism to the detriment of aspects involving the country. rural way of life.

Keywords: Field and rural representation, ways of life, country music, country music, Pena Branca and Xavantinho and Chitãozinho and Xororó.

1 INTRODUÇÃO

A sociedade brasileira no período Pós-Segunda Guerra Mundial passou por intensas transformações. A predominância da população rural deu lugar, nos anos de 1970, à população urbana. A industrialização e a urbanização se alastraram de forma diferenciada, entretanto, expressiva por todo o Brasil. Como a arte imita a vida, não é de se desprezar como fonte de análise e de investigação dos impactos destas transformações na sociedade brasileira, a forma como todo este processo de mudança foi retratado na literatura, no cinema, na pintura, dentre tantas outras manifestações culturais, também na música. Se a sociedade brasileira mudou é preciso considerar que a música também vai revelar esta mudança. Este artigo se propôs a compreender a trajetória da ruralidade na música caipira-sertaneja de Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó, considerados os ícones da música caipira e sertaneja brasileira. Estes artistas alcançaram o sucesso em contextos históricos comuns, mas com características diferentes, ou seja, um mais ligado à ruralidade e o outro apresentando indícios de subjetivismo e individualismo romântico na música sertaneja. Este ocultamento do rural, progressivamente, foi substituído por um sentimento interior de um indivíduo que ama e sofre, voltado para um self desprendido de uma sociedade rural que o absorve e o aprisiona.

José Ramiro Sobrinho, o Pena Branca nasceu em Igarapava, São Paulo em 1939, em uma época em que a população rural era predominante no Brasil e as indústrias ainda sem expressividade. Como relata Alonso (2015), ele aprendeu com o pai a tocar algumas notas no cavaquinho, as quais foram transpostas para a viola. Já o irmão, Ranulfo Ramiro da Silva, o Xavantinho, nasceu em Martinésia, Minas Gerais em 1942, no mesmo contexto histórico de ruralidade que Pena Branca. Os irmãos foram criados em Uberlândia, Minas Gerais. Ainda segundo Alonso (2015), eles cantavam em mutirões, bares, folias de reis e quermesses. Portanto, em um contexto histórico marcado por um rural bem tradicional, caracterizado pela cultura caipira. Candido (1964), em seu livro *Os Parceiros do Rio Bonito*, descreve as práticas do “mutirão”, que era uma ajuda mútua para os vizinhos que mais precisassem, no município paulista e também o cotidiano da roça, do cultivo de mandioca, da dura vida de trabalho caipira da mesma forma que os irmãos Pena Branca e Xavantinho vivenciaram.

Os cantores gravaram o primeiro LP, *Velha Morada*, em 1980, e se tornaram conhecidos com a Música Popular Brasileira (MPB), de Milton Nascimento e Chico Buarque, “Cio da terra” que retrata a natureza, a agricultura, o alimento: “Afagar a terra/conhecer os desejos da terra/cio da terra, a propícia estação/e fecundar o chão” e o cultivo, produção como um milagre do pão através da germinação do trigo: “Debulhar o trigo/recolher cada bago do trigo/forjar no trigo o milagre do pão/ e se fartar de pão”. Embora esta dupla tenha adentrado no estilo da MPB, se mantiveram dentro de uma abordagem restrita ao rural. Da mesma forma, as participações no Programa Som Brasil, com o apresentador Rolando Boldrin, na Rede Globo de Televisão, consagraram a dupla caipira, visto que este Programa, só recebia artistas que cantavam a música caipira raiz e com instrumentalização composta por viola e violão. Segundo Paula (2012), em sua dissertação de mestrado “A religiosidade na voz de Pena Branca e Xavantinho”, a dupla caipira possuía uma característica peculiar expressa em suas canções: a religiosidade, a qual se constitui um traço típico do modo de vida rural. Segundo a Revista Jangada do Brasil (1999), além do jeito simples de cantar, a dupla resistiu bravamente a “metamorfose musical”, mantendo um estilo musical caipira (ZAN, 2008).

A carreira de Pena Branca e Xavantinho durou 38 anos e foi interrompida pela morte de Xavantinho em 1999. Mesmo em carreira solo, Pena Branca continuou a cantar a ruralidade até sua morte aos setenta anos de idade, em 2010. Já Chitãozinho e Xororó, uma dupla também formada por irmãos, nasceu em 1954 e 1957, respectivamente, no Paraná, ou seja, em torno de uma década após Pena Branca e Xavantinho, num contexto histórico de expansão da industrialização e da urbanização do Brasil. Iniciaram a carreira artística em 1970 e em 1979 tiveram o primeiro grande sucesso, a canção ‘Sessenta Dias Apaixonado’ : “Viajando pra Mato Grosso, Aparecida do Taboado/Lá conheci uma morena, que me deixou amarrado/Deixei a linda pequena por Deus confesso desconsolado/Mudei meu jeito de ser/Bebendo pra esquecer, 60 dias apaixonado...” Entretanto, percebe-se então, a mudança da temática rural para a temática romântica. Como relata Alonso (2015), os irmãos deixaram as apresentações em circos de forma que demonstra a ruptura de profissionalização dos pequenos palanques para se apresentarem em grandiosos palcos sertanejos com instrumentalização moderna, industrialmente composta por guitarras elétricas, teclado e bateria. Percebe-se assim, uma “metamorfose” na música sertaneja de Chitãozinho e Xororó (ZAN, 2008).

Ainda, segundo Alonso (2015), estes receberam o nome de Chitãozinho e Xororó pela semelhança das vozes deles com dois passarinhos Inhambuxitã e o Xororó: “Eu não troco o meu ranchinho amarradinho de cipó/ Por uma casa na cidade, nem que seja bangalô/ Eu moro lá no deserto, sem vizinho, eu vivo só/ Só me alegra quando pia lá pra aqueles cafundó/ É o inhambu-chitã e o chororó...” Os cantores colocaram o “X” no lugar do “ch”.

A semelhança dos nomes com os passarinhos é uma forma de se reportar ao campo, à natureza, ao rural. A dupla não agradou do nome relacionado aos pássaros, pois, achavam o nome muito “caipira”, o que lhes parecia remetê-los à figura do Jeca Tatu de Monteiro Lobato. Além do jeito “jeca” de ser, era considerado preguiçoso e ficava de cócoras picando fumo, como no quadro de Almeida Júnior pintado em 1893 ou ainda quando se apresentava doente (LIPPI, 2003). Por isto, os artistas afirmavam que queriam ser uma dupla sertaneja (CARVALHO, 2007; ALONSO, 2015; TELÓ; PIUNTI, 2015). Percebe-se este preconceito não apenas no Brasil, mas em outros locais do mundo, um exemplo pode ser observado nos estudos de Bussotti (2017), em que a representação da África nas músicas italianas, mostra a discriminação, preconceito subentendido nas entrelinhas das músicas e a representação folclórica dos africanos. Ainda com nome de Irmãos Lima, o gênero caipira se transmuta em sertanejo rompendo, em 1980, as portas das rádios FMs e o horário nobre da televisão brasileira, adotando a instrumentalização eletrônica em suas apresentações (DEL BIANCO; PRATA, 2018). Nestas apresentações o que se nota é uma dupla marcada pela preocupação com a profissionalização a partir da implementação de novos instrumentos nos shows e também uma banda moderna ocupando os novos palcos que anteriormente eram os picadeiros dos circos para as grandes festas de peão de boiadeiro. Sem contar ainda com a estética country, tipo americana com modernos chapéus, botas, vestuários estilizados, a qual influenciaram muito a carreira de Chitãozinho e Xororó (ALEM, 1996; LIPPI, 2003).

Observa-se então, uma profissionalização e modernização destes artistas no cenário da música sertaneja no Brasil. Com isto, a venda de discos da dupla atingiu a marca dos 37 milhões de cópias, adentrando uma indústria cultural que vai se tornando poderosa no direcionamento das duplas sertanejas então formadas. Com a produção de discos em larga escala pela indústria cultural, a divulgação das músicas nas rádios foi de suma importância, visto que, o rádio é um poderoso meio de comunicação para a difusão

das canções, permitindo o consumo da população em massa (DEL BIANCO; PRATA, 2018).

Segundo Alonso (2015), Chitãozinho e Xororó com a influência do rock através da dupla Leo Canhoto e Robertinho e da música mexicana, da guarânia paraguaia e do bolero nas canções de Milionário e José Rico, adotaram a estética do Velho Oeste americano, encenando durante anos, a peça “O pistoleiro da Ave-Maria”, o qual era um banguê-banguê que eles interpretavam os personagens americanos Johnny e Jesse. Percebe-se então, uma mudança na passagem da música caipira, tradicional em que está presente a ruralidade, para a música sertaneja moderna, com a implementação da instrumentalização eletrônica, a importação de gêneros estrangeiros e a mudança de temática nas canções sertanejas.

Embora haja diferentes perspectivas sobre os conceitos de música caipira e sertaneja, o que não é o objetivo deste artigo, utilizaremos o pensamento dos pesquisadores a seguir. Martins (1974; 2014), defende a ideia de que a música sertaneja não deve ser confundida com a música caipira, pois para o autor, a música caipira faz parte das regiões sudeste e centro-oeste, originadas das antigas manifestações religiosas como é o caso da Folia do Divino, da Folia de Reis, da dança de São Gonçalo e do cateretê ou ritual profano. Pena Branca e Xavantinho vivenciaram estes costumes e tradições. Já a música sertaneja expressa as Folias de Reis, no entanto, não expressam o ritual das Folias de Reis. Assim como Chitãozinho e Xororó que também cantaram a natureza e a religiosidade, mas como meros expectadores. Portanto, para Martins (1974; 2014), a música sertaneja é uma música-mercadoria, pois ocorreu a “ruptura do trabalho no tempo cíclico e cósmico da relação do homem com a natureza. A música sertaneja é música da vulgaridade do cotidiano” (MARTINS, 2014, p. 120). Este autor também diz que a música sertaneja não é participativa, ou seja, pode ser ouvida e efetuar outra atividade ao mesmo tempo. Ao contrário da música caipira que é participativa e construída coletivamente. Segundo Nepomuceno (1999), Zuzi Homem de Melo retrata que a música sertaneja deixou de representar o campo, se tornando oportunista e a semelhança que existe com o mundo rural é o tema de boi e peão, devido aos grandes rodeios que atraem grande público (CARVALHO, 2007). Para Martins, a música sertaneja sempre foi instrumento de preconceito contra o pobre, o trabalhador rural e o migrante (MARTINS, 2014 p. 121). Por isto, a música sertaneja é a expressão do conservadorismo ideológico das classes dominantes, às vésperas da Revolução de 1930, capaz de provocar a desordem, a falta de

moral, de princípios, de respeito, lugar de confusão e desencontros. A música sertaneja também mobiliza o caipira como contraste da cidade, tornando crítica conservadora à cidade industrial e moderna.

Caldas (1979) corrobora com Martins na distinção da música caipira e sertaneja. Para Caldas, segundo Menezes (2008), a música sertaneja é originária da música caipira e subordinada à indústria cultural (ADORNO, 2015). Já a música caipira, ele considera como “manifestação espontânea”. A música caipira possui como características a função de “facilitar” as relações sociais na comunidade caipira, o amadorismo, o folclore e não possui um compositor, pois as canções são criadas coletivamente em ritos locais e possui um tempo longo para padrões comerciais. A música caipira é cantada de forma anasalada onde é mais rítmica do que melódica. Em contrapartida, a música sertaneja é um produto da indústria cultural para a obtenção de lucro, é uma música mais melódica do que rítmica e houve a inclusão e substituição de instrumentos musicais e a redução do tempo da música limitado a 3 minutos, como exigência das gravadoras. Os compositores e músicos se concentram na cidade de São Paulo, possui “discurso profano”, a música alcançou sucesso comercial no país e é “exportada” como “modalidade do folclore brasileiro” (MENEZES, 2008).

Portanto, de acordo com Martins (1974; 2014), Caldas (1979), Lippi (2003); Menezes (2008) e Alonso (2015), a dupla Pena Branca e Xavantinho se enquadra na música caipira por retratar a ruralidade, a natureza, a religiosidade, enquanto a dupla Chitãozinho e Xororó mesmo em alguns momentos tendo também retratado o campo, a natureza e a religiosidade, adentraram o espaço do subjetivismo romântico de forma mais acentuada do que retrataram o modo de vida rural. Chegaram a um romantismo o qual se volta para o interior do indivíduo que ama e sofre. Portanto, com a mudança do tema e a modernização instrumental, Chitãozinho e Xororó é considerada uma dupla sertaneja.

Percebe-se, então, que na música caipira e sertaneja, nas representações acerca do rural de Pena Branca e Xavantinho, a discografia relata elementos diferenciais em relação à música sertaneja de Chitãozinho e Xororó. Pretende-se neste artigo, analisar de que forma os temas são apresentados nas letras das músicas caipira e na música sertaneja de ambas as duplas. Há algum contraste? Questiona-se, desse modo, de que forma os temas são expressos nas letras das músicas caipira e sertaneja de Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó observando de forma mais específica como os modos de vida rural nelas aparecem? É o que se verá nos próximos tópicos nas quais apresentamos a

representação de campo e rural, a metodologia e a análise e discussão dos resultados da investigação a partir das letras de música de Pena Branca e Xavantinho e de Chitãozinho e Xororó.

2 A REPRESENTAÇÃO DE CAMPO E RURAL NAS LETRAS DE MÚSICAS CAIPIRAS E SERTANEJAS

Para realizar a análise das representações acerca do campo e do modo de vida rural nas letras das músicas caipira-sertanejas de Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó é necessário, inicialmente, se compreender o que são as “representações sociais”.

Neste artigo, assume-se a interpretação de que a representação é uma forma de interpretar e pensar o cotidiano individual e grupal em relação a situações, eventos, objetos e comunicações ao redor dos indivíduos. “A representação social é um conhecimento prático, tornando-se um instrumento para a comunicação numa mesma linguagem” (SÊGA, 2000 p.130). Enfim, a representação social é o processo estabelecido entre o mundo e as coisas. Segundo Candau (2005), a memória é uma categoria de pensamento que permite a organização, classificação, categorização dos pensamentos antigos, promovendo uma ancoragem de algo novo. Ambas as duplas utilizaram a memória, o saudosismo do campo, da natureza, a tranquilidade que o meio rural oferece. Williams (2011) define o campo como um espaço vinculado a paz, a inocência, a simplicidade, mas também como um lugar de atraso, ignorância e limitação, quando contraposto à cidade representada como um centro de realizações, de saber, de comunicações, um lugar com barulho e ambição. Pena Branca e Xavantinho cantaram essa ruralidade idílica, quando deixaram o interior, a roça e foram para São Paulo em busca de melhores condições de vida. Silveira (2015) chama a atenção para a forma como o termo roça expressa uma forte referência na cultura brasileira relativa tanto ao espaço de cultivo, como também indicando a vinculação a um modo de vida caipira no Brasil. Chitãozinho e Xororó também cantaram o saudosismo do campo, mesmo tendo em seu repertório uma música moderna, porém eles foram mais longe.

O rural “reaparece” no Brasil urbano-industrial com novos tipos sociais: o empresário agrícola capitalizado e tecnificado; o pecuarista de recorte texano, com vacas e touros de griffe; o criador de cavalos de raça; o político lobista dos interesses ruralistas; o empresário que investe em fazendas e sítios; os agro-boys; os cow-boys, os peões de

boiadeiro; as duplas de música pop neo-sertaneja e outros tipos sociais expressivos de novas representações do ruralismo, que ritualizam em exposições, festas do peão e eventos assemelhados e seriados uma nova construção simbólica da ruralidade, agora denominada country no Brasil (ALEM, 1996). O autor analisa esse fenômeno da estilização do rural em concomitância com a expansão das formas produtivas capitalistas no campo e o avanço do progresso técnico, conjuntamente à ação política do Estado, face às lutas sociais entre latifundiários e sem-terra. Reconstrói uma percepção do rural, não mais ligado à rusticidade, ao atraso e à simplicidade como o Jeca Tatu maltrapilho, mas um rural ressignificado, estilizado.

Também Éboli (2007), destaca em seu estudo sobre o “Globo Rural” a forma como o programa construiu a imagem do homem do campo como “herói”, idealizando um empresário rural empreendedor, respeitador da natureza e dos direitos trabalhistas, além de aberto à inovação tecnológica. Para além de idealizar um tipo social empreendedor e trabalhador, ligado ao agrobusiness, o referido programa estiliza um modo de vida que absorve a influência do conforto urbano, domesticando a natureza em sua relação com a cidade. A autora mostra, na sua pesquisa, a importância dos meios de comunicação (televisão, internet, telefonia) como difusores de valores e padrões urbanos que influenciam a vida do homem do campo, ou seja, a presença cada vez mais forte dos elementos do “urbano” no “rural”. As pesquisadoras Martinez-Costa; Prata (2018), em seu estudo sobre o rádio, afirma que esse veículo de comunicação tem-se esforçado para buscar a audiência nos velhos e novos cenários de comunicação, com um novo modelo de escuta e consumo do rádio. Podemos inferir que os artistas Chitãozinho e Xororó se enquadram nessa estilização do rural, pois cantavam a ruralidade com uma nova estética visual através de grifes com a marca Chitãozinho e Xororó e importação de gêneros estrangeiros na estética musical. Através da vendagem de seus discos, com a participação da indústria cultural, foi possível alcançarem o sucesso e daí adquirirem grandiosas fazendas luxuosas.

Alonso (2015) é outro autor que destaca o processo de estilização do modo de vida rural, ao destacar em seu estudo sobre a evolução da música sertaneja, desde sua origem em 1929, com a gravação de Cornélio Pires, passando pelos conflitos entre a música caipira e sertaneja e outros estilos de música como MPB, Axé, Rock, até chegar nas apresentações de shows dos sertanejos universitários pelo país. Corrobora explicações de Alonso (2015), dos autores Silveira (2015), de Nepomuceno (1999), Lippi (2003) que, a

partir de 1980, a música sertaneja renasceu devido ao crescimento do agribusiness, pela valorização do rural e destaque das cidades do interior que passaram a serem vistas pela boa infraestrutura em detrimento da crise das grandes aglomerações urbanas. Houve também o sucesso das novelas com temáticas rurais como ‘Pantanal’ (1999) e ‘A História de Ana Raio e Zé Trovão’ (1991), na extinta Rede Manchete e ‘O Rei do Gado’ (1996), na Rede Globo de Televisão.

3 METODOLOGIA

A realização deste trabalho ocorreu da seguinte forma: primeiramente, foram feitas leituras sobre a biografia das duplas Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó. Nos Periódicos da Capes, pesquisou-se como palavras-chaves o nome das duplas Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó e foram encontrados apenas dois arquivos, uma Monografia de conclusão do curso de História com o título “As Toadas do Sertão: Música Sertaneja e Sociabilidades no Interior das Gerais vida e obra de Pena Branca e Xavantinho” de Marcus Vinícius de Freitas Reis (2008) e uma dissertação de mestrado com o título “A religiosidade na voz de Pena Branca e Xavantinho”, de autoria da pesquisadora Andréa Cristina de Paula (2012). Também relatos no trabalho de Rosa Nepomuceno (1999) “Música caipira: da roça ao rodeio”. Em relação à Chitãozinho e Xororó nos periódicos da Capes encontrou-se um artigo com o título “Picando fumo à Chitãozinho e Xororó, ou da roça ao rodeio” de Lúcia Lippi de Oliveira (2003) e na Tese de Doutorado que se transformou no livro de Gustavo Alonso (2015) “Cowboys do asfalto: Música sertaneja e modernização brasileira”. Na obra de Michel Teló e André Piunti (2015), “Bem sertanejo: a história que conquistou o Brasil”, foram encontradas referências que enfatizaram a importância desta dupla sertaneja no cenário brasileiro. Também foram feitas buscas na internet de reportagens de jornais e revistas, e para encontrar a discografia dos cantores e das letras de músicas foram utilizados os sites Vagalume e Letras, assim como a página oficial da dupla Chitãozinho e Xororó.

Em uma segunda etapa, como moldura de amostragem, foram organizadas duas listas de músicas: uma referente às 136 canções de Pena Branca e Xavantinho, que fazem parte dos álbuns da carreira da dupla e outra, referente às 426 letras de músicas da dupla Chitãozinho e Xororó, que embora mais novos, foram mais vendáveis e gravaram mais que Pena Branca e Xavantinho. As listas musicais foram importadas, separadamente, para

o software Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). Através deste software é possível fazer uma análise de conteúdo, conforme Bardin (2011), agrupando as palavras contidas nas letras das músicas, dentro de categorias que agregam estas palavras segundo a um mesmo sentido ou a sentidos que se relacionam. As divisões que são feitas de uma classe (categorias) em relação a outra, também mostram uma complementariedade entre elas. As repartições de uma classe aparecem entre outras duas, significando que houve um desmembramento deste sentido em duas subcategorias, mas que partiram desta maior. A linguagem técnica do programa é traduzida dentro de um dendrograma, o qual é uma árvore cujos galhos são as suas classes. A sua lógica é a de uma raiz de onde partem os sentidos. Então, o termo técnico para expressar esta ramificação é uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD). Descendente por quê? Porque de uma estrutura, de um tronco maior, descendem outros.

Por meio deste software é possível, também, fazer vários testes e gerar um dendrograma com Classificação Hierárquica Descendente (CHD), o qual será mostrado nos quadros 1 e 4, a seguir das letras das músicas de cada dupla para, então, proceder a análise através do radical das palavras. As letras de músicas foram analisadas pelo programa e reagrupadas em Segmentos de Texto (RST), ou seja, de trechos do texto mais significativos.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

4.1 Letras de Música de Pena Branca e Xavantinho

Com o objetivo de identificar a representação de campo e rural nas letras de músicas da dupla Pena Branca e Xavantinho, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) das 136 músicas mostrou que o corpus se dividiu em seis classes ou seis categorias (grupos) com 555 Segmentos de Texto (ST) que se tratam de frases recortadas pelo programa, as quais apontaram para um aproveitamento de 80,88% de significância das letras das músicas analisadas.

Observa-se que o dendrograma parte do tronco, que é a classe 6, subdividida em duas ramificações ou ramos: na primeira ramificação as classes 2 e 3 e na segunda ramificação, a classe 5 a qual subdividiu nas classes 1 e 4. No Dendrograma a Classe 6, que é o tronco da árvore, pode ser chamada de natureza sacralizada das letras de Pena Branca e Xavantinho através das palavras: esperança, manto, chão, chuva, semente, terra,

fruto, colheita, pão, remetem ao simbolismo religioso daquilo que germina, à vida que brota, à esperança que nasce, ao sagrado. A natureza é usada para expressar um sentido de esperança, do colher, da fartura. Esta é a espinha dorsal do repertório das letras de música de Pena Branca e Xavantinho.

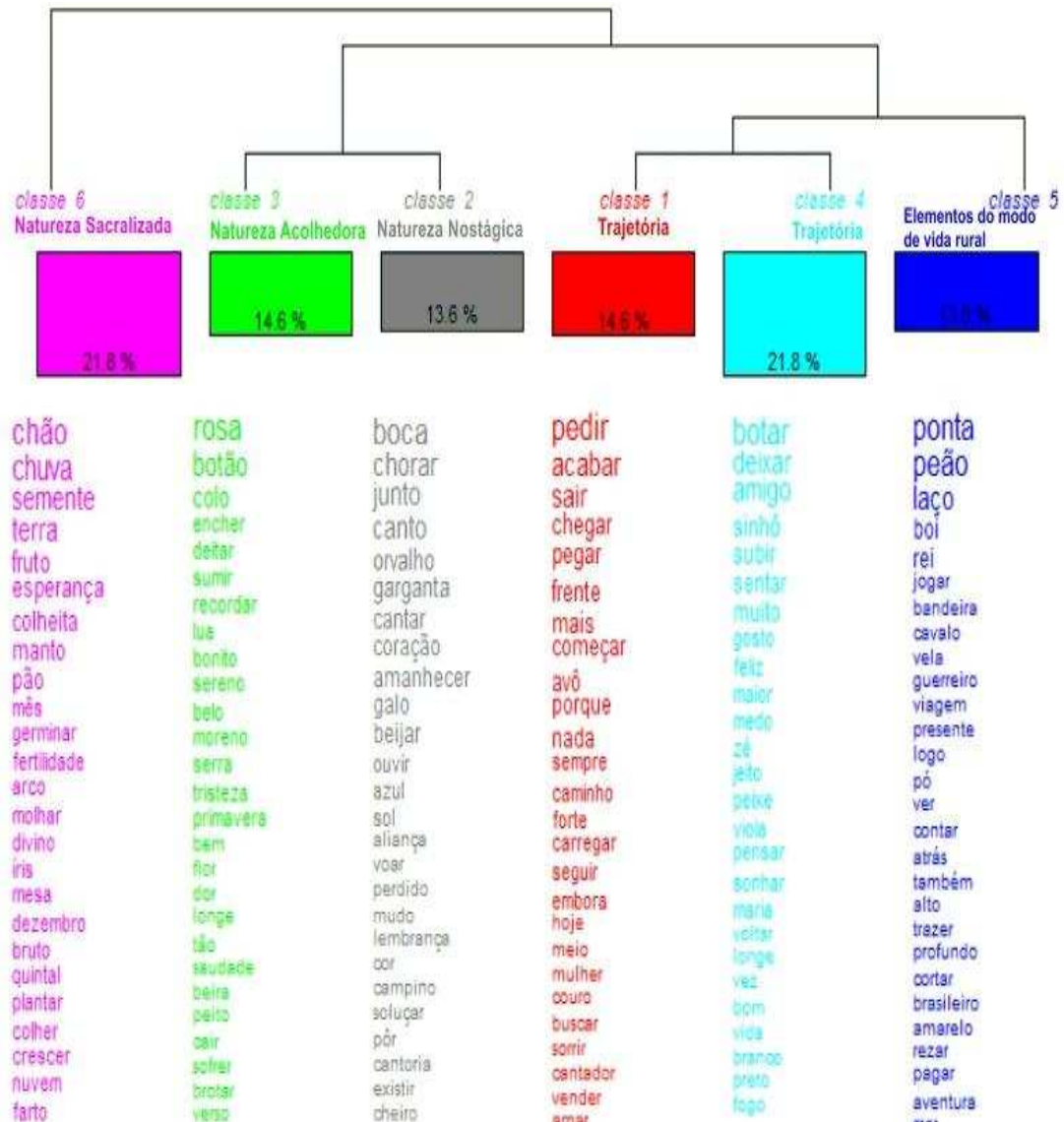
Deste tronco se desmembra dois ramos: um ramo formado pela classe 3 e 2 e o outro ramo, a classe 5. A classe 5 também vai se subdividir nas classes 1 e 4. Da classe 6 – Natureza sacralizada, desmembrou-se em Natureza Acolhedora (classe 3) através das palavras: rosa, botão, colo, encher, deitar, sumir, recordar, lua, bonito, sereno, belo, moreno, parece um acalento, uma natureza que acolhe, aconchego. Já a classe 2 pode ser classificada de Natureza nostálgica destacadas pelas palavras: boca, chorar, junto, canto, orvalho, garganta, cantar, coração, amanhecer, galo, que compõem um cenário campesino o qual teve que ser abandonado em busca de melhores condições de vida na cidade grande.

Percebe-se uma aproximação e complementariedade das classes 3 (Natureza acolhedora) e classe 2 (Natureza nostálgica). A dupla cantava a sacralidade da natureza pela vida que levavam em Uberlândia assim como o sonho em melhorar suas vidas na cidade de São Paulo, longe do campo, o qual deixou saudade na vida dos irmãos. Em relação ao segundo tronco da classe 6 (Natureza sacralizada), composta pelo ramo 5 caracterizada pelos Elementos do modo de vida rural através das palavras: ponta, peão, laço, rei, jogar, bandeira, cavalo, vela, guerreiro, viagem, presente. Percebe-se a valorização da coragem e fé do peão de boiadeiro que é uma exclusividade do meio rural. Confirmando o modo de viver de Pena Branca e Xavantinho, os quais possuíam uma vida simples, rústica e rural, sem luxo.

A classe 1 e 4 as quais são complementares, podemos denominá-las de Trajetória com destaque ao saudosismo com apelo à cultura rural, com referências à família, ao cantador, acompanhadas de palavras que fazem referência à perda, como pedir, acabar, sair, chegar, pegar, frente, mais, conversar. Já na Classe 4, nota-se o saudosismo da viola, do sertão com suas crenças e tradições através das palavras: botar, deixar, amigo, sinhô, subir, sentar, muito, gosto, feliz, maior, medo, Zé, jeito, peixe, viola encerrando assim o último galho desta grande árvore. Essas últimas ramificações remetem aos rumos da vida rural, ao jeito caipira de ser de Pena Branca e Xavantinho, suas crenças, costumes, tradições, os quais tiveram que “abrir mão”, para buscarem novos horizontes para a vida deles.

Na Figura 1, mostrada a seguir, são apresentados os agrupamentos realizados pelo Iramuteq.

Figura 1 – Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente: Pena Branca e Xavantino.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

O Quadro 1 revela, de forma mais detalhada, as características anteriormente destacadas nas letras das músicas de Pena Branca e Xavantino com base nos Segmentos de Textos, apresentando uma distribuição destes traços temáticos presentes nas músicas cantadas pela dupla, da década de 1960 até o início dos anos 2000.

Quadro 1 – Características das músicas de Pena Branca e Xavantinho: 1960-2010

Categorias relativas às letras de Pena Branca e Xavantinho	Porcentagem das Características Musicais ao Longo das Décadas						
	1960 - 1969	1970 - 1979	1980 - 1989	1990 - 1999	2000 - 2009	2010 em diante	Total
1- A vida no campo e junto à natureza e as diferenças em relação a cidade	-	-	6 (5%)	7 (6%)	3 (3%)	-	16 (14%)
2- O saudosismo do modo de vida caipira e a valorização da religiosidade e da natureza	-	-	4 (3%)	8 (7%)	3 (3%)	-	15 (13%)
3- Nostalgismo e desejo de regresso à vida no sertão	-	-	7 (6%)	7 (6%)	2 (2%)	-	16 (14%)
4- Mudanças da vida caipira e a resistência frente ao progresso	-	-	10 (9%)	10 (9%)	4 (4%)	-	24 (22%)
5- Fé e cultura do boiadeiro	-	-	4 (4%)	7 (6%)	5 (4%)	-	16 (14%)
6- Religiosidade e Sacralização da natureza e do sertão	-	-	6 (5%)	12 (11%)	7 (6%)	-	25 (22%)
TOTAL	-	-	37 (32%)	51 (46%)	24 (22%)	-	112 100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A fim de evidenciar de forma mais clara as características presentes na discografia de Pena Branca e Xavantinho apresenta-se, no Quadro 2, uma seleção de algumas músicas emblemáticas de cada uma das seis temáticas que marcam as composições interpretadas pela dupla, com base nos Segmentos de Textos (ST). Observa-se, nas letras, sobretudo, a manifestação de um linguajar regional, com forte apelo à vida caipira.

Rambaud (1973), em seu estudo na França sobre a urbanização do campo, já destacava como o patoá, dialeto próprio das sociedades rurais, se enfraquecia a medida que a língua padrão falada nacionalmente ia se impondo através do processo de urbanização.

Pode-se perceber essa forte característica do “patoá” nas letras das músicas de Pena Branca e Xavantinho e que segundo Candido (1964), traduzem de perto a sociedade caipira. A dupla Pena Branca e Xavantinho foram resistentes às metamorfoses que a música caipira sofreu permanecendo com suas “identidades culturais”, expressas em suas canções (TEIXEIRA, 2017).

Quadro 2 – Letras de músicas com as características marcantes do repertório de Pena Branca e Xavantinho, com base nos Segmentos de Textos (ST)

ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 1 – Trajetória - “A vida no campo e junto à natureza e as diferenças em relação a cidade”
1980	Atrasado mais uma vez. Com o combustível na reserva, fui obrigado a desviar o percurso para abastecer em um posto que vendia gasolina mais barata. Por que insisto em fazer isso? Para economizar 98 centavos tive que encarar: 9 semáforos, 8 pedintes, 6 vendedores ambulantes, 14 distribuidores de panfletos, 2 lavadores de pára-brisas e 3 meninos-malabaristas. Depois de alguns quilômetros o carro começa a falhar. Definitivamente os 98 centavos saíram caro demais. Aos trancos cheguei ao local de trabalho. Deixei o carro na rua porque as vagas no estacionamento da empresa são liberadas para os diretores, gerentes, puxa-sacos e para aqueles que chegam às seis da manhã. Fiquei desanimado ao ver que os meus superiores (que sempre chegam depois do almoço quando eu estou trabalhando desde às 7:30h) estavam com seus carros devidamente estacionados. Justo hoje. Chamei o segurança para me auxiliar na passagem pela catraca e tive que explicar várias vezes e de forma detalhada como foi que perdi meu crachá. Quando estava certo de que ele iria liberar minha passagem para mais um dia de trabalho, o segurança saca o seu rádio e chama o supervisor. Provavelmente terei que explicar meus motivos por mais 2 ou 3 vezes..."
1996	O baião da serra grande, já não ouves minha amada. Hoje vives no asfalto e a casinha aqui do alto, já não é nossa morada. Aqui tão perto do céu já não há felicidade. Este triste trovador que já foi o teu amor, hoje chora de saudade. Não se escuta mais na serra o cantar do juriti. Tudo é triste nesta terra porque a minha bem amada, já não mora mais aqui. Se um dia te cansares dessa vida fantasia, eu te espero meu benzinho ali no mesmo caminho, que esperava todo dia tua presença aqui na serra. Sempre peço a Deus que mande, tudo ficará contente, cantaremos novamente O baião da serra grande.
2001	Reizado. O galo cantou no Oriente ai, ai, ai, ai surgiu a estrela da guia ai, ai Anunciando a humanidade ai, ai, ai, ai. Que o menino Deus nascia ai, ai, ai, ai. Em uma estrebaria ai, ai, ah Vinte e cinco de Dezembro ai, ai, ai, ai. Não se dorme no colchão ai, ai Deus menino teve a cama ai, ai, ai, ai. De folha seca do chão ai, ai, ai, ai. Pra nossa salvação ai, ai, ah Senhora dona da casa ai, ai, ai, ai. Olha a chuva no telhado ai, ai venha ver o Deus Menino ai, ai, ai, ai. Como está todo molhado ai, ai, ai, ai. Os três reis a seu lado, ai, ai ah Deus lhe pague a bela oferta ai, ai, ai, ai. Que vós deu com alegria, ai, ai O Divino Santo Reis ai, ai, ai, ai São José, Santa Maria ai, ai, ai, ai há de ser a vossa guia ai, ai, ah.
ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 2 – Natureza nostálgica - “O saudosismo do modo de vida caipira e a valorização da religiosidade e da natureza”
1980	Brasil rural. Quem não conhece o sertão da minha terra sem cerimônia vem um dia conhecer, sentir o cheiro da floresta verdejante ver como é lindo nosso dia amanhecer. O galo canta no puleiro da tapera, o gado mugiu na porteira do curral o retireiro chama os porcos no chiqueiro, como é bonito o nosso Brasil Rural. Como é bonito ver nascer um pé de milho e o caboclo cuidando das plantação, a tardezinha quando de volta pro rancho toma seu banho nas águas do ribeirão. Junto a família no terreiro da palhoça sua viola num ponteio a soluçar o véu da noite vai cobrindo as campinas, como é bonito o nosso Brasil Rural. Assim é a vida do caboclo lá da roça vive contente cheio de simplicidade...
1993	Uirapuru, Uirapuru Seresteiro, cantador do meu sertão Uirapuru, ô Uirapuru Seresteiro, cantador do meu sertão. Uirapuru, ô Uirapuru fez no canto as mágoas do meu coração. A mata inteira fica muda ao seu cantar tudo se cala para ouvir sua canção e vai ao céu numa sentida melodia. Vai a Deus em forma triste de oração Uirapuru, ô Uirapuru Seresteiro, cantador do meu sertão. Uirapuru, ô Uirapuru fez no canto as mágoas do meu coração. Se Deus ouvisse o que lhe sai do coração entenderia que é de dor sua canção...
ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 3 – Natureza acolhedora - “Nostalgismo e desejo de regresso à vida no sertão”
1992	Deixa a cidade formosa morena, linda pequena e volta ao sertão. Beber da água da fonte que canta e se levanta do meio do chão. Se tu nasceste cabocla cheirosa cheirando a rosa no peito da terra. Volta pra vida serena da roça daquela paioça no alto da serra. E a fonte a cantar chuá chuá e as águas a correr chuê chuê. Parece que alguém que cheio de mágoa deixaste quem há de dizer a saudade no meio das águas rolando também. A lua branca de luz prateada foz a jornada no alto do céu. Como se fosse uma sombra altaneira, na cachoeira fazendo escarcéu. Quando essa luz lá na altura distante, loira ofegante no poente a cair. Daí essa trova que o pinho dissera que eu volto pra serra, que eu quero partir.

1995	Cantiga das rosas. Olha que bela roseira vem brotando vem brotando em seu portão. Nem chegou a primavera já se vê já se vê rosa em botão. Essa roseira viçosa enche os olhos, enche os olhos e faz tão bem. Quando olho para ela dá saudade, uma saudade de alguém. Olha que lua bonita vem no céu vem no céu a clarear mas a beleza das rosas tira o brilho, tira o brilho do luar. Essa roseira viçosa enche os olhos enche os olhos e faz tão bem. Quando olho para ela dá saudade, uma saudade de alguém. Não há nada mais bonito que uma rosa, uma rosa no jardim. Só teus olhos se comparam quando olhas quando olhas para mim. Essa roseira viçosa enche os olhos, enche os olhos e faz tão bem. Quando olho para ela dá saudade uma saudade de alguém. Quando olho para ela dá saudade uma saudade de alguém dar saudade, uma saudade de alguém.
ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 4 – Rumos da vida Rural - “Mudanças na vida caipira e a resistência frente ao progresso”
1980	Caipora. Dentro da mata, ela mora adora a mata para morar pra ver a caipora basta assoviar. E quando ela aparece, parece que é pra ficar. Quando menos se espera, vai embora, ah e se adivinhar o que ela perguntar, ela deixa saudade em qualquer lugar. Caipora, não vá embora Caipora, viola chora Oh, caipora, sempre tem uma história pra se contar. Ah, a fauna e a flora, as cachoeiras, os matagais. E se a viola chora, ela quer cantar e quando a gente implora, sente saudade pra ela voltar. Ela aparece agora, basta assoviar e se adivinhar o que ela perguntar ela deixa saudade em qualquer lugar. E se adivinhar o que ela perguntar ela deixa saudade em qualquer lugar Caipora, não vá embora. Caipora, viola chora Oh, caipora, sempre tem uma história pra se contar Caipora, não vá embora Caipora, viola chora Oh, caipora, sempre tem uma história pra se contar. Dentro da mata, ela mora adora a mata para morar pra ver a caipora basta assoviar.
1982	Vem cá seu moço nesta sombra do ingazeiro eu também sou brasileiro seu amigo e seu irmão. Deixe seu carro na quebrada da estradinha vamos dar uma voltinha pelos trilhos do sertão. Tá vendo moço lá na copa da paineira nossa sábia laranjeira seu cantar é tradição escute ao longe o cantar da codorninha e a queda da biquinha debruçando no brotão. Ali adiante aonde termina a mata vou lhe mostrar a cascata e o azul da imensidão, você vai ver uma procissão de gado quando desce encarrilhado com destino ao ribeirão. Depois da volta você vai jantar comigo no meu rancho muito antigo sobre a luz de um lampião leve contigo a beleza e os encantos vai dizer em outros cantos como é lindo o meu sertão.
ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 5 – Elementos do modo de vida rural - “Fé e cultura do boiadeiro”
1980	Aquela casa amarela na beira da estrada coberta de pó... Pousada de boiadeiros que contam histórias dos tempos atrás. Chorei demais, chorei demais. Chorei demais a saudade do meu pai. De madrugada, a passarada acorda a pionada a vai para o ribeirão tomar seu banho, ensilha os cavalos e o som do berrante é sua oração. Chorei demais... Peões que montam em touro brabo, recebem os aplausos da multidão. Reza uma prece tirando o chapéu olhando para o céu e o limite é o chão. Chorei demais...
2003	Carreiro velho. Carreiro velho olha a canga do seu boi chora a saudade do tempo que já se foi Carreiro velho olha a canga do seu boi chora a saudade do tempo que já se foi daquela estrada estrada já não passa mais boiada ficou triste abandonada que nem eu também infeliz o velho carro corroído pelos anos vai aos poucos definhando qual o canto da perdiz Carreiro velho olha a canga do seu boi chora a saudade do tempo que já se foi Carreiro velho olha a canga do seu boi chora a saudade do tempo que já se foi Carreiro velho vai cantando uma toada de olho na ibernada percorro os tempos atrás vai ruminando as mágoas que tem no peito mais sabe que não tem jeito seu tempo não volta mais Carreiro velho olha a canga do seu boi chora a saudade do tempo que já se foi Carreiro velho olha a canga do seu boi chora a saudade do tempo que já se foi
ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 6 – Sacralização da natureza - “Religiosidade e Sacralização da natureza e do sertão”
1980	Bandeira do Divino. Os devotos do Divino vão abrir sua morada pra bandeira do menino ser bem-vinda, ser louvada, ai, ai Deus nos salve esse devoto pela esmola em vosso nome Dando água a quem tem sede, dando pão a quem tem fome, ai, ai. A bandeira acredita que a semente seja tanta Que essa mesa seja farta, que essa casa seja santa, ai, ai. Que o perdão seja sagrado, que a fé seja infinita. Que o homem seja livre, que a justiça sobreviva, ai, ai. Assim como os três reis magos que seguiram a estrela guia A bandeira segue em frente atrás de melhores dias. No estandarte vai escrito que ele voltará de novo. Que o rei será bendito ele nascerá do povo.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Percebe-se, pelas letras das músicas da dupla, que o público ouvinte de Pena Branca e Xavantinho, embora situado em um período histórico que coincide, em boa parte, com aquele em que Chitãozinho e Xororó emplacavam as suas músicas, na mídia dominante, apresentava características mais interioranas (PAULA, 2012), pois a voz do artista caipira expressava a cultura, reafirmava a identidade do povo do interior. A música cantada por Pena Branca e Xavantinho apresenta um forte apelo regional, circunscrito à cultura rural, a qual representa os costumes, o modo de pensar, agir, enfim, a vida do homem do campo.

4 ANÁLISE E RESULTADOS

4.2 Letras de Música de Chitãozinho e Xororó

Utilizou-se na análise das letras de músicas da dupla Chitãozinho e Xororó, também, a aplicação do software Iramuteq, com a representação da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) das 426 músicas desta dupla. O Dendrograma que se segue, representado pela Figura 2, também apresenta uma divisão em seis classes, porém, não houve uma espinha dorsal com um tronco tal como aconteceu com as letras das músicas da dupla Pena Branca e Xavantinho, a árvore não nasce de uma forma pura, centralizada. O repertório deles está ancorado em duas vertentes bem ramificadas, sendo mais eclético.

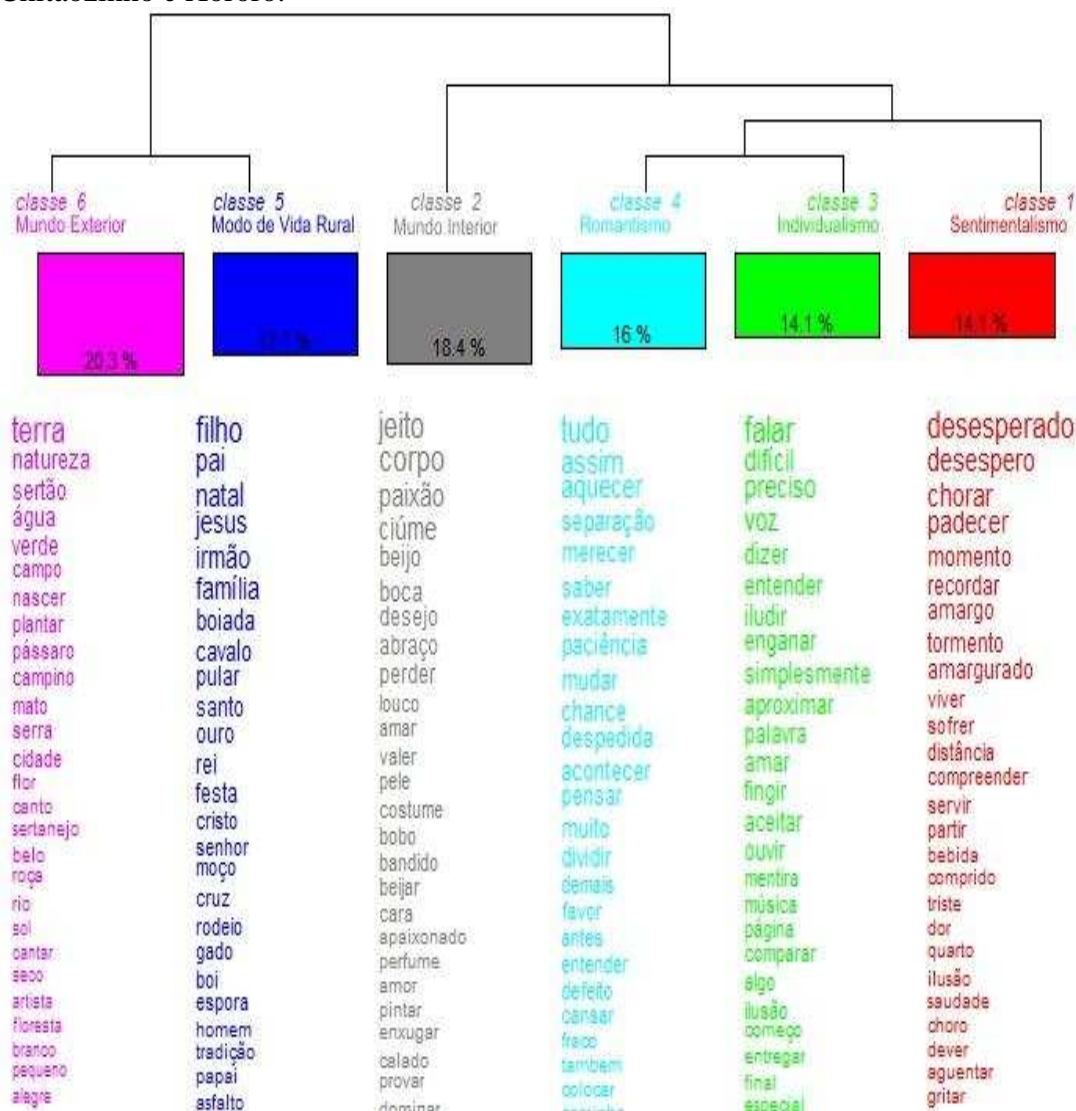
A primeira subdivisão tem elementos da natureza através das palavras: terra, natureza, sertão, água, verde, campo, nascer, plantar, pássaro, campinho, mato, serra, representada pela classe 6 denominada Mundo exterior. A classe 5, chamada de Modo de vida rural, composta pelas palavras: filho, pai, natal, Jesus, irmão, família, boiada, cavalo, pular, santo, ouro, rei, festa, Cristo, se remete ao modo de vida mais ruralizado, tradicional, religioso. Aqui não é a natureza sacralizada que se destaca, como nas músicas de Pena Branca e Xavantinho, e sim um modo de vida em que a natureza está presente. A segunda subdivisão é composta pelas classes 2 e a classe 1. A classe 1 se desmembrou nas classes 4 e 3. A classe 2 formada pelas palavras: jeito, corpo, paixão, ciúme, beijo, boca, desejo, abraço, perder, louco, se remete a um sentimento próprio, individual, podemos classificá-la de Mundo interior.

As classes 4 (Romantismo) e a classe 3 (Individualismo) têm uma complementariedade entre si pois as palavras se voltam para o romantismo,

individualismo. O indivíduo romântico se expressa através das palavras: tudo, assim, aquecer, separação, merecer, saber, exatamente, paciência, mudar; na classe 4 as palavras: falar, difícil, preciso, voz, dizer, entender, iludir, enganar, simplesmente, aproximar, expressando a vontade do indivíduo que quer ser amado. Por fim, a classe 1 (Sentimentalismo) com as palavras: desesperado, desespero, chorar, padecer, momento, recordar, amargo, tormento, amargurado, viver, sofrer, são palavras que expressam os sentimentos do indivíduo voltados para o seu mundo interior. Percebe-se, assim, que a dupla Chitãozinho e Xororó aceitou a “metamorfose” musical, transformando o seu jeito de cantar com a viola e o violão incorporando equipamentos eletrônicos em suas canções, estilizando-se (ALEM, 1996).

Tal como apontado por Rambaud (1969), ao estudar a França no Pós-Segunda Guerra Mundial, a música caipira-sertaneja vem exercendo papel semelhante àquele exercido pelo jornal escrito nas sociedades rurais, se constituindo em um vetor de unificação à cultura hegemônica. Ao cantar o amor romântico, centrado nas sentimentalidades do indivíduo, envolto em sua própria subjetividade, o apreciador da música sertaneja incorpora estas novas referências, acomodando em segundo plano às referências à cultura e ao modo de vida caipira, tal como apontou Cândido (1964) ao descrever a transição da sociedade caipira para a urbano-industrial no interior paulista, no Brasil.

Figura 2 – Dendrograma com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) - Chitãozinho e Xororó.



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Para se perceber a evolução dos temas cantados pela dupla Chitãozinho e Xororó, da década de 1960 aos dias atuais, é apresentada a porcentagem de sua recorrência, por décadas, no Quadro 3, com base nos Segmentos de Textos (ST), identificando-se as características das músicas nas respectivas categorias.

Percebe-se que, mesmo dos anos 2000 em diante a referência ao modo de vida rural não deixa de ser cantada pela dupla. Contudo, vão se expandindo ao longo das décadas as referências ao sensualismo romântico e o enaltecimento à mulher amada.

Quadro 3 – Características das músicas de Chitãozinho e Xororó da década de 1960-2016

Categorias relativas às letras de música de Chitãozinho e Xororó	Porcentagem das Características Musicais ao Longo das Décadas						
	1960-1969	1970-1979	1980-1989	1990-1999	2000-2009	2010 em diante	Total
1- Subjetivismo romântico	1 (0,3%)	15 (4%)	15 (4%)	8 (2%)	10 (3%)	3 (0,8%)	52 (14%)
2- Submissão à mulher amada	-	7 (1,9%)	14 (3,8%)	24 (3,8%)	21 (5,7%)	2 (0,5%)	68 (18%)
3- Desejo de ser amado	-	3 (0,8%)	7 (1,9%)	17 (4,6%)	21 (5,7%)	4 (1,1%)	52 (14%)
4- Sentimentalismo romântico	-	9 (2,4%)	15 (4%)	13 (3,5%)	19 (5,1%)	3 (0,8%)	59 (16%)
5- A vida de peão	3 (0,8%)	6 (1,6%)	2 (0,5%)	17 (4,6%)	30 (8%)	5 (1,3%)	63 (17%)
6- Saudosismo da natureza e do modo de vida rural	3 (0,8%)	20 (5,4%)	4 (1,1%)	26 (7%)	12 (3,2%)	10 (3%)	75 (20%)
TOTAL	7 2%	60 16%	57 15%	105 28%	113 31%	27 7%	369 100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No Quadro 4, estão apresentados, de forma ainda mais detalhada, através das letras das músicas de Chitãozinho e Xororó, com base nos Segmentos dos Textos (ST), o apelo forte do amor, do desejo, do sensualismo, da dor, que mencionam, sobretudo, um indivíduo, centrado no seu próprio interior. O apelo ao mundo externo e, principalmente, a uma sociedade caipira se atenua, como pode ser notado nas letras de músicas que se seguem.

Chama ainda a atenção à forma como o linguajar regional, circunscrito à cultura caipira, praticamente desaparece das letras das músicas cantadas pela dupla, dando lugar a um português mais próximo dos padrões urbanos. Alonso (2015), menciona em seu livro “Cowboys do Asfalto: música sertaneja e modernização brasileira”, os treinamentos, cantando com uma caneta na boca, que a dupla executou quando chegou à São Paulo sob a direção do empresário Geraldo Meirelles para deixarem o sotaque interiorano e falar “o português correto”.

Quadro 4 – Letras de músicas com as características marcantes do repertório de Chitãozinho e Xororó, com base nos Segmentos de Textos (ST)

ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 1 – Sentimentalismo - “Subjetivismo romântico”
1969	Destinos iguais já foi no morrer do dia, quando eu vi com alegria, dois canários a cantar com gorjeios de ternura. O casal trocava juras de jamais se separar de repente na galhada, como alguém numa emboscada vi surgir um gavião. Atacou a canarinha e levou a avezinha completando a traição. O canário alucinado perseguiu desesperado o terrível malfeitor mas, depois voltou chorando muito triste soluçando num gorjear cheio de dor...
1982	Quando a gente ama, qualquer coisa serve para relembrar. Um vestido velho da mulher amada tem muito valor, aquele restinho do perfume dela que ficou no frasco sobre a penteadeira mostrando que o quarto, já foi o cenário de um grande amor. E hoje o que eu encontrei, me deixou mais triste um pedacinho dela que existe, um fio de cabelo no meu paletó. Lembrei de tudo entre nós, do amor vivido aquele fio de cabelo comprido já esteve grudado em nosso suor...
ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 2 – Mundo interior - “Submissão à mulher amada”
1989	Amor incomum. Seu jeito de olhar, de me acariciar de me envolver, de me provocar. Pra me convencer, a não ir mais embora, de me aconchegar, com carinho nos braços E de segurar com jeitinho meus passos. Nem sei o caminho, da porta pra fora um toque na pele, um beijo na boca. Você me incendeia, eu te deixo mais louca e a gente se entrega na mesma paixão. Seu corpo e meu corpo parecem um só. E a gente se ama de um jeito incomum, ouvindo as batidas de um coração. Eu descobri minha vida é você, você descobriu o segredo de amar. Nós ganhamos o amor verdadeiro, que nem o dinheiro consegue comprar.
1998	Ela me abraçou, me deu um beijo de mel e ficou debaixo da aba do meu chapéu. É tão gostoso quando a gente se namora um bom chamego nunca fez mal a ninguém. Dá um abraço que a tristeza vai embora faz um carinho que a saudade vai também. Eu grudo nela igualzinho carrapicho todo manhoso, todo cheio de paixão. Me pede um beijo, eu na hora, no capricho dou de bandeja meu amor, meu coração. Ela me abraçou me deu um beijo de mel e ficou debaixo da aba do meu chapéu. O nosso amor é festa apaixonada e eu não fico longe do meu bem-querer. Pois quando caio nos braços da minha amada esqueço tudo e não quero nem saber. Ela me ama e eu sou doido por ela o nosso amor está no fruto e na raiz, mais apertado que barriga na fivela. Agarradinho é que a gente é feliz. Ela me abraçou me deu um beijo de mel e ficou debaixo da aba do meu chapéu.
ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 3 – Individualismo - “Desejo de ser amado”
1982	Chama de amor. Vou falar de quem amo, a pessoa que gamo na dor e no sorriso. É alguém que venero, faz tudo o que quero em pleno juízo. Ela é toda malícia e de suas carícias é o que preciso. Ao extremo me leva, ela é a Eva do meu paraíso. Me enrosco em seus braços e até do cansaço eu me esqueço. Com seus movimentos, me sinto por dentro virando do avesso. Não lembrei mais nada, sua cavalgada me alucina. Seu corpo é calor, é uma chama de amor que nunca termina. Se chego cansado, o trabalho é pesado mas não desanimo. Depois de um banho eu me desacanho e dela aproximo. Seu corpo despido, de um modo atrevido me espera no leito, num jogo aberto, ela faz tudo certo. Nosso amor é perfeito me enrosco em seus braços e até do cansaço...
2007	Uma música. Apago as memórias que não vão voltar esqueço as histórias pra quem vou contar. Se aqui só você poderá me ouvir, um rádio tocando, uma voz a cantar. E eu só te olhando até você lembrar. E você ouve a mesma canção que eu só queria uma música. Pra acabar com o silêncio que ficou entre nós dois eu só queria uma música. Eu sempre me lembro daquele verão final de novembro, e você ainda não sabia se gostava de mim. O céu estrelado, uma noite normal um beijo roubado te dizendo tchau. E você ouve a mesma canção que eu só queria uma música pra lembrar daquele dia que marcou para nós dois, eu só queria uma música.

Continua...

...conclusão.

ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 4 – Romantismo - “Sentimentalismo romântico”
1998	É dia de sol radiante manhã tão linda de primavera. É ave buscando o ninho pelo caminho de uma quimera. Um sonho, uma esperança é o que guarda em seu coração. Menina, mulher, amiga e sempre crê no amor. Assim é ela Guadalupe quem me dera ser o dono do seu coração. Ah! quem me dera Guadalupe. Quien pudiera ser aquel que vai tener tu amor la vida entera. Em noites longas e frias, noites vazias e sem estrelas. Um raio de luz a guia faz companhia e está com ela. Sua vida não é nada fácil mas, ela vive com ilusão. Conhece bem a tristeza e sempre crê no amor. Assim é ela Guadalupe quem me dera ser o dono do seu coração. Ah! quem me dera Guadalupe quien pudiera ser aquel que vai tener tu amor la vida entera.
2013	Ela é o meu sol uma flor no meu caminho Mesmo longe penso nela E já não estou sozinho Nosso amor é assim Cuido dela e ela cuida de mim De manhã, o que eu mais gosto de ver Seu olhar se abrir tão lindo pra mim Um detalhe que me faz entender Que esse doce amor que sinto por ela Não vai ter fim Ela é minha paz Tanto me satisfaz Se tive um dia ruim A noite vai ser demais Nosso amor é assim Cuido dela e ela cuida de mim De manhã, o que eu mais gosto de ver Seu olhar se abrir tão lindo pra mim Um detalhe que me faz entender Que esse doce amor que sinto por ela Não vai ter fim
ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 5 – Modo de vida rural - “A vida de peão”
1975	A saudade continua. Ai que saudade de um pouso de boiada bater o pé com a peonada. Que magia no galpão ouvir os casos contados por derradeiros. Histórias de lobisomens Boitatá e assombração. Ai que saudade da seriema campeirando pelas nuvens caminhando, no azul da imensidão. Deitado a peiro, e ver o sol se apagando. Sentir a noite chegando cabrestiando a solidão. Deitado a peiro, e ver o sol se apagando sentir a noite chegando cabrestiando a solidão. Ai que saudade do troféu os cavaleiros no amassado dos sirueiros, atravessando o sertão. Tudo é lembrança, companheiros abas largas dos pampas, das invernadas do amor e compreensão...
2001	Cem por cento adrenalina. Eu sou campeão na terceira geração. Meu avô foi campeão e nem rodeio existia. A montaria era num pouso de boiada reunia a peonada só pra ver quem não caía. Meu pai herdou a coragem do vovô e tudo que ele ensinou eu também já aprendi. Todo cowboy que quer ser um campeão, tem que amar a profissão e do touro não cair. Abre a porteira touro embaixo, peão em cima É 100% adrenalina Sacudindo pelo ar Oito segundos na arena O bicho pega Sou peão que não se entrega. Só Deus pode me parar país rural de fama internacional Futebol e carnaval, hoje tem outra paixão A emoção se espalhou pelo Brasil Já existem mais e mil belas festas de peão. Eu sou feliz, sou dono do meu nariz mas no amor de um aprendiz, faço tudo o que ela quer. Todo durão também tem coração, o que me faz cair no chão é o amor de uma mulher
ANO	Letras de músicas que exemplificam a categoria 6 – Mundo exterior - “Saudosismo da natureza e do modo de vida rural”
1998	Asa branca Quando olhei a terra ardendo qual fogueira de São João. Eu perguntei a Deus do céu ai! Por que tamanha judiação? Eu perguntei a Deus do céu ai! Por que tamanha judiação? Que braseiro, que fornalha nem um pé de plantação. Por falta d'água perdi meu gado, morreu de sede meu alazão. Por falta d'água perdi meu gado morreu de sede meu alazão...
2002	Quando o cansaço do trabalho sem descanso, de grossos calos amarelam suas mãos. O lavrador quer transformar o verde em flor e ver a flor se transformar em grão. Se de chorar Deus se lembrou durante o ano. E o seu pranto se fez chuva sobre o chão. O lavrador já se prepara pra colheita sorrindo vê que seu suor não foi em vão. E a colheita que encheu a tulha, da tulha o grão para cidade vai. A terra dorme e ele não descansa sempre na esperança de colher bem mais.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Após análise das músicas caipira-sertanejas de ambas as duplas, nota-se que a dupla Pena Branca e Xavantinho, que se situa em um nicho da indústria fonográfica mais restrito

e à margem do grande público, exalta de forma pronunciada em suas músicas a cultura do sertanejo: a figura do boiadeiro, do peão, a sua coragem e fé, o trabalho duro, digno e a vida rústica. Já Chitãozinho e Xororó vão cantando, de forma mais acentuada ao longo dos anos, o amor sensual, o amor romântico, voltado para dentro de si mesmo. Percebe-se, assim, como a música sertaneja vai incorporando a marca do indivíduo que se liberta das tradições e da força da sociedade caipira que agia sobre ele.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a análise do repertório das duplas Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó podemos perceber dois momentos do campo e da sociedade brasileira. Um momento de uma sociedade ruralizada, de um indivíduo voltado ainda para um mundo exterior que o cerca, seja ele a natureza e/ou a religião, e o outro que vai deixando este mundo para trás, o mundo das tradições familiares para mergulhar no mundo interior, o mundo dos sentimentos, o mundo do indivíduo. Através das músicas é possível mostrar as transformações da sociedade brasileira. Podemos inferir com estes resultados que de fato a representação de campo e rural apresentadas nas letras de músicas de Pena Branca e Xavantinho se ancoram em torno do saudosismo do campo, da cultura rural, da vida rústica, simples, do amor nostálgico, da valorização do sertão como o melhor lugar para se viver, assim como, na religiosidade e no amor pela natureza. São letras que revelam o mundo exterior do indivíduo, a força do contexto da vida sertaneja sobre aquele que se expressa. Pena Branca e Xavantinho cantam um mundo ao qual pertencem e que os insere. Já Chitãozinho e Xororó vão incorporando mais acentuadamente em seu cantar, o amor romântico e sensual, que evidenciam o indivíduo mergulhado em si mesmo, nos seus sentimentos. O mundo caipira vai para o segundo plano nas suas letras de música, tornando-se secundário face a força de um indivíduo que deseja e sente. As músicas tocadas pela indústria fonográfica hegemônica da qual a dupla Chitãozinho e Xororó se torna um expoente por aproximadamente três décadas, expressam, assim, de forma muito mais contundente que Pena Branca e Xavantinho, o mundo interior e a força do ego que se expande na sociedade moderna. Assim foi possível obter as representações de campo enquanto espaço físico e rural como modos de vida nas letras de músicas caipiras de Pena Branca e Xavantinho e as músicas sertanejas de Chitãozinho e Xororó.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**: seleção de textos Jorge Mattos Brito de Almeida. 9. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

ALEM, João Marcos. **Caipira e Country**: A nova ruralidade brasileira. Tese (Doutorado). São Paulo, 1996.

ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto**: Música sertaneja e modernização brasileira. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL, Jangada. **Pena Branca e Xavantinho**. Novembro, nº 15, 1999. Disponível em: <http://www.jangadabrasil.com.br/novembro15/a1151100.html>. Acesso: em 02/12/2017.

BUSSOTTI, Luca. A representação da África na música italiana contemporânea: do pós-guerra até hoje. **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 201-226, jan./jun. 2017. Disponível em: [file:///D:/Downloads/51063-212580-1-SM%20\(2\).pdf](file:///D:/Downloads/51063-212580-1-SM%20(2).pdf). Acesso em 20/04/2018.

CALDAS, Waldenyr. **Acorde na aurora**: música sertaneja e indústria cultural. 2ª ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1979.

CANDAU, J. **Antropologia da memória**. Coleção: Epistemologia e Sociedade, sob a direção de Antônio Oliveira Cruz., 2005.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1964.336p.
CARVALHO, Márcia. Coisas da roça: a música sertaneja no cinema brasileiro. XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (INTERCOM), realizado em Santos, em 29 de agosto a 02 de setembro de 2007. **Anais...**

DEL BIANCO, Nélia R.; PRATA, Nair. Rádio, mobilidade e ubiquidade: análise do projeto de inclusão mobile digital da Abert. Intercom – **RBCC São Paulo**, v.41, n.1, p.99-117, jan./abr. 2018

ÉBOLI, Renata do Lago. **Globo Rural**: Mito e Realidade do homem do campo. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, RJ, 2007.

CHITÃOZINHO E XORORÓ RELEMBRAM SUCESSOS E CANTAM COM MICHEL TELÓ. **Michel Teló foi até Campinas encontrar a dupla sertaneja**. Disponível em: <<http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2014/07/chitaozinho-e-xororo-relembra-sucesso-em-bem-sertanejo.html>>. Acesso: 10/11/2017.

LETRAS. Disponível em:<<https://www.letras.mus.br/chitaozinho-e-xororo>>. Acesso: 01/11/2017

Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/chitaozinho-e-xororo/espineiro.htm>>.

Acesso em: 07/11/2017.

PENA BRANCA E XAVANTINHO. VagaLume. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br/pena-branca-e-xavantinho/discografia/>>. Acesso em: 07-11-2017.

IRAMUTEQ. **Web page Iramuteq**. Disponível em: < <http://iramuteq.org/>>. Acesso em 05 de setembro de 2017.

JODELET, D. **Representações sociais**: um domínio em expansão. In: D. Jodelet (org.) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, pp, 17-44, 2001.

MARTINS, José de Sousa. **A linguagem dos humilhados**. In: *Capitalismo e Tradicionalismo: Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo. Pioneira, 1975.

MARTINS, José de Souza. **Uma sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2014.

MENEZES, Eduardo de Almeida. **Moda de viola e modos de vida**: As representações do rural na moda de viola – 2008. 196 f.

MOSCOVICI, Serge. **Das representações coletivas às representações sociais**: Elementos para uma história. In: D. Jodelet (org.) *As Representações Sociais*. Rio de Janeiro: Ed UERJ, pp, 17-44, 2001.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira**: da roça ao rodeio. São Paulo, 1999.

OLIVEIRA, Lúcia L. Do caipira picando fumo à Chitãozinho e Xororó ou da roça ao rodeio. **Revista USP**, São Paulo, n.59, p. 232-257, setembro/novembro 2003.

PAULA, Andréa Cristina de. **A religiosidade na voz de Pena Branca e Xavantinho**. Uberlândia, 2012. 158 f.

RAMBAUD, Placide. **Sociedade rural e urbanização**. 2. ed. Paris: Edições de Seuil, 1973.

_____. **Société Rurale et Urbanisation**. 1. ed. Paris: Ed. du Seuil, 1969.

SÊGA, Rafael Augustus. O conceito de representação social nas obras de Denise Jodelet e Serge Moscovici. *Anos 90*. Porto Alegre, 2000.

SILVEIRA, Lidiane Nunes. **Roça, uma marca registrada**: o processo de valorização do rural na sociedade brasileira. Viçosa, MG, 2015.

TEIXEIRA, Rafael Tassi. Transculturalidade e ficções migratórias no cinema da identidade: experiências diaspóricas em 14 Kilómetros. **Soc. e Cult.**, Goiânia, v. 20, n. 1, p. 271-290, jan./jun. 2017. Disponível em: [file:///D:/Downloads/50864-211859-1-SM%20\(1\).pdf](file:///D:/Downloads/50864-211859-1-SM%20(1).pdf). <Acesso em 20/04/2018. >

TELÓ, Michel; PIUNTI, André. **Bem sertanejo**: a história que conquistou o Brasil. 1. Ed. – São Paulo: Planeta, 2015.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ZAN, José Roberto. (Des) Territorialização e novos hibridismos na música sertaneja. In: V Congresso da seção latino-americana da associação internacional para o estudo da música popular, IASPM-AL, 2004. **Anais...** Disponível em: <<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/sonora/article/view/625>> Acesso em 30/11/2017.

ARTIGO 3 - OS RADIALISTAS E O SENTIDO DA RURALIDADE NOS PEQUENOS MUNICÍPIOS MINEIROS

RESUMO

As transformações do “Brasil-rural” para o “urbano-industrial” não são retratadas apenas no âmbito da ciência, mas, também, nas manifestações artísticas. Neste artigo, o objetivo foi analisar a construção e a reconstrução social do ‘rural’ na música ‘caipira’ e ‘sertaneja’, em diferentes momentos históricos da sociedade brasileira, considerando-se a representação de ruralidade expressa pelos radialistas da Zona da Mata Mineira. Para tanto, pediu-se aos radialistas que indicassem dez músicas caipiras e sertanejas que traduzissem para eles o melhor sentido de rural. Tanto a fala dos radialistas quanto as músicas indicadas foram analisadas com o uso do Software Iramuteq. Através deste software, foram analisadas 143 músicas, mencionadas pelos radialistas. Buscou-se ainda, identificar os estilos de pensamento presentes nas representações que os participantes do estudo faziam da ruralidade, enquadrando-os nas categorias de “Conservador”, “Tradicional” ou “Progressista”. Os resultados obtidos mostraram a transformação da ruralidade na passagem da música caipira para a sertaneja. Verificou-se o estilo de pensamento conservador presente na música sertaneja e do pensamento tradicional para a música caipira.

Palavras-chave Representação de campo e rural; radialistas; Microrregião de Viçosa; Brasil.

ABSTRACT

The transformations from “Brazil-rural” to “urban-industrial” are not only portrayed within science, but also in artistic manifestations. In this article, the objective was to analyze the construction and social reconstruction of the 'rural' in the 'caipira' and 'sertaneja' music, in different historical moments of the Brazilian society, considering the representation of rurality expressed by the radialists of Zona da Mata Mineira. . To this end, the radio broadcasters were asked to indicate ten country and country songs that translated for them the best sense of rural. Both the speech of the radio broadcasters and the indicated songs were analyzed using the Iramuteq Software. Through this software, we analyzed 143 songs, mentioned by the broadcasters. It was also sought to identify the styles of thinking present in the representations that the study participants made of rurality, fitting them into the categories of "Conservative", "Traditional" or "Progressive". The results showed the transformation of rurality in the passage of country music to country music. There was a conservative style of thinking in country music and traditional thinking in country music.

Keywords: Field and rural representation; radio broadcasters; Microregion of Viçosa; Brazil.

1 INTRODUÇÃO

Após a Segunda Guerra Mundial, a sociedade brasileira e, especificamente, a relação entre campo e cidade foram marcadas por grandes transformações. O Brasil foi deixando de ser apenas um país rural e adquiriu uma conformação urbano-industrial. Essas mudanças podem ser acompanhadas por meio da literatura, do cinema, da pintura e, sobretudo, das músicas caipira e sertaneja. Ribeiro (2006) afirma que a origem da música caipira é a origem do Brasil. Portanto, a música caipira e a sertaneja constituem um meio imprescindível para o estudo das transformações da relação campo-cidade no país.

Além de constituir objeto de estudo da história, têm sido estudadas por uma multiplicidade de áreas: pela sociologia, economia, política, psicologia, comunicação, linguística, filosofia, literatura, geografia entre outras. De acordo com Alonso (2015), há vários trabalhos sobre a música caipira e sertaneja, entretanto, poucos foram publicados. Portanto, a pertinência deste artigo decorre da relevância desse tema para a sociedade brasileira, traduzindo a sua própria identidade (HALL, 2003) e, conseqüentemente, os traumas mal resolvidos baseados no sofrimento da migração do campo para a cidade, na nostalgia, na memória e na escravidão (GRUMBECHE, 2012).

A abrangência das músicas caipira e sertaneja permitem analisar, nelas próprias, as representações do ‘campo’ e “rural”, no decorrer da história. Como menciona Ferreira Gullar (2010, s.p), “A arte só existe porque a vida não basta. A arte inventa a vida, sendo uma reinvenção da realidade”. Portanto, nota-se que a música caipira e a sertaneja retratam a vida, a infância, o imaginário das pessoas com as lembranças mais longínquas possíveis. Ortiz (1991) em seu estudo sobre a Cultura e a Modernidade brasileira, menciona Maurice Halbwachs, o qual afirma que a memória coletiva está relacionada às lembranças do presente, que vai se atualizando a cada memorização, assim como a música caipira que traz as tradições do campo, suas raízes e costumes. Mesmo diante da promessa de um futuro que já chegou, com a modernização mediante à industrialização e tecnologias, que assuntam o nosso amplo presente (GRUMBECHE, 2012). Estas transformações trouxeram muitas incertezas diante o presente globalizado (LECHNER, 1988).

Do mesmo modo que ocorreu com a sociedade brasileira, a música caipira também foi se diferenciando, a partir do desenvolvimento da indústria cultural e se estilizou em

termos de sertanejo-country-universitário. Para desvelar o seu significado, propõe-se neste artigo analisar a construção e a reconstrução social do rural na música caipira e depois na música sertaneja, as quais marcam diferentes momentos históricos da sociedade brasileira desde o seu período de colonização, passando pelo Brasil República que traz a abolição da escravidão no século XIX, até a chegada do rádio ao meio rural, devido às políticas públicas e, conseqüentemente, a emergência da música sertaneja não apenas para os rurais, mas, também, para um grupo de consumidores urbanos. Considera-se, para tanto, o olhar dos radialistas da Zona da Mata Mineira sobre o rural e as transformações que sobre ele incidiram. Posteriormente, busca-se analisar as representações que eles manifestavam acerca do rural, situando essas representações em um estilo de pensamento de base conservadora, tradicional ou progressista, conforme Mannheim (1986).

Adota-se, neste artigo, a compreensão de “música caipira” como sendo aquela que precede a entrada em cena da indústria cultural, a qual se alicerça, paulatinamente, a partir do ano de 1929, e de “música sertaneja” aquela que se delinea a partir da estruturação dessa indústria cultural, por volta de 1950. Interessa, pois, fundamentalmente, nesta pesquisa, analisar as letras de músicas caipiras e sertanejas mencionadas pelos radialistas da microrregião de Viçosa-MG. Enquanto a música caipira é executada com viola e violão, a sertaneja utiliza instrumentos como guitarra elétrica, teclados e bateria, incorporando gêneros estrangeiros próprios da presença da indústria cultural na sociedade brasileira (Oliveira, 2009). Neste estudo, o foco é o aprofundamento na análise das letras de músicas caipiras e sertanejas, prosseguindo a investigação realizada em pesquisas abordando esse tema, a exemplo de Martins (1975), para quem a música “caipira” ‘falava’ do ciclo cotidiano das relações com a natureza e do ciclo das comemorações litúrgicas do catolicismo, enquanto, na música “sertaneja”, esses elementos desapareciam, tornando-se mercadorias.

Caldas (1979; 1987; 1999) corrobora achados de Martins, em relação aos locais do surgimento e à propagação da música caipira e sertaneja: São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Paraná e Mato Grosso do Sul. Acrescenta características de execução da música como a forma nasalada de cantar, em dupla. A indústria cultural utilizou esse estilo nasalado como forma de diferenciar a música caipira da sertaneja. Assim, por meio de técnicas de marketing, promoveu-se a música sertaneja no meio urbano como dotada de um estilo moderno, e caracterizou-se a música caipira como “folclore”, típica do meio rural atrasado e vinculada à “identidade” caipira. Ao trabalhar com as representações de

ruralidade dos radialistas da zona da Mata Mineira, analisou-se, de fato, de que modo no meio rural mineiro, representado por esse contexto de municípios de economia agrícola, as transformações nas relações de campo e cidade estão sendo, ou não, absorvidas.

Outra justificativa para se conduzir este estudo é o gosto pela música sertaneja que os mineiros possuem. Segundo Morel (2018), os mineiros gostam mesmo é de sertanejo, o que a autora constatou em sua Tese de Doutorado, realizada na Universidade Federal de Lavras, com o objetivo de identificar os fatores que influenciavam o gosto musical dos entrevistados e os padrões de consumo em três cidades de Minas Gerais. Com isso, compete perguntar: “- como os radialistas dos pequenos municípios mineiros percebem a ruralidade através das músicas caipiras e sertanejas utilizadas por eles em seus programas sertanejos?”; “- Como percebem as mudanças da música caipira para a música sertaneja?”; “- Qual o estilo de pensamento que eles têm em relação à representação do rural, a partir das letras de músicas caipira e sertaneja?”

As rádios nos pequenos municípios da Zona da Mata Mineira

No Brasil, segundo Veiga (2002), os municípios de pequeno porte representam mais de 80% dos municípios. Em Minas Gerais, mais de 92% dos municípios tem menos de 20.000 habitantes. Dos 900 municípios mineiros existentes, 700 deles são marcados por uma grande ruralidade (IBGE, 2010), incluindo a microrregião de Viçosa-MG.

A cidade de Viçosa está localizada à 225 Km de Belo Horizonte, a capital mineira. É uma cidade de médio porte, com densidade demográfica de 241,2 Km², uma população rural de 4.915 habitantes e a população urbana com 67.305 habitantes, totalizando 72.220 habitantes; 20.000 habitantes de população flutuante, aproximadamente, composta por jovens estudantes que vem de outros estados e fora do país para estudar, principalmente, na Universidade Federal de Viçosa - UFV (IBGE, 2010). A UFV foi criada em 1926 pelo presidente da república Arthur da Silva Bernardes, nascido em Viçosa. Inicialmente, recebeu o nome de Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) e só em 1969 o nome foi alterado para Universidade Federal de Viçosa (UFV). Por ser uma cidade universitária é conhecida como cidade educadora. Além da Universidade Federal de Viçosa (UFV), a qual é considerada o cartão postal da cidade, possui várias outras instituições educacionais privadas localizadas na cidade como a União de Ensino Superior de Viçosa (UNIVIÇOSA), Faculdade de Viçosa (FDV), Universidade do Norte

do Paraná (Unopar) etc. A economia local é baseada no setor de serviços e gira em torno da Universidade Federal de Viçosa, que é uma instituição voltada para o Ensino, Pesquisa e Extensão.

A região de Viçosa, fora habitada por índios Tupi e era uma região de fronteira agrícola, sobretudo a cultura cafeeira. Além da agricultura, havia também à atividade aurífera e o comércio de minério na região com mão-de-obra escrava. Em relação à ciência, tecnologia e desenvolvimento, Viçosa possui um Centro Tecnológico de Desenvolvimento Regional de Viçosa (CENTEV), com a missão de estreitar as relações entre a UFV e o setor público e o privado afim de promover o desenvolvimento econômico, social e ambiental da cidade e região. Há também a presença da instituição, Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER) e a sede regional na Zona da Mata, a Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais (EPAMIG) que é a responsável pela pesquisa agropecuária de Minas Gerais em benefício da qualidade de vida da sociedade.

Figura 1 – Foto do Município de Viçosa-MG



Fonte: Jornal Folha da Mata.

No município de Viçosa, as características de ruralidade podem ser percebidas nas festividades religiosas, dentre elas a Semana Santa com cenas ao vivo, tendo como responsáveis as quatro paróquias da cidade: Paróquia Santa Rita de Cássia, Paróquia Nossa Senhora de Fátima, Paróquia São João Batista e Paróquia São Silvestre. As festas da padroeira Santa Rita de Cássia são comemoradas no dia 22 de maio; há também o encontro aberto no carnaval SEARA e festas folclóricas como Marcha Nico Lopes e

Manifestação de Congado e a semana do Fazendeiro que reúne fazendeiros de todas as regiões do Brasil, na UFV. Quanto ao artesanato, Viçosa é bem diversificada em relação aos trabalhos manuais: bordados, crochê, tricô, tapetes de tiras e pinturas em telas. Em relação aos artistas e grupos artísticos que procuram preservar a cultura local, podemos citar: Clube Raízes da Viola, que divulgam a música caipira nas comunidades viçosenses, assim como o Cheiro de Relva que divulga a música caipira na microrregião de Viçosa e ainda os radialistas com seus programas sertanejos que abrilhantam as manhãs, tarde e noites dos ouvintes da cidade de Viçosa e região. Vale ressaltar que as canções caipiras e sertanejas, historicamente, ganharam força nas irradiações radiofônicas e permearam os ambientes rurais e urbanos.

Quadro 1 – Radialistas e seus respectivos programas sertanejos

Anos de trabalho	MUNICÍPIO	NOME	PROGRAMA	RÁDIO
15 anos	Alto do Rio Doce	Kléber	Manhã Sertaneja	Rádio Rio Doce FM 87,9
9 anos	Araponga	Hamilton Ramos	Bem sertanejo	Rádio Comunitária Muriqui FM 87,9
4 anos	Cajuri	Antônio Crispim	Manhã Sertaneja	Rádio Cajuri FM
16 dias	Canaã	João Batista (JB)	Coração sertanejo	Rádio Terra Feliz, a voz do Vale 453
2 anos	Cipotânia	Sinézio Paiva	Manhã Rural	Rádio Xopotó FM 87,9
19 anos	Coimbra	Tonhão	Manhã Sertaneja	Rádio Pioneira 104,9 FM
10 anos	Ervália	João Batista (JB)	Paixão Sertaneja	Rádio Montanha de Ervália 90,9 FM
7 meses	Lamin	Larissy	Programa Sertanejo	Rádio Pop 98,7 FM
16 anos	Paula Cândido	Agnaldo Almeida	Programa Agnaldo Almeida	Rádio Master 87,9 FM
30 anos	Piranga	Geraldo	Manhã Sertaneja	Rádio Piranga
	Porto Firme	Sorriso Maroto	Manhã Sertaneja	Rádio Opção 87,9 FM
15 anos	Presidente Bernardes	João Ancelmo	Manhã Sertaneja	Rádio União FM 87,9
5 anos	Rio Espera	David Ramos	Tarde Musical	Rádio Rio Espera 98,7 FM
4 anos	São Miguel do Anta	Joel	Comunidade FM	Rádio FM 87,9
8 anos	Senhora de Oliveira	Sidnei Luciano	Manhã Sertaneja	Rádio Comunitária Boa-Nova FM 87,9
	Teixeiras	Jair	Programa Revirando o baú	Rádio Teixeira 87,9 FM
30 anos	Viçosa	Divino Amaral	Nossa Terra, nossas canções	Rádio 95 FM
25 anos	Viçosa	José Nascimento	Programa Tarde Sertaneja	Rádio Montanha 106,5 FM
5 anos	Viçosa	Ney Caetano	Viola Sertaneja	Rádio Universitária FM
39 anos	Viçosa	Nilton Gonzaga	Sábado Show	Rádio Montanha 106,5 FM
15 anos	Viçosa	Lola e Josimar	Luar do Sertão	Rádio Quintal FM 106,9

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

Ainda hoje, mesmo diante dos atrativos das novas mídias, o rádio continua presente nos lares brasileiros. Fraga (2018) constatou a permanência desse meio de comunicação tradicional no cotidiano dos rurais da Zona da Mata Mineira, já que o veículo se reconfigurou para se adaptar ao novo cenário comunicacional virtual. No Quadro 1, pode ser observado os municípios que compõem a microrregião de Viçosa com suas respectivas rádios e os radialistas com seus programas sertanejos.

Viçosa é uma cidade polo onde os pequenos municípios da sua microrregião, além da educação, dependem dela pela prestação de serviços relacionados à saúde e ao comércio, principalmente os municípios: Araponga, Cajuri, Canaã, Coimbra, Ervália, Paula Cândido, Piranga, Porto Firme, Presidente Bernardes, São Miguel do Anta e Teixeiras, por estarem mais próximas à Viçosa e o deslocamento varia de 15 minutos a uma hora entre eles. Em relação à parte religiosa, a Arquidiocese de Mariana, a qual a microrregião de Viçosa pertence, dividiu a microrregião em três regiões: Região Mariana Leste, Região Mariana Centro e Região Mariana Sul¹ (ARQMARIANA, 2019).

A Região Mariana Leste é composta por Viçosa, Amparo do Serra, Teixeiras, Cajuri, São Miguel do Anta, Pedra do Anta, Paula Cândido, Canaã, Coimbra, Ervália, Araponga. Nesta região, houve a decadência da produção e comércio da cana de açúcar devido a ambição de empresas nacionais e estrangeiras na construção de barragens nos rios e incidência de tráfico e consumo de drogas. Já a Região Mariana Centro é composta pelos municípios: Piranga, Brás Pires, Presidente Bernardes, Lamim, Rio Espera, Porto Firme e Senhora de Oliveira. Considerada uma área rural com a população camponesa vivendo da agricultura familiar e pecuária. A fonte de trabalho vem principalmente das Prefeituras municipais, tendo a força nos sindicatos. Esta região é rica de recursos naturais, sobretudo a mata nativa. A região Mariana Sul abrange os municípios de Alto Rio Doce e Cipotânea, considerada como uma região agrícola e pecuária pois não há nenhuma indústria e sofre com a falta de emprego, conseqüentemente o êxodo rural principalmente pelos jovens e também a exclusão social e a violência (ARQMARIANA, 2019). Retomaremos as características dos municípios da microrregião de Viçosa e seus radialistas na metodologia.

Este artigo apresenta a seguinte estrutura: na parte inicial, encontram-se a introdução e o referencial teórico; na segunda parte, a metodologia e as formas de

¹ Disponível em <https://arqmariana.com.br>.

execução deste estudo, seguindo-se os resultados e as análises. Na penúltima parte, são mostradas as considerações finais e, por fim, as referências bibliográficas.

2 ESTILOS DE PENSAMENTO KARL MANNHEIM

A música caipira e sertaneja está culturalmente pronta na sociedade brasileira, veiculando histórias e lições de vida, a irreverência, a fé, a religiosidade e os “causos”, manifestações que traduzem as características que peculiarizam a cultura caipira (ANTUNES, 2012). A música caipira e sertaneja expressam “estilos de pensamento” que podem ganhar conotações diferenciadas de um contexto histórico para outro. Segundo Mannheim (1986, p. 104), os “estilos de pensamento” descrevem diferentes modos de olhar as coisas e podem ter um caráter “conservador” ou “progressista”, ou, mesmo, apresentar características “conservadoras e progressistas”. Para esse autor, uma das principais peculiaridades do “modo conservador” de apreender a realidade é se aproximar das coisas por trás, a partir de seu passado. Já o “modo progressista” de apreender a realidade tem a característica de ‘projetar’ perspectivas futuras a serem alcançadas. Em ambas as concepções, “conservadora” e “progressista”, faz-se presente uma perspectiva de tempo. O progressista compreende o presente como o começo do futuro, enquanto o conservador o considera como o último ponto a ser alcançado pelo passado.

O apego ao concreto, ao particular, à tradição e a tendência de objetivar ações imediatas e localizadas são características marcantes do estilo de pensamento conservador. Já o estilo de pensamento progressista impõe como marca o abstrato, o hipotético. Assim, o estilo de pensamento, “conservador” ou “progressista” estão presentes na música caipira e sertaneja histórico no qual elas ganham legitimidade.

Um aspecto importante a se frisar, nesse sentido, é que um estilo de pensamento com dimensões marcadamente conservadoras, como o religioso, pode servir de referencial utópico para as pessoas, indo de encontro à ordem vigente, enquanto um estilo de pensamento progressista pode resultar em um reforçamento ideológico dessa mesma ordem social. O importante, ao se adotar essa perspectiva de Mannheim é não tratar de forma maniqueísta um estilo de música, caipira ou sertaneja, percebendo que elas podem apresentar um e outro estilo de pensamento, progressista e, ou conservador, em diferentes contextos.

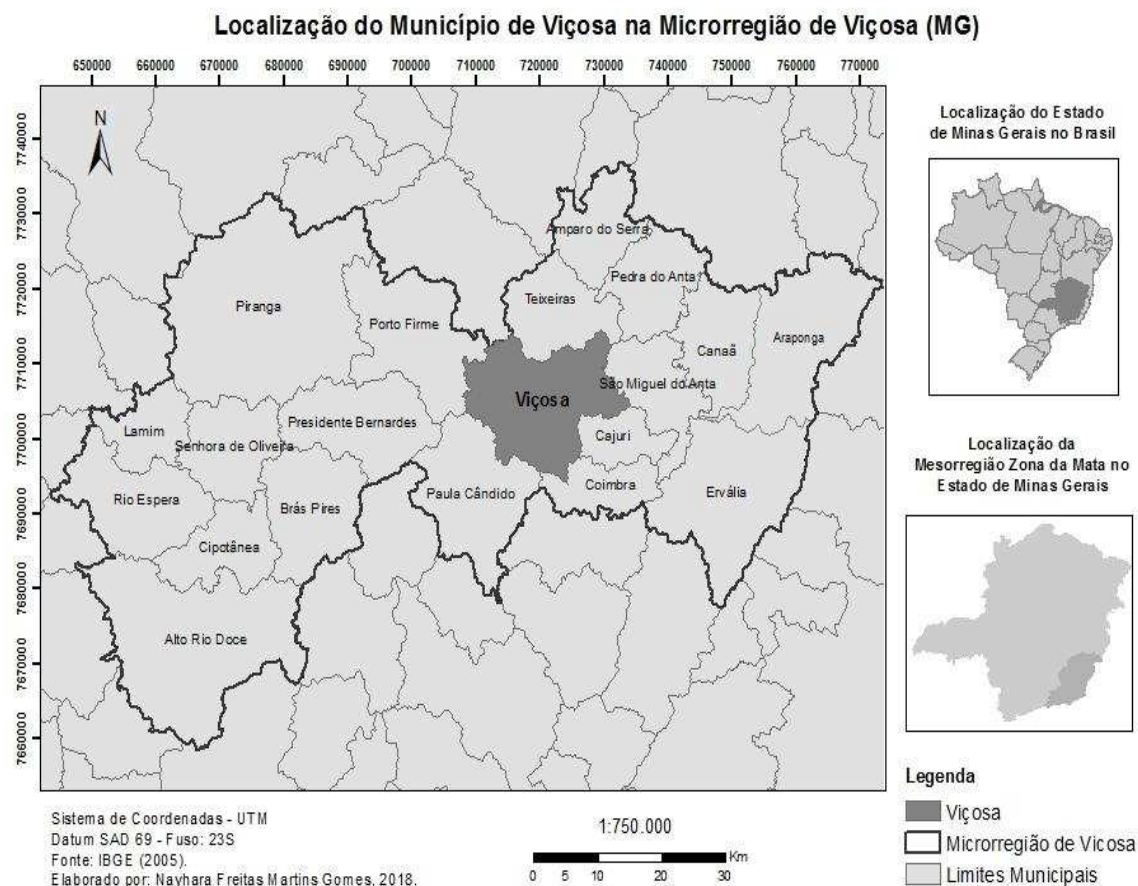
É preciso estarmos atentos ao fato de o significado presente nas representações sociais, referentes à música estar situado historicamente. Segundo Mannheim (1986), o estilo de pensamento conservador pode, ainda, ser diferenciado do tradicional, pelo fato de este último ser sempre dependente de um conjunto de circunstâncias concretas e não atemporais. Conforme o autor afirma, não há como conhecer antecipadamente o significado que uma representação conservadora tomará. Entretanto, é possível prever o significado geral implicado no termo tradicional, dada a sua invariabilidade temporal. O conservadorismo político não se pauta em princípios imutáveis e universalmente válidos. Não se podem fazer deduções das representações conservadoras, com a mesma segurança com que se pode fazê-las em relação às representações tradicionais. Daí o erro, ao se taxarem e criarem clichês para músicas, como se elas fossem completamente conservadoras ou progressistas, em suas dimensões política, cultural ou econômica. Já o estilo tradicional se manifesta como forma de resistência política e cultural, voltando-se à conservação de valores e costumes herdados. Assim, para além das diferenças entre a música caipira e sertaneja quanto a incorporação de novos instrumentos e aquisição de ritmos estrangeiros, Martins (1975) e Caldas (1999), defendem a premissa de que, a música caipira e a música sertaneja apresentam estilos de pensamento diferentes. A música caipira situada no período em que a industrialização ainda era incipiente, entre 1929 e 1940 expressa um estilo de pensamento tradicional, enquanto a música sertaneja situada no período da industrialização da sociedade brasileira expressa um estilo de pensamento conservador, em termos das referências ao ‘campo’ e ao ‘modo de vida rural’.

3 METODOLOGIA

Como procedimentos metodológicos visando a alcançar o objetivo de analisar as representações que os radialistas da microrregião de Viçosa-MG têm a respeito da ruralidade nas músicas caipiras e sertanejas, procedeu-se, inicialmente, a uma análise de conteúdo das músicas caipiras e sertanejas escolhidas por eles. As entrevistas foram realizadas nas cidades pertencentes à microrregião de Viçosa que possuíam rádio com programa sertanejo. A microrregião de Viçosa-MG é composta por 20 pequenos municípios, incluindo-se a cidade de Viçosa-MG: Alto Rio Doce, Amparo do Serra, Araponga, Brás Pires, Cajuri, Canaã, Cipotânea, Coimbra, Ervália, Lamim, Paula Cândido, Pedra do Anta, Piranga, Porto Firme, Presidente Bernardes, Rio Espera, São

Miguel do Anta, Senhora de Oliveira, Teixeira e Viçosa-MG. Todos esses municípios podem ser classificados como rurais, com exceção de Viçosa, tendo em comum com as demais a cafeicultura como a sua base econômica (VEIGA, 2000).

Figura 2 – Mapa dos municípios pertencentes à Microrregião de Viçosa-MG



Fonte: Gomes (2018).

Dos 20 municípios que a compõem, três não possuíam rádio, tendo sido, portanto, descartados da pesquisa: Amparo do Serra, Brás Pires e Pedra do Anta. Sendo assim, foram entrevistados, nos outros 17 municípios, dezesseis radialistas, visto que um deles trabalhava em duas rádios em municípios diferentes. Além destes, foram acrescentados 4 radialistas que atuavam na cidade de Viçosa-MG. Portanto, foram entrevistados, 20 radialistas no total. Todos eles mantinham um programa voltado para a música caipira e sertaneja.

A seguir, são apresentados no Quadro 2, os municípios com suas populações rurais e urbanas e as respectivas rádios que integraram a pesquisa.

Quadro 2 – Relação das rádios identificadas por município

Municípios	População Rural	População Urbana	População Total	Densidade Demográfica (Hab./Km ²)	Rádio
Alto Rio Doce	7.089	5.070	12.159	23,5	Rádio Rio Doce FM 87,9
Amparo do Serra	2.411	2.642	5.053	34,6	Não tem rádio
Araponga	5.111	3.041	8.152	26,8	Rádio Comunitária Muriqui FM 87,9
Brás Pires	2.414	2.223	4.637	20,8	Não tem rádio
Cajuri	1.951	2.096	4.047	48,7	Rádio Cajuri FM
Canaã	2.769	1.859	4.628	26,5	Rádio Terra Feliz
Cipotânea	3.533	3.014	6.547	42,7	Rádio Xopotó FM 87,9
Coimbra	1.898	5.156	7.054	66,0	Rádio Pioneira 104,9 FM
Ervália	8.476	9.470	17.946	50,2	Rádio Montanha Ervália 90,9 FM
Lamim	1.941	1.511	3.452	29,1	Rádio Pop 98,7 FM
Paula Cândido	4.335	4.936	9.271	34,6	Rádio Master 87,9 FM
Pedra do Anta	1.173	2.192	3.365	20,6	Não tem rádio
Piranga	11.274	5.958	17.232	26,2	Rádio Piranga
Porto Firme	5.586	4.831	10.417	36,6	Rádio Opção 87,9 FM
Presidente Bernardes	3.895	1.642	5.537	23,4	Rádio União FM 87,9
Rio Espera	3.667	2.403	6.070	25,4	Rádio Rio Espera 98,7 FM
São Miguel do Anta	3.014	3.746	6.760	44,4	Rádio FM 87,9
Senhora de Oliveira	2.427	3.256	5.683	33,3	Rádio Comunitária Boa-Nova FM
Teixeiras	3.732	7.623	11.355	68,1	Rádio Teixeira 87,9 FM
Viçosa	4.915	67.305	72.220	241,2	Rádio 95 FM; Rádio Universitária FM 100,7; Rádio Montanha 106,5 FM; Rádio Quintal FM 106,9

Fonte: IBGE (2010).

O Quadro 2 apresenta a relação das 20 rádios pesquisadas, a população e a densidade demográfica de cada município da microrregião de Viçosa, constatando-se que todas as rádios atuavam no formato FM, caracterizado por possuir um alcance menor que o das rádios AM, com melhor qualidade dos sons. Cabe ressaltar que apenas a rádio Montanha 106,5 FM foi por muitos anos uma rádio AM, mas, recentemente, migrou para a estação FM. (MEDITSH, 2001, p. 13, apud FRAGA, 2005), já afirmava que,

[...] na era da mundialização, o rádio e as rádios constituem um valioso ferramental para a fixação de identidades. Estimula apegos locais ou regionais, cimenta aproximações. É naturalmente cívico, comunitário. Porque é pessoal, porque transfere humanidade, tem condições de transformar informação em conhecimento.

Assim, os radialistas das rádios da microrregião de Viçosa têm a oportunidade de se aproximar mais do ouvinte, com um veículo de melhor qualidade e estabelecer um vínculo entre o radialista, o ouvinte e a rádio. Visto o número de habitantes existentes nos municípios mostrados no quadro 2, demonstrando uma característica de ruralidade. As entrevistas foram realizadas, predominantemente, nas próprias rádios, mas houve situação de ir ao encontro dos entrevistados onde eles se localizavam. Um deles, e.g., foi encontrado “no cabo da enxada”, o que demonstra a grande proximidade da maioria deles com o meio rural, o que pode ser reforçado, ainda, pelo caso de outro radialista que era “apanhador de café”. Os demais distribuíram-se entre profissões variadas: caminhoneiro, professor, servidores municipais, jornalista etc. Além da atividade profissional e na rádio, esta última nem sempre remunerada, os radialistas tinham o prazer de estar em contato com o ouvinte através desse veículo de comunicação de grande importância para as pessoas, principalmente nos pequenos municípios da microrregião de Viçosa-MG. A rádio, em pequenos municípios rurais, além de tocar as músicas caipiras e sertanejas solicitadas, também realiza serviços de utilidade pública, como, por exemplo, ao servir de meio de comunicação entre uma mãe que se encontrava na roça e a filha que estava na cidade, ou mesmo para avisar sobre algum acontecimento importante.

Nas primeiras entrevistas realizadas, percorremos muita estrada de terra, debaixo de chuva. Ao terminar uma entrevista, era perceptível a satisfação do radialista em participar da pesquisa, explicando como e por que as músicas possuíam o significado de ruralidade para eles. Para muitos, esta era uma oportunidade de dialogar com o ‘instrumento’ de trabalho, com um significado quase subjetivo para cada um dos participantes. A empatia foi tão significativa durante as abordagens que, ao final da entrevista, alguns deles mandavam ‘um alô’ no rádio para a pesquisadora. Esse ambiente de proximidade ainda foi mais caloroso em função de os radialistas terem sido presenteados pela pesquisadora, que é também cantora de música sertaneja, com um CD de sua autoria.

Respeitando as normas do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), a pesquisa atendeu satisfatoriamente a essa exigência, oportunizando conduzir a investigação que consistiu em apenas duas perguntas, feitas por meio de um diálogo entre a pesquisadora e o entrevistado. A primeira questão foi a seguinte: “- Quais são as dez músicas mais representativas do rural na sua opinião? Por quê? E a segunda pergunta foi:

“- Você acredita que a música caipira-sertaneja mudou? Por quê? Dê exemplos. Cada radialista teve a oportunidade de arrolar dez músicas caipiras ou sertanejas e explanar as suas opiniões acerca das razões por que acreditava que elas representavam o rural.

4 ANÁLISE DE CONTEÚDO DOS RADIALISTAS DA MICRORREGIÃO DE VIÇOSA-MG

Nas características dos municípios da microrregião de Viçosa, o rádio tem fundamental importância na vida dos seus habitantes, principalmente no que diz respeito à informação, entretenimento e à utilidade pública quer para a população urbana ou rural. No município do Alto do Rio Doce, situada à 138 Km de Viçosa possui uma população total de 12.159 habitantes por km², sendo uma população rural de 7.089 habitantes, maior que a população urbana com 5.070 habitantes por km² (IBGE, 2010). Sua base econômica é a agricultura, principalmente o cultivo do café. A origem do nome do município se deu pela sua localização na parte mais alta das nascentes do Rio Doce, que antes era chamado de São José do Xopotó. Este município também foi colonizado por índios: Croatas e Puris, de origem Tupi e sua fundação se deu como município no dia 07 de março de 1890 (IBGE CIDADES, 2010)².

Figura 3 – Igreja de São José, do Município de Alto do Rio Doce-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

² Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/alto-rio-doce/historico>.

As características de ruralidade são bem expressivas neste município, a qual a religiosidade é de extrema importância. Vale ressaltar que a igreja ficava bem no centro do município, onde o seu desenvolvimento se deu pela construção da igreja que era rodeada pelas principais ruas. A rádio Alto do Rio Doce FM 87,9, fica localizada abaixo de uma igreja católica de São José a qual é a responsável pela criação e administração da rádio, conforme as Figuras 3 e 4.

Figura 4 – Rádio Alto Rio Doce FM 87,9, Alto Rio Doce-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Encontramos o radialista Kleber Oliveira, conhecedor da música caipira e sertaneja. Ele trabalha voluntariamente e ajuda na organização da rádio há 15 anos, reconhecendo o valor que este veículo de comunicação tem para a comunidade local. É uma rádio simples, mas muito acolhedora. Tivemos a oportunidade de presenciar um ouvinte solicitando uma música pessoalmente, para ser tocada na rádio. Quanto à pesquisa deste estudo, o radialista (R1), Kleber Oliveira, escolheu as seguintes músicas que representava o rural para ele: 1ª Tristeza do jeca, Tônico e Tinoco; 2ª O filho da pobre, Jacó e Jacozinho; 3ª O carro e a faculdade, Trio Parada Dura; 4ª Vai e vem do carreiro, Milionário e José Rico; 5ª Couro de boi, Sérgio Reis; 6ª Mágoa de boiadeiro, Sérgio Reis; 7ª A canga do tempo, Lourenço e Lourival; 8ª O mineiro e o italiano, Liu e Léo; 9ª Travessia do Araguaia, Tião Carreiro e Pardinho; 10ª Sonhando, Rick e Renner.

O radialista Kleber Oliveira mostrou sua satisfação e emoção em trabalhar com a música caipira e sertaneja ao relatar uma das músicas escolhidas por ele O filho da pobre: “Esta é uma música profunda, que tem uma história. Até arrepiava o meu corpo; essa música

é linda”. Em relação à segunda pergunta: ‘Você acredita que a música caipira-sertaneja mudou? Por que? Dê exemplos’. Para ele, a música sertaneja evoluiu: “Evoluiu pra isso né? Ela começou com a raiz, pegou uma fase do romantismo e agora o urbanismo né? O sertanejo urbanizado”. Ele falou em lembranças, memórias, saudades ao expressar que a música caipira é uma poesia “Isto pra mim é uma poesia. O que é uma poesia? A poesia nada mais é, o cara com uma palavra ele fala mil coisas. Olha esta música. Se você viajar nela você vai formando na sua cabeça milhões de imagens. Isto é que é poesia. O cara com uma palavra, ele te transporta para vários lugares, é o que a poesia faz”.

Também, mencionou a profundidade da música caipira e o conhecimento das mesmas de geração em geração; “Essas músicas, meus bisavós conheceram, meus avós cantaram eu vou cantar, os meus filhos vão cantar, os meus netos vão cantar”. E em relação à música sertaneja, disse: “hoje ela tem um apelo comercial maior entendeu? Assim, eles não se preocupam com a letra, a preocupação em vender, aquela coisa toda, um apelo comercial muito grande. É assim”. E continua a explicação; “muita das vezes ela não retrata a essência da nossa raiz mesmo, não retrata a essência do verdadeiro caipira”.

Outro município, Araponga-MG, localizado à 51 km aproximadamente de Viçosa, com uma população de 8.152 habitantes, 5.111 população rural e 3.041 de população urbana (IBGE, 2010), é marcado pelas cachoeiras e um famoso café, exportado devido a sua qualidade.

Figura 5 - Rádio Muriqui FM e a praça do município de Araponga-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Conhecemos a rádio Comunitária Muriqui FM 87,9 e o simpático radialista que nos recebeu muito bem, Hamilton Ramos (R2) o qual a nove anos presta serviços à rádio. Como um município turístico, a Rádio Muriqui pode ser um local a ser visitado pela sua bela estrutura e ainda acomoda uma biblioteca e uma repartição de cultura da Prefeitura, em seu interior, conforme Figura 5.

Em relação às dez músicas que representam a ruralidade para o radialista Hamilton Ramos, foram escolhidas: 1ª Obrigado ao homem do campo, Dom e Ravel; 2ª A colheita, Chitãozinho e Xororó; 3ª Meu sítio, meu paraíso, Lourenço e Lourival; 4ª Meu reino encantado, Daniel e Zé Camilo; 5ª Gente da roça, Tião Reis e Zé Mineiro; 6ª Peito sadio, Zé Carreiro e Carreirinho; 7ª Fim da humanidade, Lourenço e Lourival; 8ª O machado destruidor, Ronaldo Gomes; 9ª Cio da terra, Pena Branca e Xavantinho; 10ª A casa da vovó, Lourenço e Lourival.

Diante às músicas escolhidas, o radialista Hamilton Ramos demonstrou muito saudosismo da época vivida na roça, compartilhou lembranças e histórias na casa da vovó, onde havia fartura, amor e reunião familiar. Também disse: “Eu tô aqui em Araponga e até que a natureza aqui tá bem presente, mas, eu queria era morar na roça, minha vontade é tá na roça e ter lá galinha, ter pato, meus radinhos, igual tem um antigo na parede”. Para ele, a música caipira é a que traz mensagem “A música caipira é uma que, ela traz história pra gente. Que é uma coisa que geralmente alguém, tudo o que fala na música, alguém já viveu aquilo um dia. É uma mensagem”. E também se contrapõe em relação à música sertaneja dizendo: “Agora, estas mais atuais não tem nada disso”.

O município tem uma geografia propícia para este modo rural de vida, onde o cultivo de plantas e o cuidado com os animais se faz presente (Candido, 1964; Silveira, 2015; Gomes, 2015). Podemos relacioná-lo ao estilo de pensamento conservador, que apresenta o campo como sinônimo de agrícola e com uma natureza idílica (Mannheim, 1986). Continuando a viagem pela microrregião de Viçosa, chegamos ao município de Cajuri (FIGURA 6), o qual está localizado à 18 km aproximadamente de Viçosa. Com uma população rural de 1.951 e população urbana de 2.096, totalizando uma população de 4.047 habitantes por km² (IBGE, 2010). Foi fundado em 30 de dezembro de 1962, reconhecido como o município de origem do cantor Wando. Sua base econômica se baseia na produção do café e tomate. Também foi povoado anteriormente por índios Tupi (IBGE CIDADES, 2010)³.

³ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/cajuri/historico>.

Figura 6 – Município de Cajuri-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Um pequeno município, com uma paisagem bem rural. Conhecemos o radialista e mentor da Rádio Cajuri FM, o senhor Antônio Crispim (R3), o qual fez as seguintes escolhas das músicas que representava o rural para ele: 1ª Moreninha linda, Tonico e Tinoco; 2ª Vida, viola e violeiro, Zezé Di Camargo e Luciano; 3ª Pagode em Brasília, Tião Carreiro e Pardinho; 4ª Moda da pinga, Inezita Barroso; 5ª Amargurado, Tião Carreiro e Pardinho; 6ª Nossa Senhora Aparecida, Rick e Renner; 7ª Quatro cantos da casa, Teodoro e Sampaio; 8ª Vida de caboclo, Ataíde e Alexandre; 9ª Franguinho na panela, Lourenço e Lourival; 10ª Estrelinha, Di Paulo e Paulino.

O radialista Antônio Crispim relatou “A música sertaneja raiz é a que representa mais o rural né? Esses novos, os universitários não representam não, no meu pensamento não, né?” Em relação à segunda pergunta ‘Você acredita que a música caipira-sertaneja mudou? Por que? Dê exemplos’. Ele respondeu: “Mudou. Mudou com os universitários né? “Hoje, qualquer coisa que eles gravam e chamam de música, pra mim, não vale nada”. De acordo com Mannheim (1986), este radialista pode ser relacionado ao estilo de pensamento tradicional que considera que a música caipira é fixa, não muda e ainda rejeita o novo estilo de música, o sertanejo universitário, ou seja, rejeita o novo.

Continuando a viagem, chegamos ao município de Canaã, localizado à 40 km de Viçosa, aproximadamente. Com uma população total de 4.628 habitantes, sendo 2.769 de população rural e 1.859 de população urbana (IBGE, 2010). Possui como base econômica a agricultura a qual foi a responsável pelo crescimento do povoado em torno da Ermida religiosa construída com o nome de Santo Antônio. Vale ressaltar que a rádio Terra Feliz FM, havia sido criada apenas há dezesseis dias, sob a direção do radialista João Batista,

mais conhecido como JB (R4), o qual trabalhava em Canaã e em Ervália. Para chegar à Rádio Terra Feliz FM era necessário adentrar um cafezal, conforme mostra a Figura 7.

Figura 7 – Rádio Terra Feliz FM, Canaã-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

JB trabalhou mais de 30 anos como radialista na Rádio Montanhesa de Viçosa, quando ainda era uma rádio AM e dez anos na rádio Montanhesa 90,9 FM do município de Ervália, nos finais de semana e apenas a dezesseis dias na Rádio Terra Feliz FM do município de Canaã. Com a localização da rádio Terra Feliz FM, atrás de um cafezal, percebemos a relação da Rádio com a ruralidade do município e o gosto do radialista em viver esta ruralidade.

Quanto ao município de Ervália (FIGURA 8), fica situado à 36 km aproximadamente de Viçosa, possui uma população total de 17.946 habitantes, sendo 8.476 habitantes como população rural e 9.470 habitantes de população urbana (IBGE, 2010). Foi fundada em 17 de junho de 1939. É o maior município da microrregião de Viçosa em relação à população e o segundo mais populoso com 50,2 de densidade demográfica, ficando atrás apenas do município de Coimbra com 66,0 habitantes por km. A sua base econômica é a produção de café na área agrícola e produção de roupas na área industrial (IBGE CIDADES, 2010)⁴.

⁴ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/ervalia/historico>.

Figura 8 – Município de Ervália-MG



Fonte: www.google.com.br

Diante às características dos dois municípios onde o radialista JB exerce seu trabalho, o mesmo escolheu as seguintes músicas caipiras e sertanejas que representam o rural para ele: 1ª No rancho fundo, Chitãozinho e Xororó; 2ª Fogão de lenha, Chitãozinho e Xororó; 3ª Aparecida do norte, Tonico e Tinoco; 4ª Obrigado ao homem do campo, Dom e Ravel; 5ª A marca da ferradura, Tonico e Tinoco; 6ª Mãe amorosa, Liu e Léo; 7ª Saudade da minha terra, Sérgio Reis; 8ª Menino da porteira, Sérgio Reis; 9ª Meu recanto, meu paraíso, Goiano e Paranaense; 10ª Último julgamento, Léo Canhoto e Robertinho.

Nas suas escolhas, JB fez questão de engrandecer a zona rural dizendo: “A zona rural, fia, ela é rica em tudo né? Ela tem conteúdo riquíssimo, tem uma diversidade enorme. Na zona rural, tudo o que se planta, colhe. Se colhe com emoção, lá tem arroz, tem rapadura e tem feijão”. Quanto à música caipira para ele, disse: “A música caipira tem mais sentimento, tem mais cultura entendeu? Agricultura. É carregada de simplicidade, muito respeito, admiração”. Ao contrário da música sertaneja que através das palavras dele enfatizou: “A música sertaneja não, ‘um fio de cabelo no meu paletó..., não fala do campo, fala de motel”. E relata sua preferência na música; “A música diz muito. Eu não gosto da música prosa não, eu gosto é do verso. A música caipira tem conteúdo, não tem malícia, não tem maldade”. E ainda acrescentou; “Eu me orgulho em ser chamado de caipira. Ser caipira hoje é ser muito rico”. Diante a estas palavras, podemos relacionar este radialista ao estilo de pensamento conservador de Karl Mannheim (1986), que valoriza a agricultura pré-capitalista tendo o campo como sinônimo de agrícola e o rural como um modo de vida tradicional resgatando o que existia em termos de costumes e tradições.

Esta pesquisa nos surpreendeu de várias formas, além da Radio Terra Feliz FM de Canaã, ser localizada atrás de um cafezal, outra situação interessante foi a localização da Rádio Xopotó FM 87,9 do município de Cipotânea, que se situava atrás de um trailer de lanche, conforme pode ser observado na Figura 9.

Figura 9 – Rádio Xopotó FM 87,9, Cipotânea-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Lá encontramos o radialista Sinézio (R5) que saiu do emprego que tinha na Prefeitura do município de Cipotânea, para assumir a Rádio Xopotó FM. Além da apresentação do programa Manhã Rural, ele também imita o personagem em quadrinhos Chico Bento na rádio, o qual o tornou conhecido no pequeno município. Cipotânea fica a 122 Km aproximadamente de Viçosa, com uma população de 6.547 habitantes, sendo 3.533 de população rural e 3.014 de população urbana (IBGE, 2010). As atividades econômicas deste município se baseiam na agricultura, pecuária e indústria manufatureira. O artesanato é feito com a palha do milho na produção de bonecas, tapetes, os quais são exportados para a Europa e o Canadá (IBGE CIDADES, 2010)⁵.

Quanto à pesquisa, as dez músicas caipiras e sertanejas que representavam a ruralidade para este radialista foram as seguintes: 1ª Menino da porteira, Sérgio Reis; 2ª Franguinho na panela, Lourenço e Lourival; 3ª Chuva na serra, Jorge Luíz e Fernando; 4ª Laçador de cachorro, Tião Carreiro e Pardinho; 5ª Paixão mineira, Tião Carreiro e Pardinho; 6ª Poeira na estrada, João Paulo e Daniel; 7ª Obrigado, Leide e Laura; 8ª Pedido de um pai, Lourenço e Lourival; 9ª Meu reino encantado, Daniel e Zé Camilo; 10ª A caneta e a enxada, Liu e Léo.

⁵ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/cipotanea/historico>.

A escolha do radialista Sinézio teve como base as músicas que seus ouvintes mais pediam para tocar na Rádio Xopotó FM. Quanto à mudança entre as músicas caipira e sertaneja, disse que a música caipira é a de raiz, que tem letra e essência e contam histórias “a caipira é a ranchão mesmo e ponto. Agora quando diz sertaneja já pode ser sertaneja universitária, pode ser um sertanejo aglomerado. Já moderniza. Caipira é raiz” e conclui dizendo que a música sertaneja “Tá perdendo um pouco espaço na valorização cultural eu acho”. Como caracterização do estilo de pensamento conforme Mannheim (1986) deste radialista, podemos relacioná-lo ao estilo de pensamento tradicional, onde o campo estava voltado para o modo de vida tradicional, os costumes e tradições não deviam ser contestados e com a prática comercial da música sertaneja universitária, considera que prejudica à cultura local.

Outro município pertencente à microrregião de Viçosa é o município de Coimbra, localizado à 19,7 km de Viçosa (FIGURA 10). Tem uma população total de 7.054 habitantes, sendo 1.898 habitantes de população rural e 5.156 habitantes de população urbana (IBGE, 2010). É conhecido também pelo bom clima existente, um lugar aprazível para se viver. Quanto as atividades econômicas destacam-se na agropecuária e nos serviços (IBGE CIDADES, 2010)⁶.

Figura 10 – Rádio Pioneira 104,9 FM, Coimbra-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Como é um município de pequeno porte, não foi difícil descobrir o endereço do simpático radialista o senhor Antônio Barbosa, conhecido no município como Tonhão

⁶ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/coimbra/historico>.

(R6). Nós o encontramos no “cabo da enxada”, ou seja, ele estava trabalhando numa reforma de sua casa e a nossa conversa se deu por ali mesmo. Há 19 anos ele trabalhava na Rádio Pioneira FM 104,9 e amante da música caipira, sobretudo da música instrumental gaúcha, escolheu as seguintes músicas caipiras e sertanejas que representava o rural para ele: 1ª Franguinho na panela, Lourenço e Lourival; 2ª Menino da porteira, Sérgio Reis; 3ª Saudade da minha terra, Sérgio Reis; 4ª Instrumental gaúcho, Mazinho Mendonça; 5ª Capa do viajante, Jacó e Jacozinho; 6ª A vaca já foi pro brejo, Tião Carreiro e Pardino; 7ª Aos olhos de Deus, Goiano e Paranaense; 8ª Aceita que dói menos, Trio Parada Dura e Marília Mendonça; 9ª Parabéns, Teixeira; 10ª Sanfona xonada, As Galvão.

O radialista Tonhão mencionou as mudanças ocorridas no campo e no município Coimbreense em relação ao deslocamento das pessoas “(...) porque o pessoal principalmente do rural aqui, por exemplo, está tudo fazendo uma migração para Cidade” e quanto os modos de vida rural, principalmente à moradia disse “todo mundo tem casa na cidade às vezes mora aqui mais trabalha lá. (...) o pessoal rural hoje, tem internet em casa, tem Sky em casa, tem tudo quanto há”. Para ele a música caipira e sertaneja mudou. A música caipira tem letra e é a música tocada com viola e violão. Quanto à música sertaneja, ele explica “(...) infelizmente, sabe que tem até um sertanejo universitário mentiroso por aí? Cê já viu o palavreado que eles usam? (...) ele pega essas letras que já existem por aí afora faz uns arranjos faz uma adaptação”. Diante as palavras do radialista coimbreense, podemos relacioná-lo ao estilo de progressista (Mannheim, 1986), pois defende o campo como pluriativo, onde os habitantes rurais, não vivem apenas da agricultura, mas absorve do conforto citadino em seus lares rurais com o uso das tecnologias existentes: sky, internet, etc. e ao modo de vida rural tradicional pois considera que o campo se modificou.

Chegamos ao município de Lamim, que fica localizado à 94,8 km de Viçosa, o qual possui uma população total de 3.452 habitantes, sendo 1.941 habitantes de população rural e 1.511 habitantes de população urbana (IBGE, 2010). Seu território é cortado pelo rio Piranga e pelo ribeirão do Lamim, afluentes da bacia do Rio Doce. É um município muito religioso e sua cultura se formou através dos seus colonizadores portugueses e dos escravos africanos que viveram neste povoado. Dos africanos herdaram os grupos de congado. O padroeiro do município de Lamim é o Divino Espírito Santo e eles possuem uma tradição de envolver toda a população e segundo a lenda, todos os anos era sorteado

um festeiro que fazia a festa por conta própria. Há também a festa de Nossa Senhora do Rosário, em outubro, a qual era uma junção das tradições católico-portuguesa e a congada dos africanos. O ponto alto das congadas era a coroação do rei do congo, com muita música e dança. Já as Folias de Reis é uma comemoração católica-portuguesa que em virtude do natal, os três reis magos, vão visitar o menino Jesus levando presentes a ele. Esta festa é comemorada no dia seis de janeiro de cada ano (IBGE CIDADES, 2010)⁷.

O ar do município inspira paz, tranquilidade e conseguimos localizar a rádio do município de Lamim, a Rádio Pop FM 98,7 que após subirmos um alto morro, onde é possível ter a vista de todo o município, conforme a Figura 11, encontramos a radialista Larissy Cristina (R7), a mais nova radialista da pesquisa e a que teve menos tempo de rádio que os demais.

Figura 11 – Rádio POP FM 98,7, Lamim-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

A radialista com apenas sete meses de rádio, escolheu as seguintes músicas caipiras e sertanejas, as quais representavam o rural para ela: 1ª Pitoco, Teodoro e Sampaio; 2ª Céu e mar, Jorge e Mateus; 3ª Tô com moral no céu, Mateus e Kauan; 4ª Exclusividade, Mateus e Kauan; 5ª Alô, Chitãozinho e Xororó; 6ª Saudade da minha terra, Sérgio Reis; 7ª No rancho fundo, Chitãozinho e Xororó; 8ª Couro de boi, Sérgio Reis; 9ª Menino da porteira, Sérgio Reis; 10ª Filho adotivo, Sérgio Reis.

⁷ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/lamim/historico>.

Interessante notar que embora a radialista seja a mais nova dos radialistas da pesquisa e com menos tempo de rádio, ela escolheu em torno de 70% de músicas mais antigas, consideradas caipiras e apenas 30% de músicas atuais, consideradas sertanejo universitário. E revelou o seguinte: “Tipo aqui, realmente ouve mais rádio mesmo, são pessoas que mais escutam esse tipo de música, as mais antigas. Não tem muitos jovens que ouvem rádio não”. Para ela, a música caipira e sertaneja mudou pois, “as músicas antigas sertanejas falavam muito tipo, do rural”. Mas, “hoje em dia o sertanejo, eles ficam pondo aquelas músicas de paixão, (...). Não é mais aquelas antigas não. E concluiu “saiu da raiz como exemplo, Maiara e Maraísa, Simone e Simaria, um sertanejo mais moderno”. Mesmo jovem, podemos relacionar esta radialista ao estilo de pensamento tradicional pela escolha das músicas mais antigas que representava o rural e por ser jovem percebeu a mudança do campo com o novo estilo musical, a música sertaneja.

Prosseguindo o caminho, estivemos no município de Paula Cândido (FIGURA 12), localizado à 26,1 km de Viçosa, com uma população rural de 4.335 habitantes e 4.936 habitantes de população urbana, totalizando 9.271 habitantes (IBGE, 2010). Assim como o município de Lamim, Paula Candido também celebra a festa de Nossa Senhora do Rosário, com congado, os reis e a cavalgada e seu encerramento se dá com a procissão levando a imagem de Nossa Senhora do Rosário. Além da festa do Rosário, o município de Paula Candido não deixava de realizar a Exposição Agropecuária, no mês de setembro. As atividades econômicas se baseavam na agropecuária. Como o município fica próximo, muitos dos seus habitantes vão trabalhar em Viçosa, outros vão fazer compras nos Supermercados ou ainda utilizar dos serviços de saúde, hospitais pois, em Paula Candido havia apenas um posto de saúde (IBGE CIDADES, 2010)⁸.

Também possui uma Rádio chamada Master FM 87,9 a qual tivemos a oportunidade de conhecer o radialista “gente boa”, Agnaldo Almeida (R8). Ele utiliza deste jargão “gente boa” e também “gente fina”, para se comunicar com os seus queridos ouvintes.

⁸ Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/paula_candido/historico.

Figura 12 – Rádio Master 87,9 FM, Paula Cândido-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Quanto à pesquisa, R8, escolheu as seguintes músicas caipiras e sertanejas que representavam o rural para ele: 1ª Obrigado ao homem do campo, Dom e Ravel; 2ª Roceiro de Deus, César e Paulinho; 3ª Quatro cantos da casa, Teodoro e Sampaio; 4ª Vaqueiro desprezado, Amado Edilson; 5ª Meu reino encantado, Daniel e Zé Camilo; 6ª O poder do criador, Goiano e Paranaense; 7ª Velha porteira, Chico Rey e Paraná; 8ª O que é que eu sou sem Jesus, Padre Alexandro Campos; 9ª Meu recanto, meu paraíso, Goiano e Paranaense; 10ª Olhos de luar, Chrystian e Ralf.

Diante esta relação de músicas, o radialista Agnaldo Almeida, que há 16 anos trabalha nesta profissão, valoriza e agradece o homem do campo, que trabalha duro na roça para colocar o alimento na mesa dos rurais e dos urbanos. Também fala da audiência do seu programa “A rádio aqui, ela, ela é ... o povo rural é em peso, viu? A cidade escuta mais igual o povo da zona rural!”. Se entristece ao falar da violência no campo “tem muita gente da zona rural que tá vindo embora pra rua por causa de roubo entendeu? Tá ficando nas mãos dos bandidos na zona rural, entendeu? Paula Cândido mesmo, tem muita gente que veio pra cidade por causa disso entendeu?” A falta de segurança no campo, tem preocupado este radialista. Percebe também o importante papel que desempenha na rádio e faz com muito gosto a prestação de serviços como utilidade pública como por exemplo, um recado que a mãe que está na roça precisa falar com a filha que está na cidade para encontrá-la no médico tal ou algum outro tipo de recado.

Para o radialista Agnaldo Almeida, a música caipira e sertaneja mudaram “eu acho que a música caipira não tem como você comparar, por exemplo, a essência da música

caipira, o arranjo, a letra da música caipira. Não tem como comparar a letra da música caipira com as de hoje”. E exemplifica “Por exemplo, a gente não pode deixar de valorizar o pessoal atual, hoje. Eu olho assim, os que é diferenciado. Porque tem muito artista que é diferenciado da época dele né?” ou seja, mudança na instrumentalização pois a forma como a música caipira é executada com voz, viola e violão, para ele, não tem como mudar. Quanto à música sertaneja universitária, ele diz “Universitário é universitário mesmo. É um novo estilo, é uma nova forma de fazer música sertaneja que foi criado. Mais o caipira não é”. Para ele, a música precisa evoluir, mas para permanecer no mercado precisa ter letra, conteúdo e o artista precisa ser diferenciado de alguma forma e citou como exemplo Luam Santana, Zezé Di Camargo e Luciano, Chitãozinho e Xororó, os quais ele reconhece como diferenciados no mercado musical. Os que não forem diferenciados, artistas de uma música só, rapidamente desaparece das mídias. Podemos relacioná-lo como um estilo de pensamento conservador onde o campo é o lugar da agricultura e um modo de vida tradicional que valoriza a volta pelos costumes e tradições.

Prosseguindo, chegamos no município de Piranga (FIGURA 13), o qual se localiza a 59,4 km de Viçosa e possui uma população total de 17.232 habitantes, sendo 11.274 de população rural e 5.958 de população urbana (IBGE, 2010). Pelo número de habitantes rurais, que ultrapassa o dobro da população citadina, o município de Piranga é muito ruralizado. Anteriormente, este município se chamava Guarapiranga em virtude da devoção à Virgem Maria e por haver muitos pássaros guará nas margens do Rio Piranga. Culturalmente, o município é muito rico, possui comunidades quilombolas reconhecidas pela fundação Palmares, tem três corporações musicais: Corporação Musical Santa Cecília, de 1875; Corporação Musical Nossa Senhora da Conceição de Pinheiros Altos e Corporação Musical Bom Jesus de Santo Antônio do Pirapetinga. Além do Coral Cristo Rei, fundado na década de 1940 e o Madrigal Amigos em Seresta, fundado em 1996. Dos escravos africanos herdaram a fé católica e a devoção à Nossa Senhora do Rosário, Santa Efigênia e São Benedito, que até hoje são festejados numa festa que reúne tradição, fé e cultura. Também possui três guardas de congo, sendo a mais antiga a Guarda de Nossa Senhora do Rosário da Sede, fundada em 1758. Sua atividade econômica se baseia na agropecuária (IBGE CIDADES, 2010)⁹.

⁹ Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/piranga/historico>.

Figura 13 – Rádio Piranga FM, Piranga-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Localizamos a Rádio Piranga e encontramos o radialista Geraldo (R9) que muito prestativamente nos falou da relação das músicas caipiras e sertanejas que para ele representava o rural. São elas: 1ª Oi, Léo Magalhães; 2ª Peão de obra, Amado Batista; 3ª Infiel, Marília Mendonça; 4ª Pegada que disgrama, Nayara Azevedo; 5ª Mordida, beijo e tapa, Nayara Azevedo; 6ª Doidinha, Zé Felipe; 7ª Evidências, Chitãozinho e Xororó; 8ª Cotovelo vai doer, Zezé Di Camargo e Luciano; 9ª Coração de osso, May e Karen; 10ª Meu velho pai, Sérgio Reis. Para o radialista Geraldo sobre a cultura rural ele disse: “Olha eu entendo como cultura rural, localidade rural, um espaço geográfico que ainda se preserva as tradições mais antigas, o convívio familiar mais tradicional, a culinária tradicional, né?” O que transparece um estilo de pensamento tradicional do campo, conforme Mannheim (1986), e os modos de vida rural, as tradições e costumes que não podem mudar, sendo incontestáveis. Embora tenha escolhido 50% de músicas mais modernas. Quanto à mudança ou não da música caipira e sertaneja, para ele houve a mudança na comercialização do produto, ou seja, “Das grandes duplas antigas elas perderam o espaço comercial. Hoje elas estão na memória afetiva das pessoas, né?”. A partir de 1980 relatou “Deram uma roupagem nova e então tornou a música mais comercial, mais vendável, né? Em alguns casos, perdeu-se a qualidade, né?”. Acrescentou ainda, que depois de 1980, Chitãozinho e Xororó, Zezé Di Camargo e Luciano, Bruno e Marrone e Rick e Renner, fizeram uma releitura da música sertaneja e deram uma nova roupagem para ser mais comercializada, mais vendável. Diante os 30 anos de locutor na rádio, o radialista Geraldo afirmou que música como ‘Índia’ de Cascatinha e Inhana, que é da década de 1940, “são músicas da década de 40 que qualquer pessoa hoje sabe cantar. Às vezes não sabe uma música nova”.

Já no município de Porto Firme (FIGURA 14), vizinho do município de Piranga, separados apenas pelo Rio Piranga, encontramos a Rádio Opção FM 87,9 e o radialista Sorriso Maroto (R10), com o seu programa Manhã Sertaneja, o qual escolheu as seguintes músicas que representavam o rural para ele: 1ª Terra querida, Belmonte e Amaraí; 2ª Obras de poeta, Leo Canhoto e Robertinho; 3ª Moda da mula preta, Tonico e Tinoco; 4ª Prato do dia, Cacique e Pagé; 5ª Resto de comida, Cacique e Pagé; 6ª Besta ruana, Tonico e Tinoco; 7ª A loira do caixa, Tião do Carro e Pagodinho; 8ª João de barro, Sérgio Reis; 9ª Herói sem medalha, Tião Carreiro e Pardinho; 10ª A vaquinha, Trio Parada Dura.

A música caipira e sertaneja mudou na opinião do radialista Sorriso Maroto, pois “A música caipira tem história, a sertaneja não”. E acrescentou: “A música caipira é regional. A música caipira acabou. Eu penso que mudou porque não tá tendo espaço mais e a maioria já faleceram. A mídia obriga as pessoas a ouvir o que eles querem”. Este radialista acredita que a falta de qualidade nas músicas sertanejas atuais em termos de letra era de responsabilidade da indústria cultural que deseja cada vez mais, lucros. Com isto, quanto ao estilo de pensamento de Karl Mannheim (1986), podemos inferir a este radialista, o estilo de pensamento tradicional pois considera o campo como lugar da agricultura, com seus costumes e tradições que não mudam e rejeita às práticas voltadas ao mercado. Porto Firme se localiza a 29,8 km de Viçosa e tem uma população rural de 5.586 habitantes e a população urbana com 4.831 habitantes, totalizando 10.417 habitantes (IBGE, 2010). A economia deste município se baseia na agricultura e pecuária e era muito conhecido pelas festas de aniversário da cidade comemorada em 18 de agosto de cada ano.

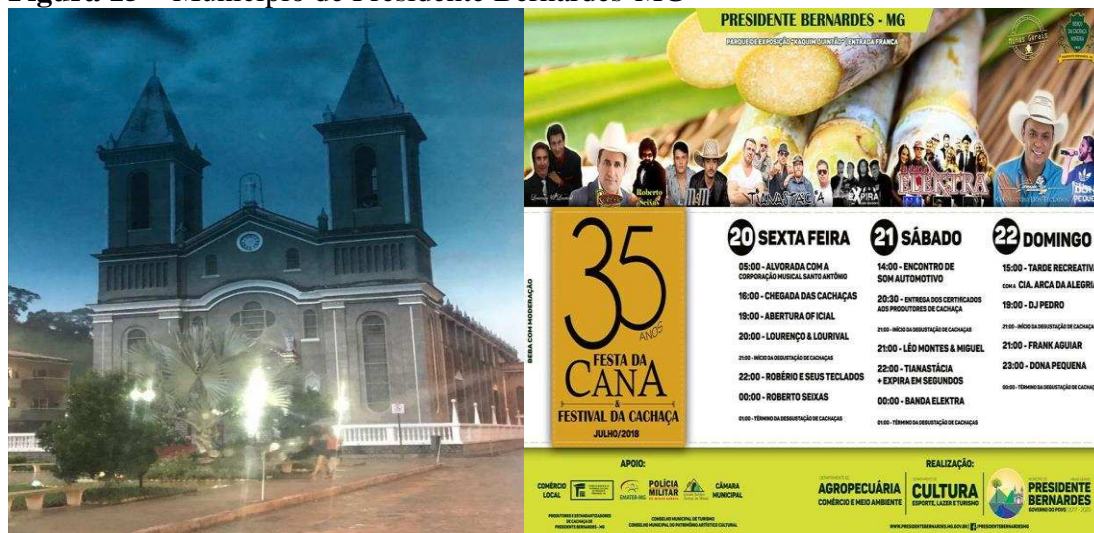
Figura 14 – Município de Porto Firme-MG



Fonte: www.google.com.br; Portal férias.tur.br

Chegamos a Presidente Bernardes (FIGURA 15), também conhecida como a “terra da cachaça”, ou ainda Calambau. O município se situa a 64,2 km de distância de Viçosa. Sua população total é de 5.537 habitantes, sendo 3.895 habitantes de população rural e 1.642 habitantes de população urbana (IBGE, 2010). Sua base econômica era proveniente da agricultura que desde então era executada por índios e negros africanos. Alternativa esta, devido à escassez do ouro no rio Guarapiranga. Na língua indígena, Calambau significava lugar onde o mato é ralo e o rio faz curvas. A fundação do município com o nome de Presidente Bernardes se deu em 12 de dezembro de 1953 (IBGE CIDADES, 2010)¹⁰. Interessante notar que a fundação ou a direção dos municípios que compõem a microrregião de Viçosa, se deram a partir de influência ou a participação da igreja católica.

Figura 15 – Município de Presidente Bernardes-MG



Fonte: www.facebook.com/presidentebernardes.

Em relação ao radialista do município de Calambau ou melhor, de Presidente Bernardes, o senhor João Ancelmo (R11), foi muito prestativo e atencioso ao responder os nossos questionamentos e escolheu as músicas caipiras e sertanejas, que representavam o sentido de ruralidade para ele: 1ª Frio da madrugada, Rio Negro e Solimões; 2ª Menino da porteira, Sérgio Reis; 3ª Filho adotivo, Sérgio Reis; 4ª O molhado da saudade, Gino e Geno; 5ª O povo fala (que mal tem?), César e Paulinho; 6ª Fogão de lenha, Chitãozinho e Xororó; 7ª O poder do criador, Goiano e Paranaense; 8ª Poeira da estrada, João Paulo e Daniel; 9ª Nossa Senhora Aparecida, Rick e Renner; 10ª Pé de Ipê, Chico Rei e Paraná

¹⁰ Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/presidente_bernardes/historico.

João Ancelmo trabalha como radialista há 15 anos na Rádio União FM 87,9 do município de Presidente Bernardes e para ele as músicas escolhidas retratam a vida do homem do campo, as suas relações familiares, afetivas e religiosas. Quanto a pergunta se ele achava que a música caipira e sertaneja mudaram, ele disse que houve uma grande mudança, pois “A música sertaneja raiz tem letra, essência já a música sertaneja não tem letra”. Podemos caracterizá-lo em relação ao estilo de pensamento conforme Mannheim (1986) sobre o “campo” e o “rural”, como um pensamento tradicional por achar que as tradições e costumes do campo não deveriam mudar e não considera o rural como práticas voltadas ao mercado, rejeitando-as.

No município de Rio Espera (FIGURA 16), localizado a 104 km de Viçosa, aproximadamente, com uma população total de 6.070 habitantes, composto por 3.667 habitantes de população rural e 2.403 habitantes de população urbana (IBGE, 2010). Considerada um município tranquilo e hospitaleiro, onde a vida ainda passa vagarosamente. Ao chegarmos neste município percebemos a tranquilidade do lugar e a simplicidade das pessoas. Encontramos o radialista David Ramos (R12), o qual trabalhava há cinco anos na Rádio Rio Espera FM 98,7, que muito gentilmente participou da nossa entrevista escolhendo as seguintes músicas caipiras e sertanejas que representava a ruralidade para ele: 1ª Folia de Reis, Lázaro de Reis; 2ª Bambu lascado, Gilson e seus teclados; 3ª Eu era, Marcus e Belutti; 4ª Oi, Léo Magalhães; 5ª Primeiro beijo; 6ª Impressionando os anjos, Gustavo Mioto; 7ª Apelido carinhoso, Gustavo Lima; 8ª De trás pra frente, Henrique e Juliano; 9ª Não deixo não, Edson e Udson; 10ª Sem medo de ser feliz, Zezé Di Camargo e Luciano.

O radialista David Ramos nos informou que morou 22 anos em São Paulo, mas foi no município de Rio Espera que conheceu o meio rural. O rural era “Pra mim é o retireiro de leite, o que marca bastante a programação. O que traz muita audiência aqui é o retireiro de leite que vão tirar leite de manhã e já leva o radinho lá né? O celular pendura lá no curral lá, tirando o leite e nos ouvindo aqui”. E acrescentou “vim conhecer tudo isso aqui, a plantação de feijão vim conhecer aqui, o munho vim conhecer aqui, o angu vim aprender aqui, tirar lenha vim tirar aqui”. Falou também que a música caipira mudou. Como? Para ele há três tipos de música: “Eu acho que existe a música caipira, sertaneja e sertaneja universitária”. E exemplifica “Sertaneja universitária é o Gustavo Lima, Cristiano Araújo, Henrique e Juliano, representa este pessoal aí. Sertaneja raiz Abel e Caim, pessoal mais velho aí, André e Andrade, Zé Bettio, As Marcianas, Ataíde e

Alexandre. Sertanejo Teodoro e Sampaio este pessoal aí”. Em relação ao estilo de pensamento, podemos classificá-lo com o estilo de pensamento tradicional pois para este radialista, o campo é um lugar propício à agricultura e o rural como um modo de vida tradicional com costumes e tradições próprios do lugar (Mannheim, 1986).

Figura 16 – Rádio Rio Espera FM 98,7, Rio Espera-MG

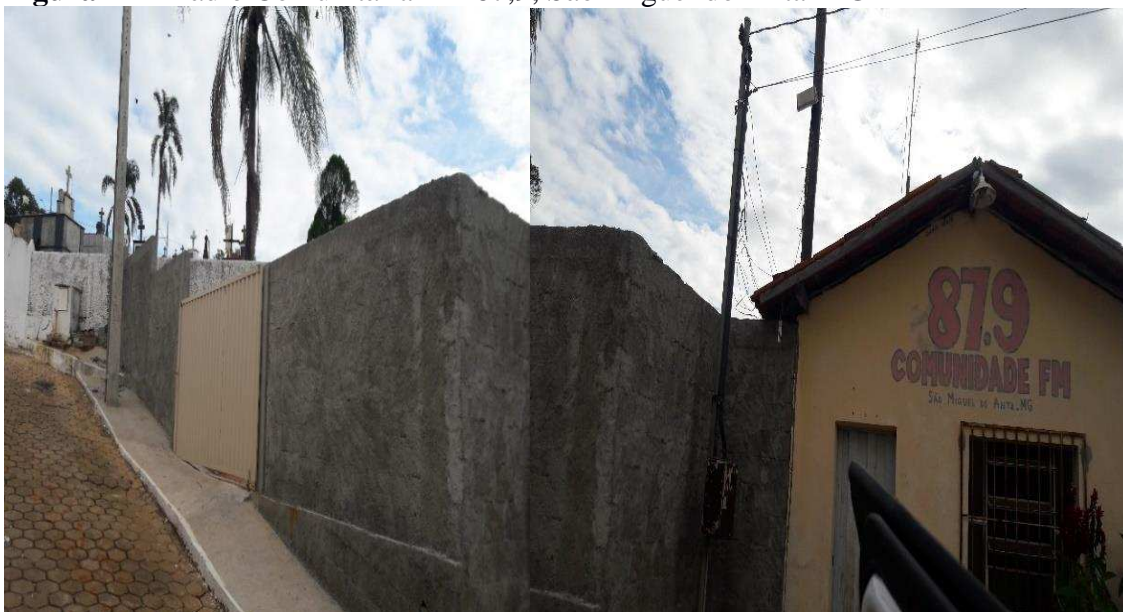


Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Do outro lado da microrregião de Viçosa, chegamos ao município de São Miguel do Anta, o qual fica localizado a 23,8 km de Viçosa, possuindo uma população rural de 3.014 habitantes, uma população urbana de 3.746, totalizando 6.760 habitantes (IBGE, 2010). A economia do município de São Miguel do Anta se fez através da agricultura, sobretudo da plantação de café. O povoado foi criado ao redor da igreja Nossa Senhora da Conceição por latifundiários desbravadores portugueses, que doaram o terreno e construíram a igreja, os quais eram devotos de São Miguel.

Vale a pena ressaltar que a Rádio Comunitária FM 87,9 de São Miguel do Anta possui um radialista voluntário que esbanja comprometimento, força, garra e determinação. É um exemplo. Estamos falando do radialista Joel Antônio (R13), que além de locutor, também era apanhador de café, que superando uma limitação física devido à um problema de saúde, exercia brilhantemente sua função como locutor do Programa Comunidade FM. Com muita fé e a Bíblia ao seu lado, transmite mensagens de fé e religiosidade para os seus ouvintes miguelenses. O curioso, é a localização da Rádio Comunitária FM 87,9, que fica ao lado de um cemitério, conforme pode ser observado na Figura 17.

Figura 17 – Rádio Comunitária FM 87,9, São Miguel do Anta-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Quanto à pesquisa, segue a relação das dez músicas mais significativa do rural para ele: 1ª Estrada da vida, Milionário e José Rico; 2ª Meu reino, meu paraíso, Tião Carreiro e Pardinho; 3ª Caminhoneiro, Trio Parada Dura; 4ª Quatro cantos da casa, Teodoro e Sampaio; 5ª A dor da solidão, Teodoro e Sampaio; 6ª O que é que eu sou sem Jesus, Padre Alexandro Campos; 7ª Maria de Fátima, Os filhos de Goiás; 8ª Tchau Maria Helena, Os filhos de Goiás; 9ª Amor distante, Os filhos de Goiás; 10ª Princesa, Leonardo e Eduardo Costa e Amado Batista.

De acordo com o radialista Joel, quanto à música sertaneja “Eu acho que o sertanejo, na verdade o sertanejo não muda não. Na minha opinião, o sertanejo eles podem tentar mudar ele, mas não fica muito legal não né?”. Para ele, o programa sertanejo que toca música raiz é muito ouvido pois o povo gosta e liga para a rádio, pedindo e oferecendo músicas mais antigas. Segundo o Joel, a música sertaneja não mudou. Podemos relacioná-lo ao estilo de pensamento tradicional onde o campo é visto como natureza idílica e o rural como modo de vida tradicional (Mannheim, 1986).

O próximo município, Senhora de Oliveira (FIGURA 18), fica situado à 86,7 km de Viçosa e possui uma população rural de 2.427 habitantes e uma população urbana de 3.256 habitantes, totalizando 5.683 habitantes (IBGE, 2010). Assim como os demais municípios, Senhora de Oliveira também fora habitada por índios até a chegada dos colonizadores em 1825 e o início do povoado se deu às margens do Rio Guarapiranga e ao redor da Capela construída com o nome de Capela Nossa Senhora de Oliveira. Em

1923, teve seu nome alterado para Piraguara, palavra de origem tupi-guarani, que significa peixe-vermelho. Foi emancipada em 12 de dezembro de 1953 passando a chamar Senhora de Oliveira (IBGE CIDADES, 2010)¹¹.

Quanto a Rádio do município de Senhora de Oliveira chamada de Rádio Comunitária Boa Nova FM, um de seus mentores o radialista Sidney Luciano (R14), há oito anos desempenha o seu papel de locutor no Programa Manhã Sertaneja. Além de ser locutor, Sidney Luciano também trabalhava como operador de Unidade de Triagem e Compostagem de Resíduos Sólidos Urbanos (UTC) no município. Quanto à pesquisa das 10 músicas caipiras e sertanejas que representa a ruralidade na opinião dele, segue: 1ª Menino da porteira, Sérgio Reis; 2ª Meu reino encantado, Daniel e Zé Camilo; 3ª A vaca já foi pro brejo, Trio Parada Dura; 4ª A caneta e a enxada, Liu e Léo; 5ª Apelido carinhoso, Gustavo Lima; 6ª 50 reais, Nayara Azevedo; 7ª Pitoco, Teodoro e Sampaio; 8ª É o amor, Zezé Di Camargo; 9ª Entre tapas e beijo, Leandro e Leonardo; 10ª As andorinhas, Trio Parada Dura.

Diante a seleção musical escolhida pelo radialista Sidney Luciano relatou o que é o rural e sua importância para ele: “O rural porque, da roça é que vem a alimentação, vem o leitinho, né? Nosso pão de cada dia. A gente tá na cidade aqui, mas se o rural lá parar, arrasa o mundo né? (...) ”eu nasci na roça e vim pra cá”. Este radialista foi um exemplo de pessoa que saiu do campo para buscar melhores condições de vida na cidade. Ele se enquadra no que Nepomuceno (2009) defende esta busca por melhores condições de vida, fazendo a migração do campo para a cidade. Sidney Luciano, enfatizou assim como na cidade, no campo também havia traição, demonstrando através da letra da música de Nayara Azevedo, '50 reais'.

Para ele a música sertaneja “Mudou bastante. Ah, eu acho que mudou porque ela começou com aquele caipira né? Moda antiga e aí passou para sertanejo, aí depois misturou o arrocha. Hoje tá passando pelo universitário e depois a sofrência. E agora o que tá dominando é a sofrência, um sofrimento total e o funk”. Como estilo de pensamento conforme Mannheim (1986), este radialista poderia ser relacionado ao estilo de pensamento tradicional e também progressista pois ao mesmo tempo que ele fala no campo como lugar de agricultura imprescindível para os cidadãos, ele também relata acontecimentos que em qualquer modo de vida quer seja rural ou urbano existe e exemplificou com a traição. Também percebia que a música caipira era algo do passado,

¹¹ Disponível em https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/senhora_de_oliveira/historico.

um modo de vida pretérito. Ao falar da sua saída do campo para a cidade foi como se o campo fosse um lugar atrasado e a cidade como um lugar de trabalho remunerado e que oferecesse melhores condições de vida para ele e sua família (Nepomuceno, 2009; Williams, 2011).

Figura 18 – Município de Senhora de Oliveira



Fonte: asminasgerais.com.br

Chegamos ao município de Teixeira (FIGURA 19), também conhecido como Texas City mineira. Está situado à 20,9 km de Viçosa e tem uma população total de 11.355 habitantes, sendo 3.732 habitantes que vivem na zona rural e 7.623 habitantes que vivem na zona urbana (IBGE, 2010). Foi fundado no dia 17 de dezembro de 1938 e foi crescendo ao redor da Capela de Santo Antônio, o qual era o padroeiro do município. As atividades econômicas do município de Teixeira, eram a agricultura com a produção de café, arroz, feijão, mandioca, milho, abacaxi, tomate, cana de açúcar e batata doce e na pecuária com a bovinocultura e suinocultura além da silvicultura e exploração florestal. Apresenta limitações ao setor industrial (IBGE CIDADES, 2010)¹².

No aspecto cultural, o município dispunha de uma emissora de rádio comunitária FM 87,9, que possui um radialista que além de locutor, já foi barbeiro do município, declamador de poesias, autodidata, elegância em pessoa e esbanja sabedoria. Estamos falando do senhor Jair, conhecido na vizinhança por Jair Barbeiro (R15). Além de incentivador da rádio, também foi um dos mentores deste empreendimento, o qual felizmente, trabalha voluntariamente em prol do entretenimento dos seus ouvintes. Quanto a representação da ruralidade para ele, escolheu as seguintes músicas caipiras e

¹² Disponível em <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/teixeiras/historico>.

sertanejas: 1ª Tristeza do jeca, Tonico e Tinoco; 2ª Luar do sertão, Catulo da Paixão; 3ª Cabocla Tereza, Tonico e Tinoco; 4ª Menino da porteira, Sérgio Reis; 5ª Vingança do Chico mineiro, Tonico e Tinoco; 6ª Casa de caboclo, Rick e Renner; 7ª Flor do cafezal, Cascatinha e Inhana; 8ª Recordações, Tonico e Tinoco; 9ª Canarinho prisioneiro, Chico Rey e Paraná; 10ª Velha porteira, Chico Rey e Paraná.

Para ele, há duas linhas de música sertaneja “tem uma divisão de sertanejo, música sertaneja e música raiz né? Na verdade acaba tendo duas linhas né? A sertaneja mesmo e agora o sertanejo universitário né? Porque tem algumas músicas boas também mais o resto é consumismo”. Entre suas escolhas, mencionou que a canção Tristeza do Jeca, dizendo: “é uma antologia da música sertaneja a qual ultrapassou às divisas do Brasil”. Também ao mencionar a música Luar do sertão de Catulo da Paixão, caracterizando-a como “O folclore é como diz o criador do folclore, foi o inglês né? Foi o inglês que definiu o folk lore, a linguagem do povo. É um hino”. E aproveitou a oportunidade para declamar um poema para nós "ai quem me dera que eu morresse lá na serra... (...)”. Uma outra declamação feita pelo radialista senhor Jair foi da música Uma casa de caboclo de Nonô e Naná: "Minha casa é uma casa de caboclo, não tem conforto como as outras casas têm, tudo o que eu tenho realmente é muito pouco mas felizmente dá pra mim e mais alguém..." No final tem duas estrofes que lembra a vida da roça, da mãe, aquelas casinhas simples, que relembra os hábitos das pessoas no trecho: "quem procura uma casa de caboclo, não é preciso ficar rouco de chamar, é o bastante dar um sinal que está chegando, já vem alguém mandando a gente entrar. Quem não conhece uma casa de caboclo, não faça pouco vá lá em casa passear. Um cafezinho e um bolinho não demora, conforme a hora, também fica pra jantar". Diante esta canção e de outras letras escolhidas pelo senhor Jair, nota-se características de ruralidade através das relações familiares, a rusticidade e a simplicidade das pessoas, a inocência, assim como afirma Williams (2011).

Para o senhor Jair Barbeiro, a música caipira e sertaneja mudou porque “nas composições atuais não tem o tratamento procedente da região rural”, ou seja, ele quis dizer que os modos de vida rural não são mais expressos nas letras das músicas sertanejas. Portanto, podemos relacioná-lo ao estilo de pensamento tradicional e progressista pois embora tenha um saudosismo do campo, também percebe as mudanças neste mesmo espaço e o novo estilo da música sertaneja universitária. Percebe que a música caipira não existe mais. (Mannheim, 1986).

Figura 19 – Município de Teixeira-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Enfim, chegamos ao município de Viçosa (FIGURA 20). Em Viçosa há quatro rádios que possuem um programa especificamente sertanejo: Rádio 95 FM; Rádio Universitária FM 100,7; Rádio Montanhesa FM 196,5; Rádio Quintal FM. A Rádio 95 FM possui o Programa Nossa Terra, Nossas Canções, com o locutor Divino Amaral, que a mais de 30 anos trabalhava neste programa. Antes mesmo de ir trabalhar na 95 FM, ele havia trabalhado por dois anos na Rádio Montanhesa, a qual era uma rádio AM, na época. De origem humilde, simples, antes de ser locutor, Divino Amaral era caminhoneiro de profissão. Com o seu programa esbanja simpatia com os seus ouvintes principalmente as empregadas domésticas, os agricultores, trabalhadores rurais e os caminhoneiros. O Programa Nossa Terra, Nossas Canções, vai ao ar todas as manhãs de segunda à sábado, no horário de 5 da madrugada às 10 horas da manhã. E na sexta-feira, também no horário de 20 às 23 horas, Divino Amaral possui o Programa Amigos da Noite, recordando o passado. Na Figura 8, retrata a alegria e a simplicidade do radialista em seu local de trabalho. Seus ouvintes pedem e oferecem músicas através das tecnologias disponíveis: telefone fixo, celular, whatsapp e facebook.

Figura 20 – Rádio 95 FM, Viçosa-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Em relação à participação neste estudo, para verificar o sentido da ruralidade para ele, dentre as dez músicas caipiras e sertanejas, Divino Amaral (R16) escolheu: 1ª – Saudade da minha terra, Sérgio Reis; 2ª – Amargurado, Tião Carreiro e Pardinho; 3ª – Mourão da porteira, Tonico e Tinoco; 4ª – Boiadeiro errante, Sérgio Reis; 5ª – Meu velho pai, Sérgio Reis; 6ª – Franguinho na panela, Lourenço e Lourival; 7ª – Tocando em frente, Almir Sater; 8ª – Destinos iguais, Tonico e Tinoco; 9ª – Velha porteira, Chico Rey e Paraná; 10ª – Casa de caboclo, Rick e Renner.

Durante à entrevista, Divino Amaral nos deu uma aula sobre a música caipira e sertaneja “entre os anos 60 pra cá eu me lembro muito de Tonico e Tinoco, Liu e Léu, Moreno e Moreninho, Jacó e Jacozinho, Tião Carreiro e Pardinho, Pedro Bento e Zé da Estrada, Lourenço e Lourival já existia nessa época. Então são essas duplas que cantavam músicas mais voltadas para o campo. Depois eu acredito que veio a época do Breganejo aí veio Chico Rey e Paraná, aí veio Alan e Aladim que eu penso que já era os anos 80 por aí, Léo Canhoto e Robertinho né? Mas quem que vem com música mais romântica mesmo foi Milionário e José Rico que ficou de gravar uma nova música mais romântica. Muitos outros né que apareceu depois. E depois do breganejo veio o universitário e essas mulheres também cantando. Sinceramente eu sou antigo e gosto muito do antigo”. Foi se justificando por que as músicas caipiras e sertanejas se remetiam à ruralidade para ele. Na primeira canção ‘Saudade da minha terra’, “fala do Campo né? A saída do Campo, recordação, natureza, saudade”. E com isto, bate a saudade da vida na roça, da natureza e só sobra recordações de uma vida difícil, sofrida, mas feliz ao lado da família. Da mesma

forma ‘Amargurado’, ‘Mourão da porteira’, ‘Boiadeiro errante’, se remetem a vida do homem do campo. As demais canções, para ele, se remetem à valorização da família, o trabalho duro e sofrido da roça, mas principalmente a simplicidade do povo caipira. Caipira aqui no sentido de matuto, homem do mato, da roça (Candido, 1964). Estas são as características de ruralidade para Divino Amaral. Portanto, em relação ao estilo de pensamento de acordo com Mannheim (1986), este radialista poderia ser enquadrado no estilo de pensamento conservador por acreditar num campo como agrícola, buscando resgatar costumes e tradições que outrora existiam.

Quanto a se houve ou não mudança nos termos música caipira e sertaneja, relatou “para mim tem confusão no conceito de caipira e sertanejo e sertanejo universitário. Para mim nada mudou, a música sertaneja é uma sequência da música caipira”. Divino Amaral vai de encontro com a teoria de Oliveira (2009) que defende que a música sertaneja é a sequência, evolução da música caipira. Embora, haja controvérsias nas teorias em relação ao conceito de música caipira e sertaneja.

Já o radialista (R17), José Nascimento, trabalha a mais de 25 anos na Rádio Montanhosa, desde a época em que a rádio era AM e apresenta o seu programa na parte da tarde de segunda à sexta-feira, de 15 às 18 horas (FIGURA 21). Em relação à pesquisa, ele relembrou os momentos em que a música caipira e sertaneja eram proibidas de serem tocadas nas rádios, o que se mostra contrário atualmente “hoje em dia quem não toca sertanejo, não faz sucesso”. Em relação às características da ruralidade para este radialista, percebeu-se que a natureza é presença forte, os laços familiares imprescindíveis e o campo como um local de aconchego e tranquilidade. O que pode se notar através das músicas escolhidas por ele. São elas: 1ª Meu primeiro amor, Cascatinha e Inhana; 2ª No rancho fundo, Chitãozinho e Xororó; 3ª Encantos da natureza, Daniel e Zé Camilo; 4ª Velha porteira, Chico Rey e Paraná; 5ª A caneta e a enxada, Liu e Léo; 6ª Meu sítio, meu paraíso, Lourenço e Lourival; 7ª Rei do gado, Tião Carreiro e Pardinho; 8ª Peito sadio, Zé Carreiro e Carreirinho; 9ª Romaria, Renato Teixeira; 10ª Chitãozinho e Xororó, Zé do Rancho e Zé do Pinho.

Para o radialista José Nascimento, “existe dois tipos de sertanejo: moderno e o antigo. O tradicional que virou sertanejo raiz aquelas músicas antigas só com viola e violão”. E o sertanejo moderno “que é o sertanejo com acompanhamento. (...) Leandro e Leonardo e Chitãozinho e Xororó para cá é que eles começaram acrescentar né, contrabaixo bateria que até aí não tinha”. E finaliza dizendo sobre o preconceito que o

caipira e conseqüentemente a música caipira sofreram: “o caipira era um sujeito que não tinha cultura né, então depois que foi surgindo aí a música sertaneja. (...) hoje em dia eles apelam muito para sofrência né?”. Quanto ao estilo de pensamento defendido por Mannheim (1986), podemos relacionar este radialista ao estilo de pensamento tradicional pois ele acredita no campo como lugar de agricultura mas também, percebe o preconceito existente em relação ao mundo caipira, o qual ainda é visto como um lugar atrasado e com limitações.

Figura 21 – Radio Montanhesa 106,5 FM, Viçosa-MG



Fonte: loucosporradio.com

Outro radialista viçosense, amante da música caipira, especificamente modas de viola, Ney Caetano (R18) além de um exímio tocador de viola e violão, apresenta aos finais de semana o programa sertanejo chamado Viola sertaneja, na rádio Universitária FM 100,7 (FIGURA 22). Para ele, as músicas caipiras “trazem muito a recordação do homem do campo, fala da enxada, da plantação. Então representa muito o homem do campo caipira e sertanejo”. E considera importante no seu programa “é o conteúdo da letra que tem, da história que estas músicas transmitem não só para os mais velhos mas, também para os jovens”. Ou seja, para ele, a música caipira e sertaneja não tem diferença, mas percebe variações no jeito de tocar da música caipira, raiz, com viola e violão, a qual para ele “possui letra e conteúdo” e a música sertaneja universitária “hoje eles colocam baixo, bateria”. E conclui “música caipira raiz é intensa. Tem gente que chora”.

Com isto, para este radialista, as características do campo estão voltadas para um local de agricultura, mas sente um saudosismo em relação à esta época que se foi e não volta mais. Portanto, a relação das músicas caipiras e sertanejas escolhidas por ele foram: 1ª Franguinho na panela, Lourenço e Lourival; 2ª A caneta e a enxada, Liu e Léo; 3ª O poder do criador, Goiano e Paranaense; 4ª O matuto, Matogrosso e Mathias; 5ª O Chico mulato, João Pacífico; 6ª Sonho de caboclo, Liu e Léo; 7ª Couro de boi, Sérgio Reis; 8ª Lua branca, Lourenço e Lourival; 9ª Recado, Tônico e Tinoco; 10ª Casa de capim, Goiano e Paranaense.

Em relação ao estilo de pensamento (Mannheim, 1986), ele poderia ser relacionado com o estilo de pensamento conservador que se sente saudosista, buscava a volta do tempo vivido e que sabia que não voltaria mais. Porém, buscava a volta deste modo de vida rústico, simples, conservando os costumes e tradições existentes num ambiente rural.

Figura 22 – Rádio Universitária 100,7 FM, Viçosa-MG



Fonte: Arquivo da autora, 2018.

Já Nilton Gonzaga (R19), um radialista culto e também amante, sobretudo, da música caipira deu uma aula de história sobre a trajetória da música caipira e sertaneja com seus respectivos compositores e intérpretes, desde o seu surgimento com o Cornélio Pires em 1929, até os dias atuais “A música caipira, os índios que criaram os "caipiatas", eram os matutos que abriam o mato, cortavam o mato. A origem da palavra caipira é essa aí, a partir de 1860, muito antigo. A música sertaneja é a música caipira, como era chamada, hoje ela passou por algumas alterações. A música sertaneja, ela teve origem no Brasil com Cornélio Pires”. E afirmou que “o rádio foi de suma importância para a

divulgação da música caipira”. Iniciou o trabalho na rádio, como faxineiro e com muita determinação, vontade, se tornou locutor da rádio Montanhesa antes AM e hoje FM o qual permanece por mais de 39 anos (FIGURA 23). Atualmente apresenta o Programa Sábado Show. Para ele a música caipira mudou em estética, mas, a música caipira em si, na sua essência disse que ela não tem como mudar pois não existe outra forma de fazer música caipira sem o uso da viola e do violão.

Quanto aos estilos musicais afirmou: “A música sertaneja fala do sertão e a música caipira fala do homem do mato, é mais essência. Já o sertanejo é mesclado”. Conclui dizendo: “A música caipira não aguça a vontade das gravadoras, já as sertanejas tem a pegada mais urbana, vinculada ao consumo da moda country americana, além da importação de ritmos estrangeiros e mudança na instrumentalização”. Antunes (2012), em seu livro ‘De caipira a universitário: a história do sucesso da música sertaneja’, enfatiza o desejo da indústria cultural se interessar pela música sertaneja por ter como reduzir o espaço da canção e com isto ser mais vendável. Enquanto que a música caipira não atraía a atenção dos consumidores.

As características da ruralidade, para o radialista Nilton Gonzaga estão representadas na lista a seguir: 1ª Saudade da minha terra, Sérgio Reis; 2ª Rio de lágrimas, Tião Carreiro e Pardinho; 3ª Estrada da vida, Milionário e José Rico; 4ª Pagode em Brasília, Tião Carreiro e Pardinho; 5ª Chico mineiro, Tonico e Tinoco; 6ª Beijinho doce, As Galvão; 7ª Meu reino encantado, Daniel e Zé Camilo; 8ª Lembranças, José Fortuna; 9ª Mala amarela, Lourenço e Lourival; 10ª Atiradora de elite, Duduca e Dalvan. Diante a explanação acima, podemos classificar este radialista com um estilo de pensamento tradicional em que o campo está diretamente relacionado à agricultura, se localizando num fim de mundo e assim podendo ter seus próprios costumes e tradições imutáveis (MANNHEIM, 1986).

Finalizando as rádios de Viçosa, Lola e Josimar (R20), comandam voluntariamente o programa Luar do Sertão da rádio Quintal FM “com muito gosto e orgulho” por 15 anos (FIGURA 24).

Figura 23 – Rádio Montanhesa 106,5 FM, Viçosa-MG



Fonte: [Jornal Folha da Mata](#).

É uma rádio comunitária, que passa por muitas dificuldades para se manter no ar, se utiliza de tecnologias como a internet através do facebook, twitter e whatsapp para se comunicarem com os ouvintes. É um programa totalmente caipira, que vai ao ar todos os domingos das 19 às 23 horas. Josimar relatou “A música caipira fala a verdade, vamos dizer assim, os antigos, os roceiros aquela coisa tradicional”. E exemplificou “igual nós lá em casa, dez filhos” comparando a tradicionalidade da música caipira com a família numerosa, inclusive a deles. Para eles, a família numerosa é um sentido de ruralidade assim como o respeito com os pais, a fé do povo da roça com seus costumes e tradições. Caracterizou o rural como “o rural é a roça que tem um paiol, a plantação de milho, plantação de feijão, cana, cê ter vaca pra tirar o leite. Você mesmo plantar, você mesmo consumir. É tudo manual”. Porém, “hoje em dia, isto está acabando. As pessoas tão largando a roça porque, tá muito desvalorizado o trabalho na roça. Hoje nós queremos comprar um feijão barato mas, se ocê analisar ali o trabalho que dá, cê plantar, cê colher aquele feijão debaixo do sol e depois vender baratinho aí ninguém quer”. Com isto “muitas pessoas que eram da roça, vieram pra cidade e hoje é pedreiro, servente, pintor. Muitos se especializaram, mas também, cê vê né?”. Procuraram mostrar as dificuldades e o trabalho duro da roça e quando um homem do campo vem para a cidade, vem em busca de melhores condições de vida, mas nem sempre conseguem sobreviver na cidade.

Quanto a mudança ou não, da música caipira e sertaneja, na opinião deles disseram, “A música raiz não vai mudar nunca, ela simplesmente está em extinção. Eu não considero o sertanejo de hoje, caipira. Victor e Leo é sertanejo romântico. O sertanejo universitário foi criado”. De acordo com estas declarações escolheram as seguintes

músicas caipiras e sertanejas para representarem o sentido de ruralidade: 1ª Couro de boi, Sérgio Reis; 2ª O presidente e o lavrador, Leo Canhoto e Robertinho; 3ª Obrigado ao homem do campo, Dom e Ravel; 4ª Fogão de lenha, Chitãozinho e Xororó; 5ª Vermelho leite, Milionário e José Rico; 6ª Caboclo na cidade, Dino Franco e Mouraí; 7ª Chico mineiro, Tônico e Tinoco; 8ª Menino da porteira, Sérgio Reis; 9ª Boi Tufão, Tião Carreiro e Pardinho; 10ª O carro e a faculdade, Tião Carreiro e Pardinho. Assim, podemos relacioná-los ao estilo de pensamento conforme Mannheim (1986), com o estilo de pensamento tradicional, visto que, os costumes e tradições no campo não poderiam mudar e o campo estaria diretamente ligado à agricultura. Rejeitando assim, as práticas voltadas ao mercado capitalista.

Figura 24 – Rádio Quintal FM 106,3, Viçosa-MG



Fonte: Dados da Pesquisa, 2018

Vale ressaltar o estilo de pensamento ‘conservador’, ‘tradicional, progressista dos 20 radialistas da microrregião de Viçosa-MG, resumido no quadro a seguir, referente as entrevistas acima.

Quadro 3 – Radialistas e Estilo de Pensamento

Estilo de pensamento	Radialistas	Porcentagem
Conservador	R1; R2; R16; R18	20%
Tradicional	R3; R4; R7; R9; R10; R11; R12; R13; R17; R19; R20	55%
Tradicional e Progressista	R5; R14; R15	15%
Conservador e Progressista	R8	5%
Progressista	R16	5%
Total	20	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Após a explanação da entrevista com os radialistas da microrregião de Viçosa e um breve resumo dos municípios, vale ressaltar que relacionado à ruralidade os vinte radialistas, tiveram visões semelhantes quanto suas características: valorização da família, religiosidade, vida do homem do campo e seu valor para às cidades, valorização da natureza, aconchego e afetividade da roça e saudosismo do homem do campo ao deixar a roça e tentar a vida na cidade. Dos 20 radialistas entrevistados, 40%, escolheram ‘Menino da porteira’. Esta música fala da história de um menino que sempre abria a porteira para os peões passarem com a sua boiada em suas viagens e, assim que a travessia terminava, o menino pedia para o boiadeiro tocar o berrante, agradecia pela moeda deixada e despedia-se, abençoando a viagem do boiadeiro, como pode ser visto no trecho da canção:

Toda vez que eu viajava pela estrada de Ouro Fino
De longe eu avistava a figura de um menino
Que corria abria a porteira e depois vinha me pedindo
Toque o berrante, seu moço, que é pra eu ficar ouvindo

Quando a boiada passava e a poeira ia baixando
Eu jogava uma moeda e ele saía pulando
Obrigado, boiadeiro, que Deus vá lhe acompanhando
Pra aquele sertão afora meu berrante ia tocando
(TEDDY VIEIRA E LUIZINHO, 1955).

Até que num belo dia, o menino ao escutar de longe o berrante, foi depressa abrir a porteira, mas com o estouro da boiada, o menino foi pisoteado por um boi, levando-o à morte. Desde então o boiadeiro jamais tocou o berrante naquele povoado:

Apeei do meu cavalo e no ranchinho à beira chão
Vi uma mulher chorando, quis saber qual a razão
Boiadeiro veio tarde, veja a cruz no estradão
Quem matou o meu filhinho foi um boi sem coração

Lá pras bandas de Ouro Fino levando gado selvagem
Quando passo na porteira até vejo a sua imagem
O seu rangido tão triste mais parece uma mensagem
Daquele rosto trigueiro desejando-me boa viagem

A cruzinha no estradão do pensamento não sai
Eu já fiz um juramento que não esqueço jamais
Nem que o meu gado estoure, que eu precise ir atrás
Neste pedaço de chão berrante eu não toco mais
(TEDDY VIEIRA E LUIZINHO, 1955).

Das 200 músicas mencionadas pelos radialistas da microrregião de Viçosa, 57 músicas foram escolhidas por mais de um radialista, conforme o Quadro 3.

Quadro 4: Ranking das músicas escolhidas pelos radialistas da microrregião de Viçosa

Classificação	Músicas	Radialistas
1º	Menino da porteira	R4; R5; R6; R7; R11; R14; R15; R20
2º	Franguinho na panela	R3; R5; R6; R16; R18
	Meu reino encantado	R2; R5; R8; R14; R19
	Saudade da minha terra	R4; R6; R7; R16; R19
3º	A caneta e a enxada	R18; R5; R14; R17
	Couro de boi	R18; R1; R7; R20
	Obrigado ao homem do campo	R2; R4; R8; R20
	Velha porteira	R16; R15; R8; R17
4º	Fogão de lenha	R4; R11; R20
	No rancho fundo	R7; R4; R17
	O poder do criador	R8; R11; R18
	Quatro cantos da casa	R3; R13; R8
5º	A vaca já foi pro brejo	R14; R6
	Amargurado	R3; R16
	Apelido carinhoso	R12; R14
	Chico mineiro	R19; R20
	Estrada da vida	R13; R19
	Meu velho pai	R9; R16
	Nossa Senhora Aparecida	R3; R11
	O carro e a faculdade	R1; R20
	O que é que eu sou sem Jesus	R8; R13
	Oi	R9; R12
	Pagode em Brasília	R3; R19
	Peito sadio	R2; R17
	Pitoco	R7; R14
	Poeira da estrada	R5; R11
Tristeza do jeca	R1; R15	

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

Os radialistas disseram que esta música representa o que havia no campo: boi, boiadeiro, viagens levando a boiada, porteira, o berrante. Assim como a viola para alegrar as noites, no descanso dos peões de boiadeiro. A simplicidade e rusticidade existente na ruralidade, principalmente na ruralidade mineira, onde os pequenos municípios possuem menos de 20.000 habitantes por quilômetro quadrado. É muito comum o uso do cavalo e o boiadeiro transportando a boiada de um lugar para outro, sobretudo para um pasto verdejante onde o gado possa se alimentar ou ainda transportando a boiada em viagens para um outro fazendeiro. Williams (2011, p. 11), define o campo “o campo passou a ser associado a uma forma de vida – de paz, inocência e virtudes simples. (...) o campo como

lugar de atraso, ignorância e limitação”. As viagens pelo campo, demonstram uma simplicidade e rusticidade que os boiadeiros enfrentavam no seu dia a dia.

Ainda representando o sentido da ruralidade pelos radialistas da microrregião de Viçosa, as segundas colocadas no ranking das músicas mais escolhidas por eles foram ‘Meu reino encantado’, ‘Saudade da minha terra’ e ‘Franguinho na panela’. Estas canções demonstram o saudosismo do campo como um lugar maravilhoso para se viver, mesmo diante às dificuldades da vida na roça (CANDIDO, 1964; SILVEIRA, 2015). Devido estas dificuldades, muitos radialistas, tiveram que ir morar na cidade para buscarem melhores condições de vida para si e suas famílias (NEPOMUCENO, 1999), conforme mostra a letra da canção Meu reino encantado:

Eu nasci num recanto feliz
Bem distante da povoação
Foi ali que vivi muitos anos
Com papai mamãe e os irmãos
Nossa casa era uma casa grande
Na encosta de um espigão
Um cercado pra apartar bezerros
E ao lado um grande manguirão

No quintal tinha um forno de lenha
E um pomar onde as aves cantavam
Um coberto pra guardar o pilão
E as tralhas que o papai usava
De manhã eu ia no paiol
Uma espiga de milho eu pegava
Debulhava e jogava no chão
Num instante as galinhas juntavam

Nosso carro de boi conservado
Quatro juntas de bois de primeira
Quatro cangas, dezesseis canzis
Encostados no pé da figueira
Todo sábado ia na vila
Fazer compra para semana inteira
O papai ia gritando com os bois
Eu na frente, abrindo as porteiras

Nosso sítio que era pequeno
Pelas grandes fazendas cercado
Precisamos vender a propriedade
Para um grande criador de gado
E partimos pra cidade grande
A saudade partiu ao meu lado
A lavoura virou colônia
E acabou-se meu reino encantado

Hoje ali só existem três coisas
Que o tempo ainda não deu fim
A tapera velha desabada
E a figueira acenando pra mim

E por último marcou saudade
De um tempo bom que já se foi
Esquecido embaixo da figueira
Nosso velho carro de boi
(Valdemar Reis e Vicente Ferreira. Machado, 1981)

Outro sentido da ruralidade que aparece na música ‘Meu reino encantado’, mencionado pelos radialistas R2, R5, R8, R14 e R19 foram a valorização da família, da natureza, dos animais, e os instrumentos utilizados na lida cotidiana, expressos nas primeira e segunda estrofes. Já na terceira estrofe, além da natureza presente na música, há a relação da vila com os municípios, onde a família se deslocava aos sábados, de carro de boi, fazer compras, ou seja, a dependência da vila em relação ao município. Percebeu-se também, a simplicidade do campo e a rusticidade da vida no pequeno sítio. Com isto, houve o momento que a família precisou vender o sítio para grandes fazendeiros e tentar melhores condições de vida na cidade, restando-lhes apenas a saudade e a memória dos momentos vividos neste espaço. Rambaud (1969), demonstra o valor que a cidade tem em relação ao campo, a qual atrai os rurais para melhores condições de vida, porém, a saudade aperta o peito como expresso na letra da canção ‘Saudade da minha terra’, confirmando este saudosismo do campo, do lugar vivido e que o tempo não volta jamais:

De que me adianta viver na cidade
Se a felicidade não me acompanhar
Adeus, paulistinha do meu coração
Lá pro meu sertão quero voltar
Ver a madrugada, quando a passarada
Fazendo alvorada começa a cantar
Com satisfação arreio o burrão
Cortando o estradão saio a galopar
E vou escutando o gado berrando
Sabiá cantando no jequitibá

Por nossa senhora, meu sertão querido
Vivo arrependido por ter te deixado
Esta nova vida aqui na cidade
De tanta saudade, eu tenho chorado
Aqui tem alguém, diz que me quer bem
Mas não me convém, eu tenho pensado
Eu fico com pena, mas essa morena
Não sabe o sistema que eu fui criado
Tô aqui cantando, de longe escutando
Alguém está chorando com o rádio ligado

Que saudade imensa do campo e do mato
Do manso regato que corta as campinas
Aos domingos ia passear de canoa
Nas lindas lagoas de águas cristalinas
Que doce lembrança daquelas festanças
Onde tinham danças e lindas meninas
Eu vivo hoje em dia sem ter alegria

O mundo judia, mas também ensina
Estou contrariado, mas não derrotado
Eu sou bem guiado pelas mãos divinas

Pra minha mãezinha já telegrafei
E já me cansei de tanto sofrer
Nesta madrugada estarei de partida
Pra terra querida, que me viu nascer
Já ouço sonhando o galo cantando
O inhambu piando no escurecer
A lua prateada clareando a estrada
A relva molhada desde o anoitecer
Eu preciso ir pra ver tudo ali
Foi lá que nasci, lá quero morrer
(Goiá e Belmonte, 1966)

Esta saudade do campo e da família, principalmente da mãezinha que ficou sofrendo com a partida do filho, impulsiona o retorno às raízes onde o filho “pródigo” nasceu, se arrependeu e gostaria de voltar para morrer em paz junto à sua família. A religiosidade é mais uma característica da ruralidade presente na letra desta canção e com esperança, no trecho “eu sou bem guiado pelas mãos divinas”, o filho pretende voltar ao lar. Este lugar, representa a natureza que se faz presente, representa o folclore a partir das festas específicas do lugar e também as festas religiosas.

Finalizando o segundo lugar no ranking das músicas escolhidas pelos radialistas da microrregião de Viçosa, um dos radialistas, disse: “A zona rural, fia, ela é rica em tudo né? Ela tem conteúdo riquíssimo, tem uma diversidade enorme. Na zona rural, tudo o que se planta, colhe. Se colhe com emoção. Lá tem arroz, tem rapadura e tem feijão” (R4). O que o radialista quis dizer é que na roça tem muita fartura. Mesmo diante às dificuldades cotidianas, o franguinho do final de semana, não pode faltar na panela, conforme diz a letra da canção ‘Franguinho na panela’.

No recanto onde moro é uma linda passarela
O carijó canta cedo, bem pertinho da janela
Eu levanto quando bate o sininho da capela
E lá vou eu pro roçado, tenho Deus de sentinela
Têm dia que meu almoço, é um pão com mortadela
Mas lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos
Tem franguinho na panela

Eu tenho um burrinho preto bom de arado e bom de sela
Pro leitinho das crianças, a vaquinha Cinderela
Galinhada no terreiro papagaio tagarela
Eu ando de qualquer jeito, de botina ou de chinela
Se na roça a fome aperta, vou apertando a fivela
Mas lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos
Tem franguinho na panela

Quando eu fico sem serviço a tristeza me atropela
Eu pego uns bicos pra fora, deixo cedo a corrutela
Eu levo meu viradinho é um fundinho de tigela
É só farinha com ovo, mas da gema bem amarela
É esse o meu almoço, que desce seco na goela
Mas lá no meu ranchinho a mulher e os filhinhos
Tem franguinho na panela

Minha mulher é um doce diz que sou o doce dela
Ela faz tudo pra mim, e tudo que eu faço é pra ela
Não vestimos lã nem linho é no algodão e na flanela
É assim a nossa vida, que levamos na cautela
Se eu morrer Deus dá um jeito, mais a vida é muito bela
Não vai faltar no ranchinho pra mulher e os filhinhos
O franguinho na panela
(Moacyr dos Santos e Paraíso, 1999)

Além da valorização da família, aparece também outras características da ruralidade: valorização da natureza, religiosidade, trabalho duro na roça, o homem como o provedor da casa, mesmo não se alimentando direito para que sua família tenha o franguinho na panela. Também a valorização da vida na simplicidade e rusticidade do campo. As demais canções demonstram estas características da ruralidade. Cabe ressaltar que os radialistas poderiam escolher qualquer música e, em sua maioria, foram escolhidas músicas caipiras, antigas e que foram regravadas várias vezes, permanecendo vivas no nosso meio. Lições de vida que nos fazem pensar como estamos vivendo neste mundo violento, ganancioso e que os mais pobres ainda continuam sem ter voz e nem vez. Políticas públicas seriam necessárias para melhorar as condições de vida, principalmente, dos rurais que muitas vezes não têm um saneamento básico decente, não têm saúde, educação e moradia. A zona da Mata mineira, sobretudo à microrregião de Viçosa, necessita de benefícios para terem melhores condições de vida no campo pois, dessa forma, não seria necessário deixá-lo e ir em busca de melhores condições de vida na cidade.

Diante destas características podemos fazer um paralelo com o pensamento conservador e tradicional do Karl Mannheim (1986), onde o campo possui as atividades agrícolas pré-capitalistas e o rural como tradição e costumes incontestáveis, que não muda, são fixos. Percebeu-se este conservadorismo nas letras das músicas caipiras e sertanejas que pareciam ter uma mudança de pensamento “progressista”, com a chegada das mulheres no mercado de trabalho. No entanto, a sociedade brasileira, ainda é muito fechada em si mesma, conservadora. Como exemplo, poderíamos analisar a palavra “amor” nas músicas caipiras dos anos 20, 30, 40, assim como o casamento, era sagrado,

profundo e eterno. Atualmente, se analisarmos a mesma palavra, têm um sentido descolado, largado, sem compromissos.

3.2 Procedimentos metodológicos e análise de conteúdo através do Software Iramuteq

Dentre as 200 músicas citadas, 57 foram mencionadas por mais de um radialista, totalizando 143 músicas caipiras e sertanejas que constituíram o universo amostral da pesquisa. Para a análise destas 143 letras de músicas, utilizou-se o software de livre acesso e gratuito Iramuteq (Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires). O Iramuteq constitui um programa que realiza análise textual qualitativa e quantitativamente. O esquema hierárquico de classes (categorias) é chamado de Dendrograma e pode ser compreendido como se fosse uma árvore cuja primeira e principal divisão constitui um tronco, a partir do qual se derivam vários ramos ou classes. Estes constituem agrupamentos de palavras e segmentos de Textos (ST), que apresentam proximidade semântica entre si. Os Segmentos de textos (STs) ‘pedacinhos’ do texto (entrevista, música etc.) que contextualizam o local de onde as palavras presentes no Dendrograma foram retiradas. Quanto mais alto o nível de significância, maior é apresentado o tamanho da palavra em relação às outras palavras que estão na mesma classe.

Da mesma forma que se procedeu à análise das 143 músicas caipiras e sertanejas, utilizou-se, também, o software Iramuteq para analisar, na íntegra, as 20 entrevistas para verificar a opinião dos radialistas, quanto à ruralidade, bem como a ocorrência de mudança na classificação da música caipira e sertaneja. As análises, após a utilização do software Iramuteq, das 20 entrevistas dos radialistas da microrregião de Viçosa-MG, com as duas mencionadas perguntas (sobre quais as 10 músicas mais representativas do rural e por quê?; e 2) se a música caipira-sertaneja mudou e por quê? Dê exemplos), as respostas foram categorizadas em três classes, ou seja, formou-se um Dendrograma ou uma árvore com três ramificações.

A Classificação Hierárquica Descendente (CHD), com o corpus dividido em três classes ou categorias, apresentou 339 Segmentos de Textos (ST), os quais são os pedacinhos coloridos recortados do texto, com um aproveitamento de 75,81% de significância do arquivo. Foram aproveitados 257 segmentos de textos. Com o objetivo de analisar as representações que os radialistas da microrregião de Viçosa-MG possuíam

a respeito da ruralidade nas músicas caipiras e sertanejas, as classes foram analisadas da seguinte forma: o tronco da árvore ou do Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente constituiu o principal ramo, a classe 2, que se subdividiu nas classes 1 e 3. No Dendrograma, a classe 2, ou tronco da árvore, demonstra como a música caipira retrata o homem do campo, por meio das palavras: Tônico, Tinoco, carreiro, dupla, Tião, pardo, José, Daniel, campo, homem, que remetem, principalmente, ao nome de duplas das músicas caipira e sertaneja, as quais trazem, em suas letras, o valor do homem do campo, os modos de vida caipira no campo, um lugar simples, tranquilo, familiar, de paz, de religiosidade, e em presença da natureza. Segundo os radialistas, a música caipira faz a pessoa viajar no tempo, trazendo, entre outras recordações, aquelas memórias da infância na roça, na casa dos avós. Ainda constituem narrativas vividas, relatadas nos costumes, no trabalho duro da roça, a vida do boiadeiro ‘transportando a boiada’, ou seja, relata uma vida simples, de esperança e felicidade, apesar das agruras do sertão.

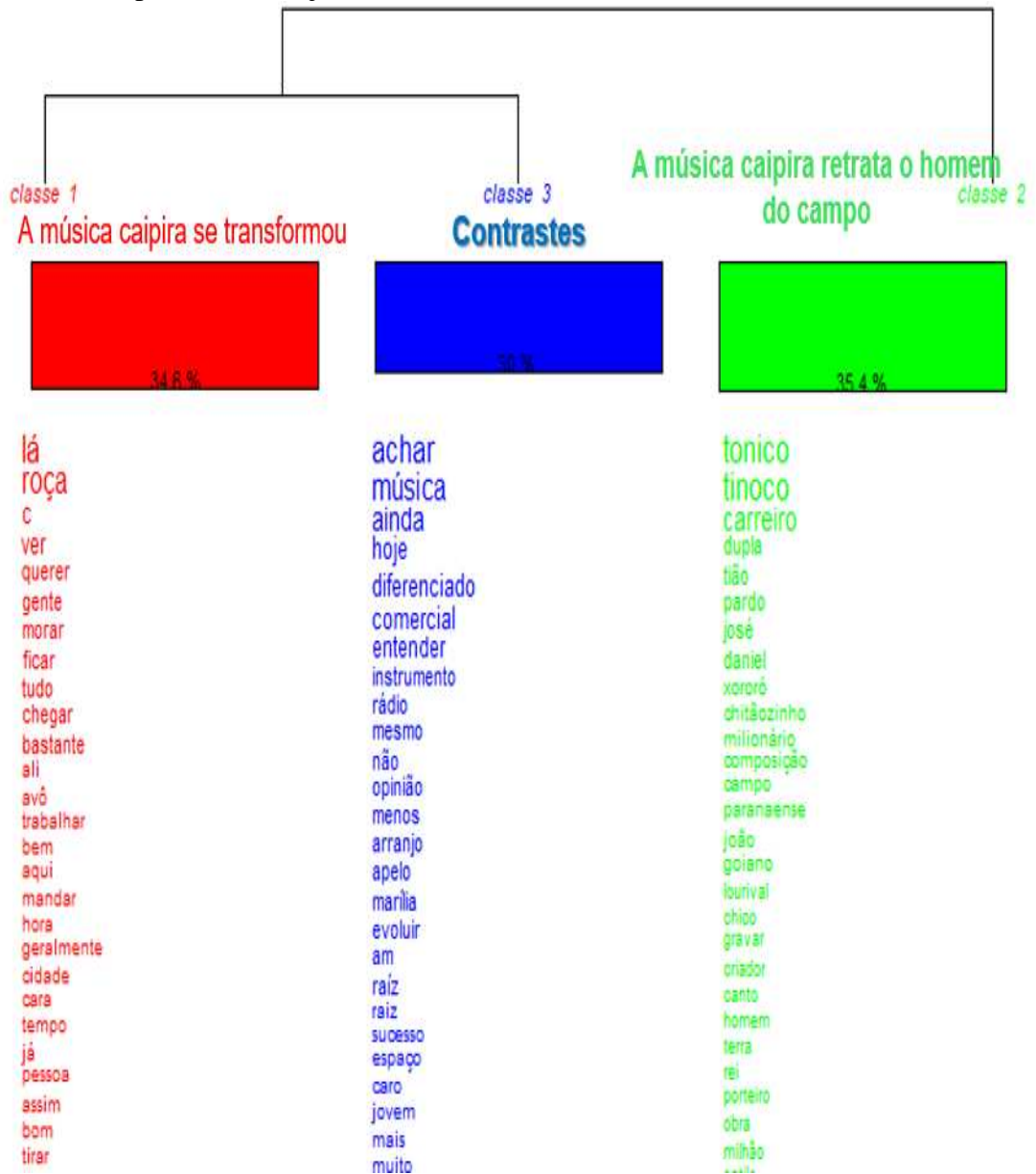
Desse tronco, desmembram-se dois ramos complementares entre si, constituindo as classes 1 e 3. A classe 2 – A música caipira retrata o homem do campo, desmembrou-se em A música caipira se transformou – saiu do campo e foi pra cidade (classe 1) e Contrastes entre a música caipira e a música sertaneja (classe 3). A classe 1, A música caipira se transformou – saiu do campo e foi pra cidade, foi representada pelas palavras: lá, roça, ver, querer, gente, morar, ficar, tudo, chegar, bastante, ali, avô, trabalhar, cidade. Embora o campo seja um lugar tranquilo, de paz, percebe-se, pelos achados nas entrevistas dos radialistas, que o campo ainda está associado a um lugar de atraso onde vêm acontecendo muito furto e violência. Com isso, muitos rurais têm deixado a roça em busca de melhores condições de vida, na cidade; porém, o sonho acaba e a realidade costuma ser pior do que era no campo. Assim, bate a saudade e a vontade de voltar às raízes. No campo, tudo que planta dá e a fartura é tamanha. Não é necessário comprar o alimento, pois muitas vezes ele é obtido da ajuda mútua (CANDIDO, 1954); ao contrário do que se vivencia na cidade, onde é necessário comprar tudo (RAMBAUD, 1969).

Na classe 3 do Dendrograma, chamada de Contrastes entre a música caipira e a música sertaneja, destacam-se as palavras: achar, música, ainda, hoje, diferenciado, comercial, entender, instrumento, rádio, mesmo, opinião, menos, arranjo, apelo. Os radialistas mencionaram as dificuldades que os cantores caipiras e sertanejos encontram no campo, que é um local de música mais folclórica, ou religiosa. Enfatizaram que, por outro lado, os artistas não obteriam sucesso apenas com a “música profana”, nos bailes

na roça. Para se ter sucesso, é necessário ir para a cidade, mesmo contra a vontade, mas essa mudança facilita o sucesso do artista diferenciado, pois há a influência da indústria cultural e mais oportunidades. Embora a música caipira tenha essência e seja “eterna” para os radialistas, para a indústria cultural, a música sertaneja chama mais a atenção dos jovens e, com os seus ritmos, mesmo “sem ter letra”, tornam-se mais comerciais. Daí a transformação da música caipira ou sertaneja de raízes, para a música sertaneja romântica e a sertaneja universitária. Mais recentemente, houve o surgimento do feminejo nas paradas do sucesso.

Quanto às respostas à segunda pergunta (Você acredita que a música caipira-sertaneja mudou? Por quê? Dê exemplos), dos 20 radialistas, 16 disseram que a música caipira e sertaneja mudou. Apenas quatro radialistas disseram que não mudou. Os que disseram que mudou justificaram que a música caipira é a música raiz, que tem essência, conteúdo, histórias de vida, referências à natureza, aos animais e ao homem do campo, e é executada com voz em terças, geralmente, formada por duplas, acompanhada de viola e violão. Já os que disseram que não mudou, argumentaram que a música caipira é “eterna”, não muda. Passe o tempo que passar, a forma de cantar não alterará, pois não há como reinventar a música caipira. Diante da oportunidade de escolherem músicas, tanto sertanejas como caipiras, os radialistas escolheram mais músicas de raiz, e mesmo as sertanejas eram músicas mais voltadas para o campo e aos modos de vida rural. A seguir, na Figura 25, do Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente, representam-se as entrevistas dos radialistas da microrregião de Viçosa, na íntegra.

Figura 25 – Dendrograma com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) – entrevistas com os radialistas da microrregião de Viçosa-MG, a respeito da ruralidade nas músicas caipiras e sertanejas



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No Quadro 5, revela-se, de forma mais detalhada ainda, exemplos das entrevistas dos radialistas da microrregião de Viçosa a respeito da representação do rural e das transformações da música caipira e sertaneja ao longo do processo de modernização da sociedade brasileira, com base nos Segmentos de Textos, no qual consta a distribuição desses traços temáticos, presentes nas músicas caipira e sertaneja, cantadas.

Quadro 5 – Categorias relativas às entrevistas com os radialistas da microrregião de Viçosa-MG

Pergunta 1: “Quais são as dez músicas mais representativas do rural na sua opinião? Por quê?”
Entrevistas que exemplificam a categoria 1 “A música caipira se transformou – saiu do campo e foi pra cidade”
(...) “esse pessoal aí, o sertanejo romântico. Já o sertanejo universitário é aquele negócio, veio o cara da roça e misturou um pouco do sertanejo com o urbano aquela coisa toda, entendeu? Aquele negócio de dançar muito, porque antigamente dançava o forró junto com o outro, agora este negócio de pula pra lá, pular muito, o cara sozinho (...) porque é o seguinte: antigamente é “baile na roça meu bem se dança assim eu agarrado nela e ela agarrada em mim” (...)
(...) “olha hoje tá bem difícil cê fala, porque o pessoal, principalmente do rural aqui por exemplo, está tudo fazendo uma migração pra cidade. Todo mundo tem casa na cidade, às vezes mora aqui mais trabalha lá. Hoje está difícil. Então, o que eu posso falar do pessoal rural né? O pessoal rural hoje tem internet em casa, tem sky em casa, tem tudo quanto há!”
Entrevistas que exemplificam a categoria 2 “A música caipira retrata o homem do campo”
“A música sertaneja raiz é a que representa mais o rural né? Esses novo, os universitários, não representa não no meu pensamento né? O pessoal cresceu com este tipo de música: é Tonico e Tinoco com Moreninha linda, toca em todas as rádios né? Teodoro e Sampaio, Quatro cantos da casa, esse pessoal aí. Tião carreiro e Pardinho Pagode em Brasília, Bruna na viola com A moda da pinga né? Viola e violeiro do Tonico e Tinoco, Gino e Geno Nossa Senhora Aparecida, César e Paulinho Franguinho na panela. Ataíde e Alexandre Vida de caboclo, De Paulo e Paulino Estrelinha e vai por aí né?”
(...) “eu sou antigo e gosto muito do antigo, Saudade da minha terra que fala do campo né? A saída do campo, Recordação, natureza, saudade, Amargurado de Tião carreiro e Pardinho que também né fala do campo. Mourão da porteira, com Tonico e Tinoco, Boiadeiro errante que também fala do homem do campo, vaqueiro né? O cantinho do sertão, Meu velho pai de Sérgio Reis, retrata a família né? Franguinho na panela que fala né, sobre alimentação, o frango que não pode faltar, principalmente nos finais de semana. Tocando em frente, outra música. Tem também Destinos iguais de Tonico e Tinoco, Velha porteira e também, Casa de caboclo de Rick e Renner.
Entrevistas que exemplificam a categoria 3 “Contrastes entre a música caipira e a música sertaneja”
(...) “Olha essas músicas me chama a atenção, me levando a fazer este programa é o conteúdo da letra que tem. Da história que transmitem, não só para os mais velhos, mas também para os jovens”.
(...) “A música caipira tem mais sentimento tem mais cultura entendeu? Agricultura é carregada de simplicidade, muito respeito admiração, a música sertaneja não, um Fio de cabelo no meu paletó não fala do campo, fala de motel, a música diz muito. Eu não gosto da prosa não, eu gosto é do verso”.
Pergunta 2: “Você acredita que a música caipira-sertaneja mudou? Por quê? Dê exemplos.
Mudou
“Mudou. A música caipira tem conteúdo não tem malícia, não tem maldade. Eu me orgulho em ser chamado de caipira. Ser caipira hoje é ser muito rico, embora a música caipira se perdeu”.
“Mudou. Evoluiu pra isso, né? Ela começou com a raiz, pegou uma fase do romantismo e agora o urbanismo né? O sertanejo urbanizado. Hoje é um sertanejo urbanizado na minha opinião, entendeu?”
Não mudou
“Para mim nada mudou. A música sertaneja é uma sequência da música caipira”.
“Eu acho que a verdadeira música raiz ela permanece porque ela tem conteúdo no meu modo de pensar”.
Não souberam responder
“Para mim tem confusão no conceito de caipira, sertanejo e sertanejo universitário”.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Da mesma forma que foi feito com as entrevistas, para complementar a pesquisa, realizou-se a análise das 143 letras das músicas caipiras e sertanejas mencionadas pelos radialistas da microrregião de Viçosa-MG. Foram categorizadas em seis classes, ou seja, formou-se um Dendrograma ou uma árvore com seis ramificações. A Classificação Hierárquica Descendente (CHD), com o corpus dividido em seis classes ou categorias, apresentaram 764 STs que são os pedacinhos coloridos recortados dos textos, com um

aproveitamento de 86,01% de significância do arquivo. Assim, foram aproveitados 123 STs. Com o objetivo de analisar as representações que os radialistas da microrregião de Viçosa-MG possuem, a respeito da ruralidade nas músicas caipiras e sertanejas, procedeu-se à análise da seguinte forma: o tronco da árvore ou do Dendrograma de Classificação Hierárquica Descendente apresentou, como principais ramos, as classes 6 e 5 que se subdividiram nas classes 4 e 1 e também nas classes 3 e 2 (FIGURA 26)

Percebe-se um desmembramento do Dendrograma apresentado na Figura 10, relacionado às entrevistas completas. No Dendrograma, as classes 6 e 5, que são o tronco da árvore, podem ser denominadas de Tradicionalidade da música caipira. A classe 6, especificamente, remete-se A vida no campo, a qual pode ser percebida pelos segmentos de textos e das palavras: boiada, estrada, irmão, boi, boiadeiro, sertão, matar, Chico, violeiro, berrante, caracterizando os modos de vida rural. As músicas caipira e sertaneja, principalmente a música caipira, demonstram os detalhes da vida no campo, narrando as viagens dos boiadeiros conduzindo a boiada, utilizando o berrante e os perigos que eles enfrentam na estrada, pelo sertão afora. Acrescentam a isso o entretenimento dos boiadeiros tocando a viola, cantando as histórias vividas, narrando fatos acontecidos.

Já a classe 5 foi denominada de Contrastes entre o campo e a cidade, a partir dos Segmentos de textos e das palavras: serra, natureza, saúde, botina, verde, galinha, sol, flor, lua, pão, lavrador, queimado, abençoar, jardim, fubá, retratam o campo, o território. O campo nas músicas caipiras e sertanejas foi retratado como um lugar próximo à natureza, próximo à serra, um lugar tranquilo, de paz, saúde, mas também um lugar de atraso. Percebe-se esse atraso através da rusticidade e precariedade no desempenho das tarefas cotidianas. O trabalho do lavrador é penoso. Ele chega a queimar ao sol para produzir o alimento que será consumido no campo e na cidade. Williams (2011) menciona o contraste entre o campo e a cidade, mostrando ser o campo um lugar de refúgio, paz e inocência, mas também um ambiente de atraso, ignorância e limitações. A cidade, por sua vez, é retratada por esse autor como um lugar de instrução, comunicação e luz, mas onde o barulho, a mundanidade e a ganância ocupam largo espaço. Portanto, em relação ao estilo de pensamento nas classes 6 e 5, reflete-se um pensamento tradicional.

Desses troncos, desmembraram-se dois ramos complementares entre si, evidenciando-se as classes 4 e 1 e as classes 3 e 2. As classes 4 e 1 podem ser denominadas de Associação entre campo e cidade, rural e urbano na música caipira e sertaneja, pois há uma complementariedade entre os dois territórios. Na classe 4, os

Segmentos de Textos (ST) e as palavras: Cristo, Jesus, luz, porque, mandamento, esperança, caminho, criança, existir, perto, remetem A Religiosidade e fé caipira. Mesmo na dura vida na roça, o caipira demonstra a fé e a esperança de dias melhores para todos e, principalmente, para as crianças que vêm chegando. Esse tema foi muito recorrente nas letras das músicas caipiras e sertanejas, escolhidas pelos radialistas da microrregião de Viçosa. Nesse sentido, ressalta-se o depoimento de um radialista entrevistado, demonstrando o valor do caipira: “Eu me orgulho em ser chamado de caipira. Ser caipira hoje é ser muito rico”.

O resultado da classe 1, através dos STs e das palavras: acontecer, metade, atrás, mala, mandar, falar, coitado, acabar, passear, duro, procurar, percebe-se a complementariedade entre o campo e a cidade, podendo-se classificá-la como: A música caipira tem essência, conteúdo e lições de vida. Nas letras das músicas caipiras e sertanejas, foram mencionadas as dificuldades em que os caipiras viviam, tendo sido muitos deles obrigados a fazer as malas e tentar uma melhor condição de vida, na cidade. Nepomuceno (1999), em seu livro “Música caipira: da roça ao rodeio”, relata a chegada de um compositor, João Pacífico, que foi obrigado a sair do campo e ir morar na cidade de São Paulo, enfrentando todas as dificuldades possíveis, mas conseguiu vencer e fazer muito sucesso na época. Embora, nem todos tivessem o mesmo caminho do sucesso que João Pacífico conheceu e, muitas vezes, sem condições de retornar ao campo, tornaram-se saudosistas de uma época que passou e não volta mais. Restou-lhes apenas a oportunidade de expressarem suas decepções através de canções. Pode-se constatar a existência de um estilo de pensamento conservador nas classes 4 e 1, pois o campo possui práticas voltadas para a diversificação e oposição ao capitalismo. A cidade é corrupta e poluída; assim, a volta ao campo se constitui na recuperação da ingenuidade e pureza da humanidade - Mito do bom selvagem (MANNHEIM, 1986).

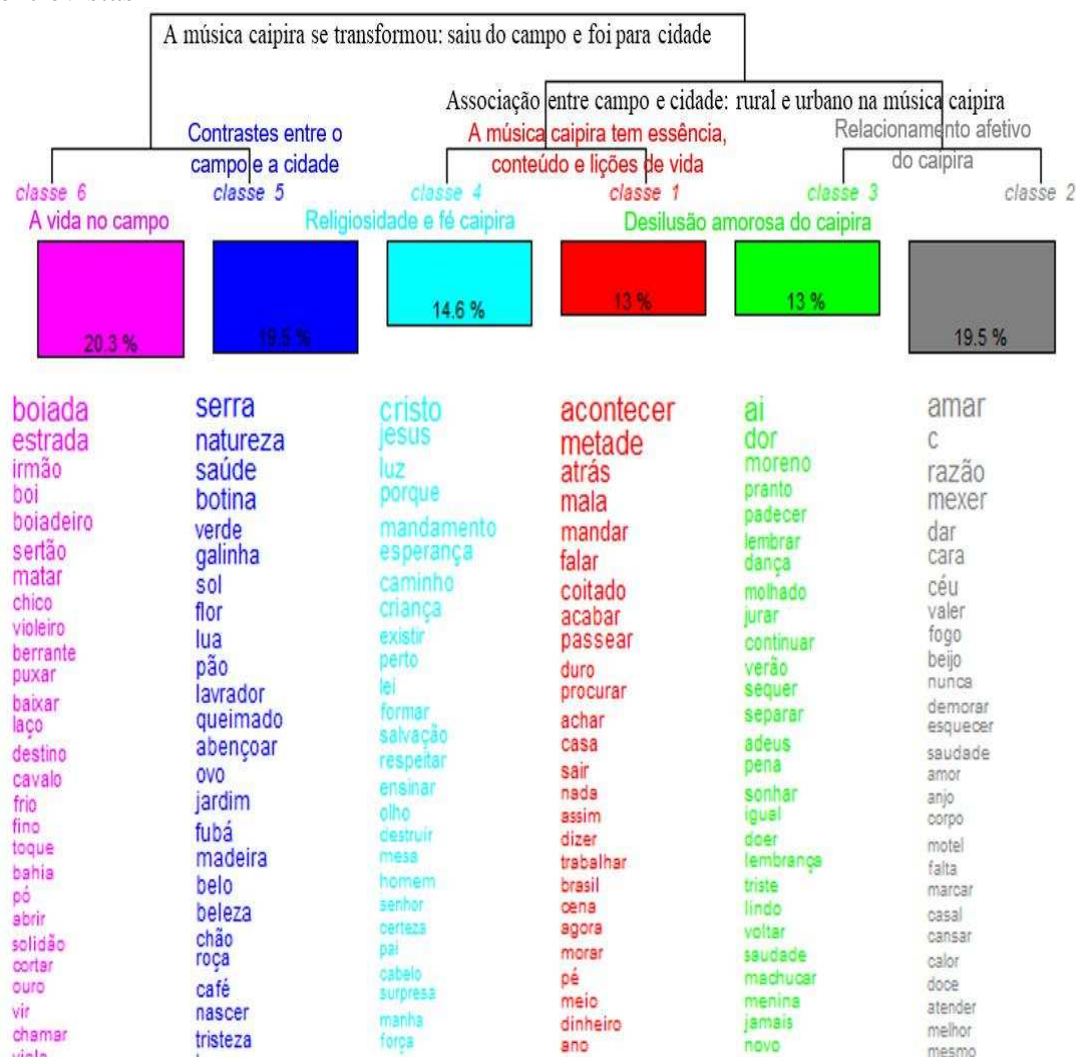
Por fim, a segunda ramificação do tronco do Dendrograma com Classificação Hierárquica Descendente (CHD), composto pelas classes 6 e 5, Tradicionalidade da música caipira, originou também as classes 3 e 2, denominadas Sentimentos, lembranças e saudades. Com base nos STs e nas palavras: ai, dor, moreno, pranto, padecer, lembrar, dança, molhado, jurar, continuar, as músicas caipiras e sertanejas expressam sofrimento, angústia e transformações. Assim, pode-se caracterizar a classe 3 pela Desilusão amorosa do caipira, que, tendo de deixar o amor na roça para ir buscar o sucesso na cidade grande, ou interrompia o relacionamento, ou sofria pela dor da traição após juras de amor que não

foram cumpridas. Muitas vezes, pelo fato de a sociedade estar vivendo um período de ego masculino, essa traição acabara em tragédias, pois, para defender sua honra, o homem cometia o crime passional e era aplaudido por isto. Na música “Cabocla Tereza”, e.g., mencionada pelos radialistas da microrregião de Viçosa-MG, o homem matou a esposa em vingança pela traição cometida e confessou o crime. Segue um fragmento da letra: “O meu sonho nesse oiá, paguei caro meu amor. Pra mór de outro caboclo, meu rancho ela abandonou. Senti meu sangue fervê, jurei a Tereza matá. O meu alazão arriei e ela eu vô percurá. Agora já me vinguei, é esse o fim de um amor. Esta cabocla eu matei é a minha história, dotor”.

Essa ramificação se associa com a classe 1 da Figura 10, classificada como A música caipira se transformou – saiu do campo e foi pra cidade. Já a classe 2, pode ser denominada de Relacionamento afetivo do caipira, através dos STs e das palavras: amar, razão, mexer, dar, cara, céu, valer, fogo, beijo, nunca, demorar, esquecer. As letras das músicas caipiras e sertanejas indicadas pelos radialistas da microrregião de Viçosa-MG, mencionavam a sensualidade, a idealização da mulher amada como por exemplo o trecho da música É o amor de Zezé Di Camargo e Luciano que diz assim: “ Eu não vou negar, você é meu doce mel, meu pedacinho de céu, eu não vou negar (...) É o amor, que mexe com minha cabeça e me deixa assim. Que faz eu pensar em você e esquecer de mim, que faz eu esquecer que a vida é feita pra viver. É o amor que veio como um tiro certo no meu coração. Que derrubou a base forte da minha paixão e fez eu entender que a vida é nada sem você”. Portanto, esse amor que idealizava a mulher amada vai desaparecendo das letras das músicas sertanejas ao longo dos anos. Alonso (2015) mostra essa transformação dos artistas sertanejos, os quais estão mais preocupados em ter mulheres, beber e ter carro, do que amar de verdade. Esse autor menciona o surgimento dos artistas universitários nos anos de 2005, enfraquecendo o poder da indústria cultural e a utilização da internet como forma de divulgação das canções sertanejas.

Percebeu-se, então, a mudança do estilo de pensamento tradicional para um estilo de pensamento conservador, com tendência a progressista pois, nas músicas sertanejas, já não retratam mais o campo, a agricultura, mas os cowboys americanos e um rural estilizado. Porém, as letras das músicas sertanejas mais recentes também mencionam o machismo, valores de uma sociedade ainda conservadora.

Figura 26 – Dendrograma com a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) - sobre as representações que os radialistas da microrregião de Viçosa-MG, têm a respeito da ruralidade nas letras das músicas caipiras e sertanejas mencionadas por eles nas entrevistas



Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

No Quadro 6 são revelados, de forma ainda mais detalhada, exemplos das letras de músicas caipiras e sertanejas indicadas pelos radialistas da microrregião de Viçosa, a respeito da representação do rural para eles. Também, exemplos das transformações da música caipira e sertaneja, ao longo do processo de modernização da sociedade brasileira, com base nos Segmentos de Textos. De acordo com Alonso (2015), no Quadro 6, foi apresentado uma distribuição desses traços temáticos nas letras de músicas caipiras e sertanejas e suas porcentagens desde o surgimento da música caipira em 1929 até os dias atuais, transmitindo sentimentos, história de vida, representações do espaço rural e seus costumes, jeito de falar e sua cultura. Percebeu-se que até 1949, a música caipira e sertaneja permaneceram no mesmo patamar. Com a industrialização à partir dos anos de

1950, inicia-se uma movimentação no mercado musical e a indústria cultural como as gravadoras, por exemplo, procuraram centralizar o poder sobre os artistas e dominar o mercado. Vale ressaltar também que na década de 1970 aproximadamente, houve a importação de ritmos estrangeiros e mudança no jeito de tocar a música sertaneja, com novos instrumentos: bateria, teclados, guitarra elétrica, mas, o “boom” mesmo se deu com a absolvição desta industrialização e modernização, nos anos de 1980, principalmente com a dupla Chitãozinho e Xororó que abriram as portas das rádios FMs, para a música caipira e sertaneja, sendo o marco na transformação deste mercado musical. À partir dos anos de 2000, a música sertaneja universitária ganha as paradas do sucesso, sendo dominado pelo feminejo por volta dos anos de 2015. (OLIVEIRA, 2009; ALONSO, 2015). Ortiz (1991) afirma que o Brasil teve industrialização, mas não teve a modernização. Será? Com isto, o campo foi deixando de ser o palco das músicas caipiras e sertanejas, um local agrícola se transformando em um local industrializado e os modos de vida que outrora eram rurais, passaram a ser urbanos. O rural se transformou, se estilizou (ALEM, 1996; ÉBOLI, 2007).

Quadro 6 – Características das músicas caipiras e sertanejas mencionadas pelos radialistas da microrregião de Viçosa-MG

Categorias relativas às letras de músicas caipiras e sertanejas mencionadas pelos radialistas da microrregião de Viçosa-MG	Porcentagem das Características Musicais Mencionadas pelos Radialistas da Microrregião de Viçosa ao Longo das Décadas									
	1930 - 1939	1940 - 1949	1950 - 1959	1960 - 1969	1970 - 1979	1980 - 1989	1990 - 1999	2000 - 2009	2010 em diante	Total
1- A música caipira tem essência, conteúdo e lição de vida	-	-	-	3 (2%)	3 (2%)	2 (2%)	2 (2%)	-	6 (5%)	16 (13%)
2- Relacionamento afetivo do caipira	-	1 (1%)	1 (1%)	2 (2%)	3 (2%)	1 (1%)	2 (2%)	5 (4%)	7 (6%)	22 (18%)
3- Sentimentalismo amoroso	-	-	1 (1%)	5 (4%)	3 (2%)	3 (2%)	-	-	4 (3%)	16 (13%)
4- A religiosidade e fé caipira	-	-	1 (1%)	-	4 (3%)	3 (2%)	3 (2%)	3 (2%)	4 (3%)	18 (15%)
5- Desigualdades entre o campo e a cidade	1 (1%)	2 (1%)	2 (1%)	1 (1%)	1 (1%)	3 (2%)	6 (5%)	6 (5%)	4 (3%)	26 (21%)
6- A vida no campo	-	1 (1%)	2 (1%)	2 (1%)	7 (6%)	3 (2%)	4 (3%)	4 (3%)	2 (1%)	25 (20%)
TOTAL	1	4	7	13	21	15	17	18	27	123
	1%	3%	6%	11%	17%	12%	14%	15%	22%	100%

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Nos Quadros 7, 8, 9, 10,11 e 12 mostram-se detalhadamente a representação da ruralidade que os radialistas da microrregião de Viçosa têm da música caipira e sertaneja. Para eles, o rural se associa à simplicidade do lugar, à natureza, ao valor que o homem do campo tem para a cidade, como provedor de alimentos e para ter saúde. Uma paisagem rústica, cheia de dificuldades em relação ao trabalho duro da lida cotidiana, mas repleta de sentimentalismos, saudosismos e vontade de voltar no tempo, pois era um período em que os filhos respeitavam mais os pais, ajudavam-se mutuamente nas tarefas. Hoje, o progresso chegou, tanto na cidade como no campo, e os rurais não têm a mesma vida tranquila e sossegada de antes. As tecnologias invadiram o espaço e, aos poucos, quem está na roça quer se dirigir para a cidade, por causa da violência que enfrentam e a falta de segurança no campo. Os jovens não querem mais trabalhar no cabo da enxada, mas, ao contrário, almejam possuir maquinários, grandes extensões de terra e se tornarem grandes fazendeiros do agronegócio.

Quadro 7 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 1 “A música caipira tem essência, conteúdo e lição de vida”

ANO	MÚSICAS
1970	A marca da ferradura. Vou contar o que aconteceu com um rico fazendeiro um homem sem religião o seu deus era o dinheiro foi assim que ele disse no meio dos companheiros na aparecida do norte que é a terra dos romeiros na igreja entro a cavalo nesse meu burrão ligeiro quem quiser fazer uma aposta tenho muitos mil cruzeiro ele teve uma resposta sem demora ali no meio de um véinho religioso que lhe deu esse conseio na aparecida do norte nós devemos ir de joeio o coitado do véinho ele já surrou de reio quero mostrá pra você que de nada eu não receio saio daqui no meu burro só no artar que eu apeio ele saiu de viagem na aparecida chegou era de manhã cedinho quando a missa começou chegando no pé da escada seu burrão arrefugou sua espora sangradeira sem piedade funcionou o burrão foi judiado mais na igreja não entrou se o dono não respeitava seu burrão arrespeitou esta cena verdadeira muita gente presenciou o burro deu um corcove o seu dono ele matou o dinheiro compra tudo mais a morte não comprou a arma do fazendeiro com certeza não sarvou bem na porta da igreja onde o burrão refugou a marca da ferradura lá na escada ficou.
2015	Vaqueiro desprezado. Vou contar uma história, de um vaqueiro afamado. Trabalhou 60 anos, numa fazenda de gado. E depois de ficar velho, do patrão foi desprezado! O patrão disse: Vaqueiro não pode mais campiar, já está velho demais, escute o que eu vou falar, vá procurar outro canto pra você poder morar! O vaqueiro disse Patrão, eu lhe peço um favor. Não tenho casa e nem dinheiro e não sei para onde vou, já que estou velho e cansado, deixa eu morar com o senhor? O patrão disse vaqueiro, estar com a carreira encerrada. Pegue sua rede e seu saco, aqui não lhe devo nada! Lugar de vaqueiro velho, é morrer no meio da estrada! Pegou sua mala e foi, seguindo naquela estrada, deu uma aboi na porteira, correu toda vacarada, urravam como diziam: Fica, meu véi camarada! Os cavalos relinchavam, batendo o pé no mourão. A bezerrama chorava, como quem diz não vai não! E o vaqueiro, coitado, seguiu naquele estradão. Depois que ele saiu, foi que o patrão foi ver, o valor de um vaqueiro, que ele pôde perder. Desde o dia em que saiu, o gado começou a morrer. Ali, naquela fazenda, não tinha mais alegria... Tava se acabando tudo, todo dia boi morria! E o patrão, desesperado, não sabia o quê fazia um dia, o patrão falando e o quê que eu fiz.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

Se percebe nestas letras de músicas mencionadas pelos radialistas da microrregião de Viçosa referentes à essência e lições de vida, um estilo de pensamento que está referendado por um pensamento tradicional, que têm referências fixas no passado. Na primeira música “A marca da ferradura”, mostra os valores da religião e exemplifica com a vida de um rico fazendeiro que tinha o dinheiro como o seu Deus. Não respeitando o velhinho que lhe repreendia para não apostar dinheiro que entraria de qualquer maneira com o seu cavalo na igreja dos romeiros da Aparecida do Norte. Forçando o seu cavalo a entrar na igreja, o fazendeiro foi morto na porta da igreja, mas o seu burro não entrou, deixando a marca da ferradura na escada da igreja. A lição de vida foi que o burro foi mais inteligente e respeitador do que o fazendeiro demonstrando ser um verdadeiro animal. Na segunda música, a lição de vida foi que não se deve maltratar ninguém pois não se sabe quando esta mesma pessoa poderá salvar a sua própria vida ou, seus negócios.

Quadro 8 - Letras de músicas que exemplificam a categoria 2 “Relacionamento afetivo do caipira”

ANO	MÚSICAS
1945	Beijinho doce. Que beijinho doce que ele tem. Depois que beijei ele, nunca mais amei ninguém... Que beijinho doce foi ele quem trouxe de longe pra mim. Se me abraço apertado, um suspira dobrado, que amor sem fim. Coração quem manda, quando a gente ama. Quando estou junto dele, sem dar um beijinho coração reclama. Que beijinho doce foi ele quem trouxe de longe pra mim. Se me abraço apertado, um suspira dobrado, que amor sem fim.
2001	É o amor. Eu não vou negar que sou louco por você. Tô maluco pra te ver eu não vou negar. Eu não vou negar sem você tudo é saudade, você traz felicidade, eu não vou negar. Eu não vou negar, você é meu doce mel, meu pedacinho de céu. Eu não vou negar. Você é minha doce amada, minha alegria, meu conto de fadas, minha fantasia, a paz que eu preciso pra sobreviver. Eu sou o seu apaixonado de alma transparente. Um louco alucinado, meio inconsequente, um caso complicado de se entender. É o amor que mexe com minha cabeça e me deixa assim, que faz eu pensar em você. E esquecer de mim. Que faz eu esquecer que a vida é feita pra viver. É o amor que veio como um tiro certo no meu coração. Que derrubou a base forte da minha paixão e fez eu entender que a vida é nada sem você.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018

Nesta categoria se percebe o amor como um sentimento incondicional, puro que o homem tem em relação à mulher amada e o reconhecimento da dependência do outro. O enaltecimento da mulher amada é mais uma característica dos modos de vida rural e pode ser associado ao pensamento tradicional.

Quadro 9 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 3 “Desilusão amorosa”.

ANO	MÚSICAS
1981	As andorinhas. As andorinhas voltaram e eu também voltei. Pousar no velho ninho, que um dia aqui deixei. Nós somos andorinhas que vão e quem vem à procura de amor. Às vezes volta cansada, ferida, machucada, mas volta pra casa Batendo suas asas, com grande dor. Igual a andorinha eu parti sonhando, mas foi tudo em vão. Voltei sem felicidade porque, na verdade, uma andorinha voando sozinha não faz verão.
2015	A dor da solidão. Chega a madrugada eu pensando nela. Bate o desespero de saudade dela. Entre um gole e outro, acendo um cigarro. Meu Deus como é triste viver separado. Ando pela casa de um lado pro outro. Sinto seu perfume me deixando louco. Numa peça de roupa jogada num canto. Com saudade dela me afogo em meu pranto. E nesta hora bate o desespero. O sonho lindo vira um pesadelo. Já não tenho mais no meu coração a mulher que amo. Meu Deus como é triste a dor da solidão, machuca demais meu pobre coração. Se ela não voltar, juro pra mim mesmo morro de paixão.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018

Quadro 10 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 4 “A religiosidade e fé caipira”

ANO	MÚSICAS
1996	Aos olhos de Deus. Pela fé que tenho em Deus vou dar meu depoimento. Jesus Cristo é o caminho é o nosso livramento. Muito obrigado meu Deus por me resgatar a tempo. A fé alimenta a minha alma e pra manter a minha calma Deus me deu entendimento. Jesus Cristo aqui na terra deixou os seus mandamentos. Estão escritos na Bíblia pra não ter esquecimento. E neles ficaram claros os nossos procedimentos. Quem seguir outros caminhos vai semear os espinhos pro seu próprio ferimento. Igual nossa própria sombra acompanha os movimentos Deus está presente em tudo sabe até meus pensamentos. Todo bem que praticamos pra Deus é um alimento. Quem faz o bem ganha seu ponto no dia do grande encontro, na hora do julgamento. Os olhos de Deus monitoram todos nossos seguimentos. É um satélite divino fazendo rastreamento. A Lei Divina é perfeita Jesus Cristo é cem por cento. Quem querer a salvação na Bíblia tem a lição pra o nosso arrependimento.
2005	Nossa Senhora Aparecida. Ô, Senhora Aparecida, rainha da minha fé. A força de quem é forte, escudo de quem não é. Põe a sua mão sagrada sobre a cabeça da gente. Consolo dos oprimidos, proteção dos inocentes. Nos livre da ignorância que nesse mundo existe. Miséria, violência e fome, nossa verdade mais triste. Ô, Senhora Aparecida, Nossa Senhora Aparecida. És a luz do meu caminho, direção da minha vida. Ô, Senhora Aparecida, olha pra nossas crianças. Nosso fruto inocente precisa de esperança. Precisar crescer na vida em graça e sabedoria porque sonho de menino é acordar no novo dia. Não existe amanhã se o hoje morre agora. Estamos de coração em tuas mãos, virgem Senhora. Ô, Senhora Aparecida, Nossa Senhora Aparecida. És a luz do meu caminho, direção da minha vida. Ô, Senhora Aparecida, não nos deixe perecer, somos um povo que sonha, um povo que reza e crê. Acenda a luz da esperança ao pobre que nada tem. Mostre que a maior riqueza é viver fazendo o bem. Não permita que o homem possa se afastar de Deus. Cuide, mãe Aparecida, dos humildes filhos teus. Ô, Senhora Aparecida, Nossa Senhora Aparecida. És a luz do meu caminho, direção da minha vida. Ô, Senhora Aparecida, que está tão perto do Pai. Me responda, por favor, pra onde esse mundo vai. Mostre a mágica da vida e a força do perdão. O que devemos fazer, pra ganhar a salvação. Porque eu não sei rezar foi que fiz essa canção. Ô, mãe, aceite meu canto como minha oração. Ô, Senhora Aparecida, Nossa Senhora Aparecida. És a luz do meu caminho, direção da minha vida.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

As músicas do Quadro 9 mostram o sofrimento do homem que ama incondicionalmente e vive a sofrer pela perda do amor de sua vida. Da mesma forma que o homem ama, ele se acha no direito de fazer justiça com as próprias mãos em caso de traição da mulher amada. O domínio masculino corresponde assim, mais uma característica da ruralidade e pode ser enquadrada num estilo de pensamento tradicional, que tem bases fixas no passado.

A partir das letras expostas no Quadro 10, percebe-se que o rural, como modo de vida tradicional, se baseia nos costumes e tradições do lugar vivido, os quais não devem ser contestados. É algo fixo, imutável. A religiosidade, a fé cristã em Jesus Cristo e Nossa Senhora expressas nas músicas acima, são costumes no campo e caracterizam o estilo de pensamento tradicional.

Quadro 11 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 5 “Contrastes entre o campo e a cidade”.

ANO	MÚSICAS
2002	Encantos da natureza. Tu que não tiveste a felicidade deixe a cidade e vem conhecer meu sertão querido, meu reino encantado. Meu berço adorado que me viu nascer. Venha mais de pressa, não fique pensando, estou te esperando para te mostrar. Vou mostrar os lindos rios de águas claras e as belezas raras do nosso luar. Quando a lua nasce por detrás da mata fica cor de prata a imensidão. Então fico horas e horas olhando a lua banhando lá no ribeirão. Muitos não se importam com este luar nem lembram de olhar o luar na serra. Mas estes não vivem, são seres humanos que estão vegetando em cima da terra. Quando a lua esconde logo rompe a aurora. Vou dizer agora do amanhecer. Raios vermelhados riscam o horizonte o sol lá no monte começa a nascer. Lá na mata canta toda a passarada e lá na paiada pia o xororó. O rei do terreiro abre a garganta, bate a asa e canta em cima do paiol. Quando o sol esquenta, cantam cigarras em grande algazarra na beira da estrada, lindas borboletas, de variadas cores vem beijar as flores já desabrochadas. Este pedacinho de chão encantado foi abençoado por nosso senhor, que nunca nos deixe faltar no sertão saúde, união, a paz e o amor.
2003	Casa de capim. Fui criado no sertão onde reside a verdade. No meio dos animais da pequena propriedade. Nada faltava lá em casa tinha de tudo à vontade. A família era feliz não conhecia a vaidade. Mudamos nossa rotina, trocamos a lamparina pela eletricidade. Com a chegada da energia foi grande minha emoção. Comprei logo a geladeira, vídeo e televisão. Despertador digital, micro system e fogão. Aposentei o meu galo, forno caipira e violão pelo progresso dopado, vão vi que eu tinha entrado numa rua contramão. As imagens de conforto que mostravam na telinha. Achei que eram verdades, fizeram a cabeça minha. Mudei pra cidade grande antes vendi o que tinha. Tô levando na marmita ovo, feijão e farinha. A barriga está roncando eu sonho saboreando um guizado de galinha. Por causa da ignorância passei a viver assim. As flores da esperança morreram no meu jardim. O pesadelo me arrasa parece que não tem fim. Viver na cidade grande, isto não nasceu pra mim. É uma experiência sem graça, igual colocar vidraça numa casa de capim.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2018.

As pessoas que viveram no campo e se mudaram para a cidade, conforme as músicas acima, demonstram um saudosismo de uma época vivida que não volta mais. Com isto, o desejo de busca ao passado, a volta no tempo, a lamentação do tempo de hoje, a vida junto

à natureza, caracterizam o estilo de pensamento conservador expresso nas letras das músicas da categoria 5 “Contrastes entre o campo e a cidade”.

Quadro 12 – Letras de músicas que exemplificam a categoria 6 “A vida no campo”.

ANO	MÚSICAS
1984	Herói sem medalha. Sou filho do interior do grande estado mineiro. Fui um herói sem medalha na profissão de carreiro. Puxando tora do mato com doze bois pantaneiros. Eu ajudei desbravar nosso sertão brasileiro. Sem vaidade eu confesso do nosso imenso progresso eu fui um dos pioneiros. Vejam só como o destino muda a vida de um homem uma doença malvada, minha boiada consome. Só ficou um boi mestiço que chamava lobisomem por ser preto igual carvão. Foi que eu lhe pus esse nome, mas pouco tempo depois eu vendi aquele boi pros filhos não passar fome. Aborrecido com sorte daí resolvi mudar e numa cidade grande com a família fui morar. Por eu ser analfabeto tive que me sujeitar trabalhar no matadouro para o pão poder ganhar. Como eu era um homem forte nuqueava o gado de corte pros companheiros sangrar. Veja bem a nossa vida como muda de repente, eu que às vezes chorava quando um boi ficava doente. Alí eu era obrigado matar a rês inocente mas certo dia o destino Me transformou novamente. Um boi da cor de carvão pra morrer nas minhas mãos estava na minha frente. Quando eu vi meu boi carreiro não contive a emoção, meus olhos encheram d'água e o pranto caiu no chão. O boi me reconheceu e lambeu a minha mão. Sem poder salvar a vida do boi de estimação, pedi a conta e fui embora desisti na mesma hora dessa ingrata profissão.
2010	Casa de caboclo. Seja bem-vindo nessa casa de caboclo, o que eu tenho é muito pouco aqui neste fim de estrada. Tem um ditado aqui em nosso recanto, que o pouco com Deus é muito e o muito sem Deus é nada. Não repare minha estrada esburacada ela é trilha de boiada, ela é rota de tropeiro. Quando chove é uma lama grudadera, quando é sol vira poeira parecendo um fumaceiro. Seu carro moço é o primeiro que aparece meu cachorro não conhece nunca viu um trem assim. Pode até parecê surpresa pro senhor mais o progresso passou e acho que esqueceu de mim. A minha água vem da fonte não tem cano, café cuado no pano, meu açúcar é rapadura. Mais é da boa feita de cana caiana, o melado dessa cana adoça qualquer margura. Se o senhor não tá com pressa eu vou mandar minha veia preparar um franguinho com quiabo. Aqui na roça eu não tenho o tal do wiski para abrir o apetite, eu vou buscar um esquentarabo. Seu carro moço é o primeiro que aparece meu cachorro não conhece, nunca viu um trem assim. Pode até parecê surpresa pro senhor, mais o progresso passou e acho que esqueceu de mim. Agora que a gente já forrô o peito, se quiser eu dô um jeito pro senhor fazer o quilo. Não se preocupe não tem barulho de nada aqui na minha morada é só passarinho e grilo. Tem uma coisa que eu vou pedir pro senhor, pra me fazer um favor na hora que for embora. Feche a porteira que me serve de escudo para proteger o meu mundo desse mundo lá de fora. Seu carro moço é o primeiro que aparece meu cachorro não conhece, nunca viu um trem assim pode até parecê surpresa pro senhor, mais o progresso passou e acho que esqueceu de mim.

Fonte: Dados da pesquisa, 2018.

A categoria 6 “A vida no campo” caracteriza um estilo de pensamento tradicional pois as letras de músicas demonstram os costumes e tradições das pessoas que vivem no campo que são fixas, não mudam. O respeito e o amor pelos animais a ponto de perder o emprego para não sacrificar o seu antigo boi chamado lobisomem, tornando assim, um herói sem medalha pela sua atitude. O modo de vida rural também é expresso na segunda música como o acolhimento e a confiança com as visitas, a fartura, o respeito com o próximo, a hospitalidade o que caracterizam, um estilo de pensamento tradicional.

Assim, a hipótese de que a música caipira se referia a um estilo de pensamento tradicional, em que os costumes e tradições são fixos, imutáveis e a música sertaneja possuía um estilo de pensamento conservador, tendo uma visão voltada para o passado, foi testada e confirmada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo analisar a representação do ‘campo’ e do ‘rural’ na música caipira e sertaneja, manifestada pelos radialistas da microrregião de Viçosa-MG, pertencentes à Zona da Mata Mineira. A partir das músicas que foram escolhidas por eles nas entrevistas, foi analisado o estilo de pensamento nelas presentes: “Conservador”, “Tradicional” ou “Progressista”.

Notou-se nas músicas caipiras escolhidas pelos radialistas da microrregião de Viçosa a preponderância do estilo de pensamento tradicional, marcadas por letras voltadas para o modo de vida rural, com a valorização da natureza, da religiosidade, dos laços familiares e do amor idealizado. Ao passo que nas músicas sertanejas verificou-se o estilo de pensamento conservador por apresentar nas suas letras um modo de vida urbano-industrial. Para os radialistas da microrregião de Viçosa-MG, as músicas sertanejas foram perdendo a essência do modo de vida rural, causando um saudosismo e o desejo pela volta ao passado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEM, João Marcos. **Caipira e Country**: A nova ruralidade brasileira. Tese de Doutorado. São Paulo, 1996.

ALONSO, Gustavo. **Cowboys do asfalto**: Música sertaneja e modernização brasileira. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

ANTUNES, Edvan. **De caipira a universitário**. São Paulo: Matrix, 2012.

CALDAS, Waldenyr. **O que é música sertaneja?** São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**. Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1964, 33p.

ÉBOLI, Renata do Lago. **Globo Rural**: Mito e Realidade do homem do campo. Dissertação (Mestrado). Universidade Rural do Rio de Janeiro, 2007. 144 p.

FRAGA, Kátia. Trabalho apresentado ao Núcleo Mídia Sonora, do XXVIII Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. **Anais...** Rio de Janeiro, 5 a 8 de setembro de 2005.

FRAGA, Kátia de Lourdes. **O rural em rede: rádio, mídiatização e ruralidade no cotidiano da zona da mata mineira.** Tese (Doutorado). Universidade Federal de Viçosa, 2018.

GOMES, Nayhara F. M. **A mobilidade socioespacial dos rurais e suas expressões cidadinas: uma análise do município de Araponga, MG.** Viçosa-MG, 2015.

GULLAR, Ferreira. Disponível: <http://escolaeducacao.com.br/melhores-poemas-de-ferreira-gullar/>. Acesso: 2 de setembro de 2017.

GRUMBRECHT, Hans U. Nosso amplo presente. **Revista Redescrições** – Revista on line do GT de Pragmatismo Ano 4, Número 1, 2012. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/Redescricoes/article/viewFile/301/279>>. Acesso 12.01.2019.

HALL, S. A. **Questão da Identidade Cultural.** 3. ed. Unicamp, Campinas: 2003.

IBGE (2010). <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/> <acesso disponível 15-08-2018>.

IRAMUTEQ. **Web page Iramuteq.** Disponível em: <http://iramuteq.org/> Acesso em 5 de setembro de 2017.

LECHNER, Norbert. Responde a democracia à busca de certeza? **Revista Lua Nova.** n.14. São Paulo, 1988. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-64451988000100004>>. Acesso: 12.01.2019.

LETRAS. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br>>. Acesso: 01-11-2018.

MANNHEIM, Karl. **O pensamento conservador.** In: MARTINS, José de Sousa (org.). Introdução crítica a sociologia rural. São Paulo: Editora Hucitec, 1986. p. 77-135.

MARTINS, José de Sousa. **A linguagem dos humilhados.** In: Capitalismo e Tradicionalismo: Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil. São Paulo. Pioneira, 1975.

MOREL, Aline Pereira Sales. **Consumo e distinção social no campo cultural da música: um estudo no estado de Minas Gerais.** Universidade Federal de Lavras, 2018.

NEPOMUCENO, Rosa. **Música caipira: da roça ao rodeio.** Goiás: Editora 34, 1999.

OLIVEIRA, Allan de Paula. **Miguilim foi pra cidade ser cantor: uma antropologia da música sertaneja.** Florianópolis, SC, 2009.

ORTIZ, Renato. **Cultura e Modernidade: a França no século XIX.** Editora Brasiliense, 1991.

RECANTO CAIPIRA. Disponível em: <<https://www.recantocaipira.com.br/duplas>>

Acesso: 01-11-2018.

RIBEIRO, José Hamilton. **Música caipira**: as 270 maiores modas de todos os tempos. São Paulo: Globo, 2006.

SILVEIRA, Lidiane Nunes. **Roça, uma marca registrada**: o processo de valorização do rural na sociedade brasileira. Viçosa, MG, 2015.

SOUZA, Viviam Lacerda de. **Senhora de Oliveira, MG: peculiaridades da cultura local nas entranhas da Rádio Comunitária Boa-Nova FM. Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul – v. 15, n. 30, jul./dez. 2016, p. 17-40.

VAGALUME. Disponível em: <<https://www.vagalume.com.br>>. Acesso: 01-11-2018.

VEIGA, J. E. da. **Cidades imaginárias**: o Brasil é menos urbano do que se calcula. Campinas: Autores associados, 2002, 304p.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura; tradução Paulo Henriques Britto. – São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

CONSIDERAÇÕES FINAIS GERAL

A sociedade brasileira passou por intensas transformações no seu processo de modernização, ao longo do qual o campo foi considerado um lugar atrasado, tradicional, ao passo que a cidade um local de prosperidade, vida fácil, instrução e modernidade. O campo era visto apenas como um espaço agrícola, com a função exclusivamente de produzir alimentos a partir da agricultura e da pecuária. Com a expansão do capitalismo nos anos 1980 e 1990, esse espaço foi incorporando tecnologias, maquinários, urbanizando-se, modernizando-se e também aumentando as desigualdades sociais e as diferenças entre o campo e a cidade.

A questão-problema que norteou esta pesquisa, voltou-se para compreender de que forma o ‘campo’, enquanto espaço físico e o ‘rural’ do modo de vida tem sido retratado na música caipira e sertaneja. Para responder tal pergunta, esta dissertação se dividiu em três artigos. No primeiro, buscou-se compreender como a representação do ‘campo’ e do ‘rural’ foram retratados na literatura científica e literária, nas manifestações artísticas e midiáticas. No segundo, analisou-se como as representações de ‘campo’ e ‘rural’ foram retratadas nas letras de músicas caipiras e sertanejas das duplas Pena Branca e Xavantinho, período em que o Brasil ainda era um país com população predominantemente rural, e nas letras de música de Chitãozinho e Xororó, quando o país se tornou industrializado, urbanizado e interconectado pelos meios de comunicação e transporte. Por fim, no terceiro artigo, analisou-se a representação de ‘campo’ e ‘rural’ nas músicas caipiras e sertanejas escolhidas pelos radialistas da Zona da Mata Mineira. A partir daí, identificou-se os estilos de pensamento: “conservador”, “tradicional” e “progressista”, presente nas representações de rural dos mesmos.

Percebeu-se, no primeiro artigo que em meados dos anos de 1990, houve a revalorização do rural, com a tecnificação e a modernização do campo, principalmente, com a presença do agronegócio. Na música sertaneja percebeu-se a representação da vida errante e desgarrada no asfalto, da individualização e solidão nos apartamentos, diante o mundo competitivo. O sertanejo universitário foi conquistando o mercado, mas sem a visão nostálgica do campo que outrora existia. As letras das suas músicas são pautadas pelo mundo subjetivo, pelo “eu” e o apelo romântico. A hipótese 1 que afirmava que a música caipira e sertaneja, acompanha o processo de modernização da sociedade brasileira, deixando o campo e o modo de vida rural de serem retratados nas letras das

músicas, à medida em que o processo de modernização do Brasil avançava', foi comprovada. Foi possível perceber as transformações que a sociedade brasileira passou com a migração do campo para a cidade, as inovações tecnológicas, os rodeios, a passagem da música caipira e sertaneja, com a mudança nas letras das músicas sertanejas, sobretudo as sertanejas universitárias que falam de si e de seu par romântico.

Já o artigo 2, O ocultamento do rural na música sertaneja, objetivou analisar, na música caipira e sertaneja representada pelas duplas Pena Branca e Xavantinho e Chitãozinho e Xororó, os temas cantados por eles, observando-se a intensidade com que os modos de vida rural nelas apareciam. De acordo com os dados da pesquisa, a dupla Pena Branca e Xavantinho, mesmo tendo a oportunidade de se inserir na indústria cultural, preferiu manter as suas raízes, tradições, religiosidade e identidade caipira. Permaneceram tradicionais, inclusive, no jeito de cantar caipira e tocar a viola e o violão. Já a dupla Chitãozinho e Xororó, aderiu à industrialização e se modernizou, trazendo ritmos estrangeiros, como o rock em suas canções, incorporou instrumentos eletrônicos, um visual mais estilizado e a mudança na temática de suas canções. Transformaram-se, trocaram os picadeiros dos circos por grandiosos palcos modernizados. No decorrer da carreira, foram deixando a representação do campo e do rural subsumidos nas suas músicas e incorporaram um sentimentalismo romântico, voltado para o interior do indivíduo que ama e sofre. Essas constatações corroboraram para a confirmação da hipótese 2: 'A representação do espaço geográfico e dos modos de vida se alteram na passagem do período relativo à música caipira para a sertaneja, acompanhando o processo de modernização da sociedade brasileira'. Pena Branca e Xavantinho cantavam características de um modo de vida rural, ou seja, um mundo exterior, enquanto Chitãozinho e Xororó, subsumiram o mundo exterior e adentraram o mundo interior, o mundo dos sentimentos, o mundo do indivíduo, incorporando o amor romântico e sensual nas letras das músicas sertanejas. Já a dupla Pena Branca e Xavantinho cantam o mundo exterior, composto pela natureza, cantam a religiosidade, a exaltação da mulher amada e os laços familiares.

No artigo 3, intitulado Os radialistas e o sentido da ruralidade nos pequenos municípios mineiros, o objetivo foi analisar a ruralidade nas músicas caipiras e sertanejas, sob o olhar dos radialistas da microrregião de Viçosa-MG. A partir da escolha de dez músicas caipiras e sertanejas, pelos radialistas, analisou-se a representação da ruralidade na visão de mundo de cada um deles. Observou-se que preponderou a representação do

campo visto por eles como bucólico, como um lugar de paz, tranquilidade, mas um lugar de atraso e limitações. Já o progresso foi visto como quebrando a tranquilidade, aflorando a violência e a falta de sossego. Os radialistas demonstraram sentimentos de saudosismo de uma época que passou e não volta mais, restando apenas as boas lembranças na memória. As mudanças na música caipira para a música sertaneja, foram caracterizadas como a passagem do autêntico para o falso.

Para os radialistas da microrregião de Viçosa-MG, o campo e o rural, na música caipira, se mostraram tradicionais, rústicos e simples. Valorizaram na música caipira o respeito pela natureza, o amor pelos animais e pela terra, os fortes laços familiares, o respeito à religiosidade, todas características identitárias do caipira. A música sertaneja, por sua vez, na interpretação dos radialistas, faz referência à cidade e aos modos de vida urbanos.

Foi possível concluir, em relação à hipótese 3, que a música caipira e sertaneja foi marcada pelas representações conservadoras, baseando-se no saudosismo de um tempo pretérito, guardado na lembrança. Os radialistas não aceitavam a música sertaneja universitária, a grande maioria afirmou que a música caipira tinha letra, história, essência, conteúdo, falava do homem do campo e de seus costumes e a música sertaneja universitária não tinha essência.

Concluindo, os estudos voltados para a representação do campo e do rural na música caipira e sertaneja demonstram as transformações ocorridas no país ao longo dos anos a partir da industrialização, da urbanização e da modernização da sociedade brasileira. A representação de um campo nostálgico, que ficou para trás, dentro de uma perspectiva conservadora que acha que a vida no campo foi perdida, olha com saudade dos momentos outrora vividos. Essa representação existe, embora tenha perdido grandemente espaço na música sertaneja universitária que fala mais do sentimento do indivíduo fechado em si mesmo. Apesar do saudosismo do campo, sua imagem se associa a um lugar de atraso e limitação, inferior à cidade que tem uma representação de prosperidade, instrução e realizações, apesar do barulho, da violência e falta de sossego.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

TÍTULO DO PROJETO: “A Representação do Espaço e dos Modos de Vida na Música Caipira e Sertaneja ao longo do Processo de Modernização da Sociedade Brasileira”.

Coordenadora da pesquisa (Pesquisador Responsável):

Ana Louise de Carvalho Fiúza

Departamento de Economia Rural tel: (31) 3899-1313 e-mail: louisefiuza@ufv.br

Equipe de pesquisa:

Flaviane de Oliveira Pires Pinheiro

Departamento de Economia Rural tel: (31) 98886-5737

E-mail: Flavianepinheiro2011@hotmail.com

O Sr.(a) está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada “A Representação do Espaço e dos Modos de Vida na Música Caipira e Sertaneja ao longo do Processo de Modernização da Sociedade Brasileira”, a ser realizada pela estudante de Mestrado em Extensão Rural, da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Flaviane de Oliveira Pires Pinheiro, sob a orientação da Professora Ana Louise de Carvalho Fiúza.

Esta pesquisa pretende compreender as transformações pelas quais a sociedade brasileira passa ao longo do seu processo de modernização e a forma como são retratadas na música caipira-sertaneja, sobretudo na microrregião de Viçosa-MG. As letras das músicas caipiras e sertanejas trazem uma representação do “campo como natureza idílica”, do “rural como um modo de vida tradicional” e do “campo e do modo de vida rural como uma contraposição à cidade”, bem como aquelas representações que estilizam o rural, expressam diferentes “estilos de pensamento”. A partir daí, poderá identificar as características do estilo de pensamento (tradicional, conservador ou moderno) nas letras das músicas caipiras e sertanejas.

Essa pesquisa poderá, ainda, possibilitar uma maior compreensão social, cultural e política acerca da sociedade brasileira pelas letras das músicas caipiras e sertanejas sugeridas pelos radialistas. Para esta pesquisa adotaremos os seguintes procedimentos: pesquisa qualitativa de caráter descritivo, na qual serão usados dados primários, coletados por meio das entrevistas com os radialistas da microrregião de Viçosa-MG e dados secundários a serem obtidos por meio de revisão bibliográfica, análise das letras das músicas caipiras e sertanejas no período de 1929 à 2017 e consultas a documentos e materiais disponíveis sobre o tema.

Como forma de contribuir para facilitar a sistematização das informações, as entrevistas com um tempo estimado de 40 minutos, serão gravadas. No entanto, ressaltamos que os áudios e/ou vídeos não serão de nenhum modo divulgados. Além disso, o(a) entrevistado(a) terá plena liberdade para suspender sua participação a qualquer tempo e quando achar conveniente, ou mesmo não responder as perguntas que julgar inadequadas. Com a garantia de que não haverá exposição dos nomes, nem de familiares ou pessoas afins, mantendo assim o sigilo das opiniões dos colaboradores ao trabalho.

Para participar deste estudo o Sr. (a) não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira. Apesar disso, caso sejam identificados e comprovados danos provenientes desta pesquisa, o Sr.(a) tem assegurado o direito à indenização. O Sr.(a) tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa, sem necessidade de comunicado prévio. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na

forma em que o Sr.(a) é atendido(a) pelo pesquisador. Os resultados da pesquisa estarão a sua disposição quando finalizada. O(A) Sr.(a) não será identificado(a) em nenhuma publicação que possa resultar. Seu nome ou o material que indique sua participação não serão liberados sem a sua permissão. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Departamento de Economia Rural/UFV e a outra será fornecida ao Sr. (a). Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa, e depois desse tempo serão destruídos. Os pesquisadores tratarão a sua identidade com padrões profissionais de sigilo e confidencialidade, atendendo a legislação brasileira, em especial, a Resolução 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, e utilizarão as informações somente para fins acadêmicos e científicos.

Eu _____, radialista da _____ concordo em participar da pesquisa “A Representação do Espaço e dos Modos de Vida na Música Caipira e Sertaneja ao longo do Processo de Modernização da Sociedade Brasileira” e fui informado (a) dos objetivos da mesma, de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar se assim o desejar. Recebi uma via original deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar: CEP/UFV - Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Viçosa. Edifício Arthur Bernardes, piso inferior. Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário. CEP: 36570-000 Viçosa-MG. Telefone: (31)3899-2492; E-mail: cep@ufv.br ; www.cep.ufv.br

_____, ____ de _____ de 2018.

Assinatura do(a) Participante

Prof^a Dr^a Ana Louise de Carvalho Fiúza
(Coordenador da pesquisa)

Flaviane de Oliveira Pires Pinheiro
(Mestranda na UFV- Estudante pesquisadora)

APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

PROJETO DE PESQUISA: “A representação do espaço e dos modos de vida na música caipira e sertaneja ao longo do processo de modernização da sociedade brasileira”. –
PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Ana Louise de Carvalho Fiúza – DER/UFV:
Flaviane de Oliveira Pires/bolsista CAPES – DER/UFV

Identificação do entrevistado

Nome:

Radialista da Rádio:

Quanto tempo no exercício da profissão:

PERGUNTAS:

1) Quais são as 10 músicas mais representativas do rural na sua opinião. Por que?

2) Você acredita que a música caipira-sertaneja mudou? Por que? Dê exemplos.

**APÊNDICE C – LISTA DE MÚSICAS ESCOLHIDAS PELOS RADIALISTAS
DA MICRORREGIÃO DE VIÇOSA-MG.**

Número	1ª gravação	Intérpretes	Músicas caipiras e sertanejas
1	2016	Nayara Azevedo	50 reais
2	1999	Lourenço e Lourival; João Mulato e Douradinho	A canga do tempo
3	2016	Lourenço e Lourival	A casa da vovó
4	1987	Chitãozinho e Xororó	A colheita
5	2015	Teodoro e Sampaio	A dor da solidão
6	1963	Liu e Léu; Tonico e Tinoco	A caneta e a enxada
7	2012	Jorge e Mateus	A hora é agora
8	1970	Tonico e Tinoco; Lourival dos Santos e Padre Alexandro Campos	A marca da ferradura
9	1970	Tonico e Tinoco; Teixeira	A moda da mula preta
10	2010	Tião do Carro e Pagodinho	A loira do caixa
11	1999	Tião Carreiro e Pardini e João Neto e Frederico	A vaca foi pro brejo
12	1980	Trio Parada Dura	A vaquinha
13	2016	Trio Parada Dura e Marília Mendonça	Aceita que dói menos
14	1970	Chitãozinho e Xororó	Alô
15	1972	Tião Carreiro e Pardini; Paula Fernandes e Bruno e Marrone	Amargurado
16	1972	Lourenço e Lourival; Filhos de Goiás	Amor distante
17	1996	Goiano e Paranaense; Irmãs Galvão	Aos olhos de Deus
18	1951	Tonico e Tinoco	Aparecida do norte
19	2017	Gustavo Lima	Apelido carinhoso
20	1981	Trio parada dura	As andorinhas
21	1980	Duduca e Dalvan	Atiradora de Elite
22	2011	Gilson e seus teclados	Bambu lascado
23	1945	As Galvão; Irmãs Castro; Tonico e Tinoco; Almir Sater; Barra da Saia	Beijinho doce
24	1949	Tonico e Tinoco; Jacó e Jacozinho	Besta Ruana
25	1977	Trio Parada Dura; Tião Carreiro e Pardini	Boi Tufão
26	1959	Sérgio Reis; Liu e Léu e João Carreiro e Capataz	Boiadeiro errante
27	1940	Tonico e Tinoco; Tião Carreiro e Pardini; Sérgio Reis	Cabocla Teresa
28	1982	Dino Franco e Mouraí; Chitãozinho e Xororó e César Menotti e Fabiano	Caboclo na cidade
29	1978	Trio parada dura	Caminhoneiro
30	2004	Chico Rey e Paraná; Duo Glacial; Praião e Prainha	Canarinho prisioneiro
31	1965	Jacó e Jacozinho	Capa do viajante
32	2010	Rick e Renner; Ataíde e Alexandre	Casa de caboclo
33	2003	Goiano e Paranaense	Casa de Capim
34	1946	Tonico e Tinoco; Sérgio Reis e Chitãozinho e Xororó	Chico mineiro
35	1937	João Pacífico; Sérgio Reis e Tião Carreiro e Pardini	Chico Mulato
36	1973	Zé do Rancho e Zé do Pinho; Chitãozinho e Xororó	Chitãozinho e Xororó
37	1982	Jorge Luiz e Fernando	Chuva na serra
38	1987	Pena Branca e Xavantinho; Sérgio Reis	Cio da terra

39	2006	May e Karen	Coração de osso
40	2016	Zezé di Camargo e Luciano	Cotovelo vai doer
41	1996	Sérgio Reis; Tião Carreiro e Pardiniho e Tonico e Tinoco; Liu e Léu	Couro de boi
42	2017	Henrique e Juliano	De trás pra frente
43	1961	Tonico e Tinoco; Duo Glacial e Chico Rey e Paraná; Chitãozinho e Xororó	Destinos iguais
44	2017	Zé Felipe	Doidinha
45	2001	Zezé di Camargo e Luciano	É o amor
46	2002	Daniel e Zé Camilo; Tião Carreiro e Pardiniho	Encanto da natureza
47	1990	Leandro e Leonardo	Entre tapas e beijos
48	1977	Milionário e José Rico	Estrada da vida
49	1969	Di Paulo e Paulino (Marília Mendonça)	Estrelinha
50	2017	Marcus e Belutti	Eu era
51	1990	Chitãozinho e Xororó	Evidências
52	2011	Mateus e Kauan	Exclusividade
53	2003	Sérgio Reis	Filho adotivo
54	1982	Chitãozinho e Xororó	Fio de cabelo
55	2013	Lourenço e Lourival	Fim da humanidade
56	1978	Cascatinha e Inhana	Flor de cafezal
57	1987	Chitãozinho e Xororó	Fogão de lenha
58	1990	Lázaro de Reis	Folia de Reis
59	1999	Lourenço e Lourival	Franguinho na panela
60	2003	Rio Negro e Solimões	Frio da madrugada
61	2014	Tião Reis e Zé Mineiro	Gente da roça
62	1984	Felipe e Falcão; Tião Carreiro e Pardiniho	Herói sem medalha
63	2017	Gustavo Mioto	Impressionando os anjos
64	2016	Marília Mendonça	Infiel
65	2001	Mazinho Mendonça	Instrumental gaúcho
66	1974	Sérgio Reis; Jacó e Jacozinho	João de barro
67	1962	José Fortuna; Sérgio Reis	Lembrança
68	1978	Tião Carreiro e Pardiniho	Laçador de cachorro
69	2008	Maria Bethânia; Lourenço e Lourival	Lua Branca
70	1959	Vicente Celestino; Maria Bethânia; Chitãozinho e Xororó; Pena Branca e Xavantinho; Luiz Gonzaga; Sérgio Reis; Tonico e Tinoco e Vicente Celestino	Luar do sertão
71	1989	Liu e Léu	Mãe amorosa
72	2006	Lourenço e Lourival; Daniel; João Neto e Gabriel	Mala amarela
73	1975	Sérgio Reis; Lourenço e Lourival e Pedro Bento e Zé da Estrada	Mágoa de boiadeiro
74	1976	Filhos de Goiás	Maria de Fátima
75	1955	Sérgio Reis; Trio Parada Dura; Jacó e Jacozinho; Tião Carreiro e Pardiniho; Liu e Léu	Menino da porteira
76	1952	Cascatinha e Inhana; Irmãs Galvão; Bruno e Marrone	Meu primeiro amor
77	2003	Goiano e Paranaense; Lourenço e Lourival	Meu recanto, meu paraíso
78	1981	Lourenço e Lourival; Daniel e Zé Camilo	Meu reino encantado

79	1997	Lourenço e Lourival; Tião Carreiro e Pardiniho; Zé do Rancho e Zé do Pinho	Meu sítio, meu paraíso
80	1980	Sérgio Reis; Leo Canhoto e Robertinho; Lourenço e Lourival; Tião Carreiro e Pardiniho; Padre Alessandro Campos e Carmem Silva	Meu Velho pai
81	1953	Inezita Barroso; Bruna Viola	Moda da pinga
82	2017	Nayara Azevedo	Mordida, beijo e tapa
83	1960	Tonico e Tinoco; Chitãozinho e Xororó	Moreninha linda
84	1952	Tonico e Tinoco; Liu e Léu e Jacó e Jacozinho	Mourão da Porteira
85	2017	Edson e Udson	Não deixa não
86	1931	Chitãozinho e Xororó; Almir Sater e Ary Barroso	No Rancho fundo
87	2005	Rick e Renner; Gino e Geno	Nossa Senhora Aparecida
88	1978	Trio parada dura; Valderi e Misael e Tião Carreiro e Pardiniho	O carro e a faculdade
89	1975	Jacó e Jacozinho	O filho do pobre
90	2000	Ronaldo Gomes	O machado destruidor
91	2004	Matogrosso e Mathias	O matuto
92	1964	Liu e Léu; Tião Carreiro e Pardiniho	O mineiro e o italiano
93	2017	Gino e Geno	O molhado da saudade
94	2000	Goiano e Paranaense	O poder do criador
95	2014	César e Paulinho	O povo fala (que mal que tem)
96	1976	Leo Canhoto e Robertinho	O presidente e o lavrador
97	2017	Leo Magalhães	O Primeiro beijo
98	2014	Padre Alessandro Campos	O que é que eu sou sem Jesus
99	1970	Leo Canhoto e Robertinho; Edson e Udson	O último julgamento
100	1999	Chitãozinho e Xororó; Leo Canhoto e Robertinho; Sérgio Reis	Obras de poeta
101	2002	Leide e Laura	Obrigado
102	1994	Don e Ravel; César e Paulinho	Obrigado ao homem do campo
103	2017	Leo Magalhães	Oi
104	1993	Christian e Ralf; Zezé de Camargo e Luciano	Olhos de luar
105	1960	Tião Carreiro e Pardiniho; João Neto e Frederico; Victor e Léo	Pagode em Brasília
106	1995	Os dois mineiros; Tião Carreiro e Pardiniho	Paixão mineira
107	1967	Teixeirinha	Parabéns
108	1953	Chico Rey e Paraná; Abel e Caim	Pé de Ipê
109	2016	Amado Batista	Peão de obra
110	2017	Lourenço e Lourival	Pedido de um pai
111	2017	Nayara Azevedo	Pegada que desgrama
112	2002	Zé Carreiro e Carreirinho	Peito sadio
113	1982	Teoro e Sampaio	Pitoco
114	1998	João Paulo e Daniel e Rick e Renner	Poeira da estrada
115	1980	Tião Carreiro e Pardiniho; Daniel; Cacique e Pagé; Sérgio Reis; Liu e Léu	Prato do dia
116	2003	Leonardo e Eduardo Costa e Amado Batista	Princesa
117	2011	Teodoro e Sampaio; João Mulato e Douradinho e Djalma di Lima e Biro Biro	Quatro cantos da casa

118	1954	Tonico e Tinoco	Recado
119	2000	Irmãs Galvão	Recordações
120	1967	Tião Carreiro e Pardiniho; Sérgio Reis	Rei do gado
121	1985	Cacique e Pagé	Resto de comida
122	1970	Almir Sater; Martinho da Vila; Tião Carreiro e Pardiniho; Chitãozinho e Xoró; Sérgio Reis	Rio de lágrimas (Rio Piracicaba)
123	1997	César e Paulinho	Roceiro de Deus
124	1999	Renato Teixeira; João Mineiro e Marciano	Romaria
125	1983	Irmãs Barbosa; Lourenço e Lourival	Sanfona Xonada
126	1966	Michel Teló; Sérgio Reis; Belmonte e Amaraí e Jorge e Mateus	Saudade da minha terra
127	1995	Zezé di Camargo e Luciano; César Menotti e Fabiano e Seu Maxixe	Sem medo de ser feliz
128	2012	Rick e Renner	Sonhando
129	1978	João Carreiro e Capataz e Liu e Léu	Sonho de caboclo
130	1975	Filhos de Goiás	Tchau Maria Helena
131	2005	Belmonte e Amaraí	Terra querida
132	2018	Mateus e Kauan	Tô com moral no céu
133	1991	Almir Sater	Tocando em frente
134	2002	Tião Carreiro e Pardiniho e Almir Sater	Travessia do Araguaia
135	1947	Tonico e Tinoco; Sérgio Reis; Inezita Barroso e Renato Teixeira; Zezé Di Camargo e Luciano; Almir Sater	Tristeza do jeca
136	1962	Nonô e Naná	Uma casa de caboclo
137	1981	Milionário e José Rico; Sérgio Reis e Carlos César e Cristiano	Vai e vem do carreiro
138	2015	Amado Edilson	Vaqueiro desprezado
139	1951	Chico Rey e Paraná; Humberto e Marçal e Lourenço e Lourival	Velha porteira
140	1999	Milionário e José Rico	Vermelho leite
141	1998	Ataíde e Alexandre	Vida de caboclo
142	1998	Zé di Camargo e Luciano	vida, viola e violeiro
143	1977	Tonico e Tinoco	Vingança do Chico Mineiro